

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Alisson Xavier Ferreira

**SONHO OU REALIDADE? ENSINO SUPERIOR E
MERCADO TRABALHO NA PERSPECTIVA ESTUDANTIL
FRENTE A IMPLANTAÇÃO DO ENSINO MÉDIO EM UMA
ESCOLA TÉCNICA**

Taubaté – SP

2025

**Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi
Universidade de Taubaté – UNITAU**

F383s Ferreira, Alisson Xavier

Sonho ou realidade? ensino superior e mercado trabalho na perspectiva
estudantil frente a implantação do ensino médio em uma escola técnica /
Alisson Xavier Ferreira. -- 2025.

105 f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté, Pró-reitoria de
Pesquisa e Pós-graduação, 2025.

Orientação: Profa. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro, Departamento
de Ciências Sociais e Letras.

Coorientação: Profa. Dra. Marcela Boni Evangelista, Pró-reitoria de
Pesquisa e Pós-graduação.

1. Sonho. 2. Contrarreforma do Ensino Médio. 3. Escola Técnica.
4. História Oral. I. Universidade de Taubaté. Programa de Pós-graduação
em Educação. II. Título.

CDD – 370

Alisson Xavier Ferreira

**SONHO OU REALIDADE? ENSINO SUPERIOR E
MERCADO TRABALHO NA PERSPECTIVA ESTUDANTIL
FRENTE A IMPLANTAÇÃO DO ENSINO MÉDIO EM UMA
ESCOLA TÉCNICA**

Dissertação apresentada à Universidade de Taubaté, requisito para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Políticas Educacionais e Inclusão Escolar e seu Impacto no Contexto Escolar

Linha Pesquisa: Inclusão e Diversidade Sociocultural

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Suzana Lopes Salgado Ribeiro

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Marcela Boni Evangelista

Taubaté – SP

2025

SONHO OU REALIDADE? ENSINO SUPERIOR E MERCADO TRABALHO NA PERSPECTIVA ESTUDANTIL FRENTE A IMPLANTAÇÃO DO ENSINO MÉDIO EM UMA ESCOLA TÉCNICA

Dissertação apresentada à Universidade de Taubaté, requisito para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Políticas Educacionais e Inclusão Escolar e seu Impacto no Contexto Escolar

Linha Pesquisa: Inclusão e Diversidade Sociocultural

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Suzana Lopes Salgado Ribeiro

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Marcela Boni Evangelista

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. (a) Dr. (a) Suzana Lopes Salgado Ribeiro - Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof. (a) Dr. (a) Marcela Boni Evangelista - Universidade de Campinas

Assinatura _____

Prof. (a) Dr. (a) Andrea Paula dos Santos Oliveira Kamensky

Assinatura _____

Prof. (a) Dr. (a) Mariana Aranha de Souza

Assinatura _____

**Taubaté – SP
2025**

Este trabalho dedico primeiramente a Deus; ao meu marido Denílson, por sempre estar ao meu lado dando suporte; a minha filha Eduarda que, mesmo nos momentos nos quais estava distante, colaborou com meu crescimento profissional; aos meus pais Tarcísio e Augusta, que puderam proporcionar amor e carinho ao longo do meu percurso acadêmico; em especial a minha vó Benedita (*in memoriam*), que com seu amor e carinho nunca me deixou desistir nas dificuldades enfrentadas na vida; a minha tia Zilda (*in memoriam*), por todo amor e carinho ao longo da minha vida e pelo abraço e o beijo mais carinhoso; vó e tia: vocês sempre vão estar em meu coração.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por acordar todos os dias e acreditar nos meus sonhos, pela capacidade de estudar e por Ele nunca me abandonar nos meus momentos mais difíceis.

À professora Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro, pela excelente orientação no desenvolvimento deste trabalho, pelo carinho com o qual auxiliava, pelos ensinamentos proporcionados e por sua paciência comigo nos momentos de maiores angústias no desenvolvimento do Mestrado. Também agradeço à Professora Marcela Boni Evangelista, co-orientadora e parceira nesse processo de pesquisa.

Aos professores do Mestrado, por todo o ensinamento e incentivo. Aos colegas do curso, por preciosas trocas de informações, pelos nossos grandes momentos de união e companheirismo, onde fomos agraciados com a amizade, e pelas inúmeras risadas em nossos momentos de descontração.

Aos meus pais, por me ensinarem que a maior herança é o estudo e por nunca medirem esforços para o meu sonho se tornar realidade.

À minha família, principalmente à minha filha e ao meu marido, por todo carinho e apoio recebidos e pela compreensão em razão das ausências necessárias ao longo dessa jornada.

Você nunca sabe a força que tem. Até que a sua única alternativa é ser forte.

(JOHNNY DEPP)

RESUMO

Diante da relevância da metodologia da história oral no contexto da pesquisa qualitativa, esta pesquisa teve por objetivo analisar as narrativas dos alunos do ensino médio técnico, bem como quais realidades se apresentam como limitadoras ou não de ingresso no Ensino Superior ou no mundo do trabalho. A presente pesquisa apresenta as perspectivas dos alunos do 3º ano do Ensino Médio de uma escola técnica do Vale do Paraíba no interior do estado de São Paulo, sobre seus sonhos e as realidades de vida, buscando entender quais são os seus sentimentos, medos e angústias com relação ao “novo” modelo de ensino e com o futuro que os aguarda após a conclusão do curso. O estudo foi realizado com base em uma metodologia qualitativa, baseando-se nos procedimentos da história oral e utilizando como instrumentos questionários e entrevistas. O trabalho de produção de informações foi dividido em duas partes, sendo a primeira a apresentação de um roteiro com questionário no qual foi abordado dados sociodemográficos; em seguida, houve a seleção de dois alunos de cada turma (seis ao total), sendo dois alunos do ensino médio integrado ao técnico em Administração, 2 alunos do ensino médio integrado ao curso técnico em eletrônica, 2 alunos do ensino médio integrado ao curso de desenvolvimento de sistemas, para participar de entrevistas de história oral, guiadas por um roteiro de perguntas abertas. Os resultados foram analisados por meio da triangulação de métodos, servindo e adequando-se a determinadas realidades e fundamentos interdisciplinares, divididos em três fases: transcrição das respostas das entrevistas com os alunos; avaliação e diagnóstico de informações produzidas na primeira fase; e, por fim, a fundamentação teórica das devolutivas obtidas dentro da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Sonho; Contrarreforma do Ensino Médio; Escola Técnica; História Oral.

ABSTRACT

Given the relevance of oral history methodology in the context of qualitative research, this research aimed to analyze the narratives of technical high school students, as well as which realities present themselves as limiting or hindering their entry into higher education or the world of work. This research presents the perspectives of third-year high school students at a technical school in the Paraíba Valley, in the interior of São Paulo state, regarding their dreams and life realities, seeking to understand their feelings, fears, and anxieties regarding the "new" educational model and the future that awaits them after graduation. The study was conducted using a qualitative methodology, drawing on oral history procedures and using questionnaires and interviews as instruments. The data collection work was divided into two parts: the first was the presentation of a questionnaire that addressed sociodemographic data; the second was the presentation of a questionnaire that addressed sociodemographic data. Next, two students from each class (six in total) were selected: two high school students integrated into the Business Administration technical program, two high school students integrated into the Electronics technical program, and two high school students integrated into the Systems Development program. They participated in oral history interviews guided by an open-ended question script. The results were analyzed through triangulation of methods, tailored to specific realities and interdisciplinary foundations. The results were divided into three phases: transcription of the responses from the interviews with the students; evaluation and diagnosis of information produced in the first phase; and, finally, the theoretical foundation of the feedback obtained within the research..

Keywords: Dream, High School, Technical School, Oral History

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.....	25
Tabela 2.....	27
Tabela 3.....	29

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1.....39

Gráfico 2.....44

Gráfico 3.....45

Gráfico 4.....46

Gráfico 5.....52

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DO MEMORIAL	22
1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Relevância do Estudo / Justificativa	16
1.2 Delimitação do Estudo	17
1.3 Problema	19
1.4 Objetivos	19
1.4.1 Objetivo Geral	19
1.4.2 Objetivos Específicos	19
1.5 Organização do Projeto	20
2 REVISÃO DE LITERATURA	21
2.1 Panorama dos Estudos sobre Sonho, ensino médio, escola técnica, história oral	21
2.2 Teses e dissertações sobre o tema	22
2.3 Sonhos e Realidade	27
2.4 Estudantes de ensino médio de escola técnica	28
3 METODOLOGIA	30
3.1. Participantes	31
3.2. Instrumentos de Pesquisa	32
3.3. Procedimentos para Produção de Informações	33
3.4. Procedimentos para Análise de informações	35
3.4.1 Questionário	35
3.4.2 Entrevista	36
4 NOSSOS COLABORADORES E SUAS NARRATIVAS	
4.0.1 Gustavo	39
4.0.2 Maria	43
4.0.3 Tarcisio	47
4.0.4 Zilda	51
4.0.5 Marcelo	53
4.0.6 Enzo	55

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	57
5.2 Percepções e expectativas dos alunos referentes a sua formação e a continuidade dela	58
5.2.1 Raça	59
5.2.2 Classe	62
5.3 Expectativas dos alunos e dificuldades vividas no Ensino Médio Técnico	66
5.3.1 Sonhos e expectativas	66
5.3.2 “Novo Ensino Médio”	69
5.3.3 - Ensino Técnico	73
5.4 - Universidade dentro da escola	77
CONCLUSÃO	86
REFERÊNCIAS	89
ANEXO I - QUESTIONÁRIO	93
ANEXO II - ROTEIRO ENTREVISTAS	97
APÊNDICE	105

APRESENTAÇÃO

Falar sobre adolescência no século XXI requer posicionamento social, político e pedagógico. Trata-se de um exercício que envolve retomar memórias pessoais e direcionar um olhar empático e comprometido com um grupo que vivencia fase peculiar da trajetória de vida. Não por acaso, este trabalho tem como cenário principal o ambiente escolar, afinal é onde adolescentes passam a maior parte das horas de seus dias, não apenas em funções educativas, mas também estabelecendo vínculos, experienciando desafios e construindo sonhos.

Para elaborar este projeto de mestrado, foi necessário voltar no tempo e produzir uma narrativa própria sobre minha experiência enquanto adolescente e estudante, bem como a escolha pelos caminhos da docência. Ser professor é, neste sentido, acreditar no potencial da educação, sem ignorar os inúmeros desafios vividos profissionalmente. É também um ponto de vista privilegiado para observar as vivências de grupos de estudantes em formação. Por fim, é necessário reconhecer tais condições como passíveis da produção de novos conhecimentos.

Desta forma, a trajetória do autor se conecta às propostas da pesquisa, a qual tem como objetivo compreender as relações entre as realidades vivenciadas por estudantes do Ensino Médio e os sonhos por estes construídos nesta fase da vida. Afinal, o que é sonhado tem bases realistas para se concretizar? Para tanto, é necessário delinear o contexto em que o projeto foi desenvolvido, a fim de possibilitar estudos comparativos com outras realidades, identificando convergências e singularidades.

Diante dos desafios recentes propugnados pela implementação do que foi batizado pela propaganda governamental como “Novo” Ensino Médio, o projeto de pesquisa idealizado previu se debruçar sobre as turmas que cursavam o terceiro ano do Ensino Médio em uma ETEC do interior do Estado de São Paulo. Tais apontamentos são essenciais para compreender os desdobramentos da pesquisa, que utilizou diversas estratégias para coletar informações e produzir resultados.

A escolha pelo terceiro ano pretende abordar a dimensão dos sonhos e das realidades em momento marcado pela transição que encerra o período da Educação Básica e introduz este grupo de jovens na realidade para além da escola, geralmente imediatamente associada ao mercado de trabalho. O fato da escola ser de ensino técnico reforça tais preocupações,

uma vez que a procura por vagas nestes estabelecimentos de ensino tem como suporte justamente a facilitação e o acesso ao mundo do trabalho.

No entanto, o momento em que nos dedicamos ao projeto de pesquisa remete a desafios específicos, dentre os quais destacamos o momento pós-pandemia e a implementação recente do NEM. No que diz respeito à pandemia de Covid-19, é preciso ressaltar que os estudantes que cursavam o terceiro ano do Ensino Médio em 2024, momento de aproximação para a realização do trabalho, ingressaram nesta etapa do ensino durante a fase de isolamento social, quando o processo seletivo consistiu na análise de seus históricos escolares e não como é mais recorrente, por meio de provas. Além disso, a incerteza que contornou este período é algo que merece atenção ao abordar temáticas que envolvem expectativas de futuro.

Em relação ao NEM, cabe enfatizar que desde sua elaboração fora uma proposta envolta por intensos debates, sobretudo aqueles que envolvem os objetivos de formação concernentes ao Ensino Médio. Falamos de continuidade e posterior ingresso na universidade ou restringimos este processo a uma formação estritamente voltada para a atuação profissional? Mais que isso, como os jovens se veem neste contexto?

Pensando nisso, a presente dissertação tem como ponto de partida a narrativa pessoal de seu autor para, então, apresentar o contexto da escola que serve de cenário para a realização da pesquisa, suas especificidades e, mais amplamente, a atual conjuntura ligada à educação no que se refere ao Ensino Médio. O foco do estudo, no entanto, é o grupo de adolescentes que cursam o terceiro ano do Ensino Médio e, portanto, adentraremos seu universo por meio de relatos elaborados a partir da metodologia de história oral. As falas dos estudantes nos servirão de faróis para iluminar os elementos que pretendemos analisar, especialmente quais são os sonhos e as realidades que convivem com este momento de suas trajetórias.

APRESENTAÇÃO DO MEMORIAL (De estudante a professor: a trajetória do autor)

Fui o primeiro da família com uma formação em curso superior e sou o mais velho entre três filhos dos meus pais, André sendo filho do meio e a caçula chamada Talita. Minha mãe Augusta e meu pai Tarcísio criaram seus filhos com muito sacrifício, minha mãe

trabalhou longos anos como empregada doméstica para suprir as necessidades da nossa família, saindo de casa todos os dias às 6h e retornando às 16h, isso por longo 10 anos de nossas vidas. Meu pai, no começo da vida de casado, trabalhava em uma fazenda de vacas leiteiras, após 12 anos neste emprego, começou seu trabalho em uma indústria como torneiro mecânico, atuava nesta pequena indústria de Plástico na cidade de Piquete-SP. O empenho deles em minha formação foi um ponto muito importante. Meus pais sempre lutaram pela minha formação, pois eles não concluíram o ensino fundamental por falta de recursos financeiros e por necessidade de trabalhar para auxiliar meus avós na criação dos irmãos menores. A primeira lembrança que tenho da vida escolar, foi em uma escola particular, meu pai me levava e buscava todos os dias de bicicleta, em dias mais quente, parávamos em uma sorveteria para comprar picolé de coco, outra lembrança que tenho, foi quando estava nesta mesma escola no segundo ano do ensino fundamental, fui colocado na fileira dos alunos chamados “fracos”, hoje procuro entender que seria a fileiras de alunos que necessitavam de mais atenção. Após este período, por questões financeiras, fui transferido para uma escola pública, Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Professor Leonor Guimarães, há dois momentos que me marcaram nesta escola, primeira foi ao chegará, por conta de algumas marcas no rosto, meus pais foram chamados pela professora e questionados se era contagioso, foi um momento de grande tristeza da minha mãe, pois se tratava apenas de manchas na pele. O segundo momento, se passou em uma semana que chuvia, tinha apenas um tênis para ir na escola, o mesmo molhou, assim tinha que ir com tênis com “mau cheiro” nos pés, e uma das colegas de classe mencionou que se tratava de mim, foi um sentimento de muita tristeza e vergonha.

Ao concluir o Ensino Médio, fiz a inscrição em um projeto do Estado de São Paulo, no qual era oferecido curso de Manutenção e Operação de computadores pelo Senac de Guaratinguetá. Foram seis meses de curso com aulas todos os dias; logo após esse período, ingressei no Exército Brasileiro na cidade de Itajubá – MG, ficando ali por cerca de seis meses no 4º Batalhão de Engenharia de Combate.

Ao concluir meu período ali, prestei o vestibular na Universidade Salesiana de Lorena e o curso escolhido foi Administração com Ênfase em Comércio, minha mãe, além de trabalhar em casa de família, vendia “geladinho” para cobrir meus gastos com transporte durante os seis primeiros meses de faculdade, foram quatro anos maravilhosos em minha

vida, pois era uma sala super prestativa e comprometida, ainda tenho contato da grande maioria dos colegas que ali fiz. Ao longo dessa etapa, entreguei currículo em diversas empresas na cidade de Lorena e Região. No entanto, o estágio veio, no primeiro semestre, na própria Faculdade que eu cursava, com um auxílio de 50% de desconto na mensalidade. Fiquei ali seis meses, pois logo após este período consegui um outro estágio em uma rede de farmácias na Cidade de Lorena, como estagiário fiquei por um período de 1 ano, fui efetivado como operador de caixa, assim foi por cerca de 2 anos, trabalhando durante dia e faculdade no período noturno. Faltando somente seis meses para minha formatura, recebi uma proposta de estágio para trabalhar em uma Multinacional do ramo da Siderurgia; deixei meu emprego e fui para essa empresa atuar na área comercial e de Comércio Exterior. Ali, pude desenvolver tudo que aprendi na faculdade.

Em 2010, uma amiga encaminhou um edital para participar de um processo seletivo para ingresso como professor de escola técnica na cidade de Cachoeira Paulista. No primeiro momento, perdi o prazo de inscrição, mas no ano seguinte consegui, fiz a prova e passei em segundo lugar para o componente de Contabilidade; assim começou minha trajetória na docência: conciliando o trabalho na indústria e na docência. Três anos depois, aconteceu o evento chave para mudança em minha vida: participei de um processo dentro do Centro Paula Souza para um intercâmbio nos Estados Unidos e, para minha surpresa, eu fui contemplado com essa vaga; desliguei-me da indústria para me dedicar somente para docência.

Huberman (1992) descreve que a entrada na profissão é um momento de “choque de realidade”, mas também de “descoberta” que gera entusiasmo inicial. Em mim, o choque foi grande, pois mesmo fazendo o processo seletivo, não tinha me deparado com o medo e as inseguranças, mas o entusiasmo fez-se presente, já que estar trabalhando como professor seria uma grande satisfação e confirmaria a minha escolha em estar dentro de sala de aula. Já em 2012, abriu o tão sonhado concurso para professor efetivo pela Etec Padre Carlos Leôncio da Silva: fiz a inscrição e prestei a prova com a esperança de passar e por ali uma chance de largar o emprego na indústria para seguir por definitivo a carreira docente. Pois bem, fui aprovado em janeiro de 2012 e fui efetivado no Centro Paula Souza. Comecei atuando na escola onde já estava, mas agora com tempo indeterminado, e já conhecia as turmas nas quais iria lecionar. Eram turmas encantadoras, mas com desafios, mas como já

tinha experiência em sala de aula, não me assustava e tive a ajuda de várias pessoas dentro da escola, desde a Bibliotecária Amanda, a auxiliar de Biblioteca Simone, os coordenadores de curso, a direção; todos auxiliavam na construção de saber e na ponte entre a teoria e a prática.

Dentro das paredes de uma sala de escola técnica, um ambiente vibrante de aprendizado e descoberta, residem profundas reflexões. Como disse Shulman (2005, p.5), o "conhecimento" sobre a "docência" é aquilo que os "[...] professores deveriam saber, fazer, compreender ou professar para converter o ensino em algo mais que uma forma de trabalho individual e para que seja considerada entre as profissões prestigiadas". Os estudantes, imersos em conhecimentos práticos e teóricos, encontram-se diante de um mundo de possibilidades enquanto exploram as conexões entre teoria e aplicação do conhecimento adquirido.

A sala de aula torna-se um espaço propício para reflexões, pois ali a teoria ganha vida e os alunos mergulham em conceitos abstratos, desde as leis da física até os fundamentos da eletrônica, e começam a ser apresentados a princípios traduzidos em soluções práticas. Eles questionam, experimentam e debatem, guiados pelos professores que os incentivam a explorar para além do óbvio. Nesse ambiente, as ponderações são constantes e abrangentes, levando-os a contemplar o impacto social de suas habilidades técnicas apresentados, considerando como sua futura profissão pode contribuir para o avanço da sociedade por meio da ética e da responsabilidade relacionadas ao conhecimento especializado e aprendendo a aplicar seus talentos de maneira consciente e sustentável.

Além disso, as reflexões dentro da sala de aula de uma de escola técnica estendem-se à própria jornada educacional dos estudantes, fazendo-os questionar suas escolhas, explorar suas paixões e definir seus objetivos de carreira. A cada desafio enfrentado, eles pensam sobre suas habilidades, pontos fortes e áreas de melhoria, buscando constantemente aprimorar-se como profissionais e indivíduos. Tal postura também é fomentada pela colaboração entre os alunos quando atuam – por exemplo – em projetos em equipe, compartilhando ideias, desafiando-se mutuamente e aprendendo com as perspectivas uns dos outros; ou seja, discussões em grupo permitem uma abordagem coletiva para resolver problemas complexos, incentivando a reflexão crítica e a criatividade. No entanto, as

ponderações dentro de uma sala de escola técnica não se limitam apenas ao âmbito acadêmico e profissional, podendo envolver questões pessoais e identitárias – além de aspirações fora do mundo técnico: eles descobrem interesses aquém de suas áreas de estudo, cultivam habilidades artísticas ou esportivas e aprendem a equilibrar suas vidas privadas.

Assim, ao longo de minha vida pude realizar a possibilidade de crescimento profissional por meio da escolarização e da formação no ensino superior. Essas percepções são fundamentais para explicar escolhas de pesquisa que horas se desenham no presente projeto. Entendo que meus sonhos foram realizados na conquista de minha escolarização, ocorrida em escolas públicas. Entendo que minha ascensão social, em relação às condições que tive em minha infância, se deu por ter tido acesso a políticas públicas como a escola e depois por ter podido frequentar um curso superior em uma faculdade privada. A paixão pela docência foi desenhada também em uma instituição pública. Pude então encontrar jovens sonhadores, que como eu querem superar seus desafios e desenhar possibilidades de formação e de atuação profissional.

Na docência me apaixonei pelo ensino técnico, e na escola pública compreendi as diferenças entre um ensino técnico humanizador e democrático e o ensino tecnicista, que por pensar apenas em “inserção no mercado de trabalho” ou em “empregabilidade”, anula possibilidades múltiplas de desenvolvimento humano, e acaba com as possibilidades dos jovens -que vieram de famílias pobres como a minha - poderem sonhar e mudar suas realidades por meio de suas formações e escolarização.

INTRODUÇÃO

Da lei à prática: conhecendo o Ensino Médio Técnico

A pesquisa objetivou entender e analisar as narrativas dos alunos dos terceiros anos de ensino médio técnico sobre quais realidades se apresentam como limitadoras ou não de projetos de ingresso no ensino superior ou no mundo do trabalho, tendo por contexto a implantação do que foi propagandeado como sendo o “Novo Ensino Médio”, mas que neste trabalho é visto como um movimento de contrarreforma neoliberal instaurada no Ensino Médio, em uma escola técnica, do interior do estado de São Paulo.

Dessa forma, o tema insere-se na área de concentração das análises desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa “Educação: desenvolvimento profissional, diversidade e metodologias” e se vincula à linha de pesquisa “Formação Docente e Desenvolvimento Profissional”, do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação, da Universidade de Taubaté – MPE UNITAU, junto ao Projeto ‘Processos e práticas de formação’, cujo objetivo é estudar os processos de formação docente para a Educação Básica e as políticas de formação continuada, na perspectiva do desenvolvimento profissional.

No ano de 2011, deu-se início a carreira profissional do autor deste projeto dentro das escolas técnicas do estado de São Paulo. Jamais havia passado pela sua cabeça a oportunidade de ser professor, visto que tinha se formado em Administração e nunca lhe foi destinada uma preparação para a docência. Após sua formação, conseguiu a efetivação no seu antigo emprego e foi apresentado ao Centro Paula Souza, no qual estava aberto processo seletivo para professor na Etec Marcos Uchôas dos Santos Penchel, na cidade de Cachoeira Paulista. No dia 23 de abril, começou sua carreira como docente do ensino técnico. Foram anos de esforço e dedicação: fazia jornada dupla entre o emprego na indústria e dava aula à noite.

Essa história profissional assemelha-se à de muitos professores das escolas técnicas no estado de São Paulo, conciliando trabalho na iniciativa privada e docência. Em especial, o autor começou ministrando a disciplina de custos e operações contábeis, e após outro processo seletivo, passou a ministrar aulas na ETEC – Escola Técnica de Lorena – SP.

A Escola Técnica (ETEC) pertence à autarquia Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza" – CEETEPS, conforme Decreto-Lei de 6 de outubro de 1969. Segundo o Artigo 3º do seu regimento comum:

O CEETEPS tem por finalidade a articulação, a realização e o desenvolvimento da educação profissional e tecnológica em seus diferentes níveis e modalidades.

Parágrafo único - A Instituição, segundo seu interesse e respeitada a legislação, poderá manter: 1 - Cursos de Educação Básica; 2 - Cursos de Educação Superior.

Já no seguinte, temos:

Além de outras atividades que possam contribuir para a consecução de seus objetivos, compete ao CEETEPS: I - Incentivar ou ministrar cursos nos diferentes níveis da Educação Profissional e Tecnológica que atendam às necessidades e características dos mercados de trabalho nacional e regional, promovendo experiências e novas modalidades educacionais, pedagógicas e didáticas; II - Formar pessoal docente destinado ao ensino profissional técnico; III - Manter e ministrar cursos de graduação, pós-graduação, estágios e programas, que possibilitem o contínuo aperfeiçoamento profissional; IV - Incluir cursos experimentais, intermediários e outros permitidos pela legislação em vigor, de acordo com as exigências da evolução da tecnologia.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN – Lei nº 9.394/96, diz em seu Art. 35:

O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades: I - A consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o **prosseguimento de estudos**; II - A **preparação básica para o trabalho e a cidadania** do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; III - O **aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico**; IV - A compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. (Grifos nossos.)

Destaca-se neste excerto as passagens 1 – “prosseguimento de estudos”; 2 - “preparação básica para o trabalho e a cidadania” e 3 - “aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. Analisando, portanto, que o objetivo proposto pela LDB é do Ensino Médio fornecer bases para que os alunos possam ter acesso à educação em nível superior e, com isso, realizem de forma completa o ciclo de escolarização.

Refletir sobre isso torna-se importante, em especial, para a realidade do Ensino Médio integrado ao técnico. Pois, mesmo entendendo que a preparação para o exercício de um ofício é relevante, ela não deve ser o seu último ou único objetivo. Ainda cabe pensar nesse aluno como um possível integrante das salas de aulas de universidades e, com isso, realizar sonhos de profissões e formações estabelecidas - ao longo da história do nosso país - apenas para elites econômicas e políticas.

Destaca-se, portanto, a ideia da educação como um direito e um bem público, assegurando igualdade de oportunidades para que pessoas de diferentes origens tenham acesso ao crescimento pessoal e profissional, contribuindo de maneira construtiva para a sociedade a fim de exercer sua cidadania, entender os problemas sociais, participar do processo político e defender direitos.

A Lei nº 11.741/2008, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional dispõe em seus artigos que:

Art. 36-A. Sem prejuízo do disposto na Seção IV deste Capítulo, o ensino médio, atendida a formação geral do educando, poderá prepará-lo para o **exercício de profissões técnicas**. Parágrafo único. A preparação geral para o trabalho e, facultativamente, as habilitações profissionais poderão ser desenvolvidas nos próprios estabelecimentos de ensino médio ou em cooperação com instituições especializadas em educação profissional. Art. 36-B. A educação profissional técnica de nível médio será desenvolvida nas seguintes formas: I - articulada com o ensino médio; II - subsequente, em cursos destinados a quem já tenha concluído o ensino médio. Parágrafo único. A educação profissional técnica de nível médio deverá observar: I - os objetivos e definições contidos nas diretrizes curriculares nacionais estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação; II - as normas complementares dos respectivos sistemas de ensino; III - as exigências de cada instituição de ensino, nos termos de seu projeto pedagógico. Art. 36-C. A educação profissional técnica de nível médio articulada, prevista no inciso I do caput do art. 36-B desta Lei, será desenvolvida de forma: I - integrada, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental, sendo o curso planejado de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica de nível médio, na mesma instituição de ensino, efetuando-se matrícula única para cada aluno; II - concomitante, oferecida a quem ingresse no ensino médio ou já o estejam cursando, efetuando-se matrículas distintas para cada curso, e podendo ocorrer: a) na mesma instituição de ensino, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis; b) em instituições de ensino distintas, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis; c) em instituições de ensino distintas, mediante convênios de intercomplementaridade, visando ao planejamento e ao desenvolvimento de projeto pedagógico unificado. Art. 36-D. Os diplomas de cursos de educação profissional técnica de nível médio, quando registrados, terão validade nacional e habilitarão ao prosseguimento de estudos na educação superior. 15 Parágrafo único. Os cursos de educação

profissional técnica de nível médio, nas formas articulada concomitante e subsequente, quando estruturados e organizados em etapas com terminalidade, possibilitarão a obtenção de certificados de qualificação para o trabalho após a conclusão, com aproveitamento, de cada etapa que caracterize uma qualificação para o trabalho (Brasil, 2008).

Esses objetivos evidenciam a necessidade de implementar um ensino que promova a integração dos jovens no mundo do trabalho e seu papel de cidadão. É claro que o currículo deve levar em conta a diversidade cultural e os problemas da sociedade moderna.

O Centro Paula Souza tem por pauta onze princípios pedagógicos, selecionados para orientar o ensino aprendizagem no Ensino Médio das ETECS (CETEC, 2006).

1. Ensino-aprendizagem com foco no desenvolvimento de competências.
2. Leitura crítica da realidade e inclusão construtiva na sociedade da informação e do conhecimento.
3. A aprendizagem como processo de construção coletiva em situações e ambientes cooperativos.
4. Compartilhamento da responsabilidade do ensino-aprendizagem por professores e alunos.
5. Respeito à diversidade, valorização da subjetividade e promoção da inclusão.
6. Ética de identidade, estética da sensibilidade e política da igualdade.
7. Autonomia e protagonismo na aprendizagem.
8. Contextualização do ensino-aprendizagem.
9. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.
10. Problemática do conhecimento.
11. Trabalho por projeto no desenvolvimento e na avaliação do ensino aprendizagem.

A partir de 2012, as ETECs passaram a trabalhar com a modalidade de Ensino Técnico Integrado ao Médio. Para muitos docentes, tratou-se de uma novidade, pois a maioria que leciona na parte técnica possui a titulação de bacharel e não teve, em sua formação, preparação para o contexto de educação básica. Percebida tal necessidade, os professores começaram a buscar cursos de Pedagogia e Licenciaturas, a fim de desenvolver novos conhecimentos para aplicar em sala de aula, com a responsabilidade de realizar um bom trabalho na ETEC. Ao lecionar, o autor viu que seria relevante qualificar-se ainda mais e por isso investiu na área de educação, especializando-se na área de Supervisão e Orientação Educacional para enfrentar a diversidade e os desafios de uma sala de ensino médio integrado ao técnico. Foi tal escolha que despertou questionamentos sobre a realidade dos alunos.

1.1 O jovem e o Ensino Médio: continuidade nos estudos ou ruptura rumo ao mundo do trabalho?

A jornada dos estudantes é marcada por uma combinação única de sonho e realidade ao longo de sua formação. No Brasil, o ingresso no Ensino Superior é frequentemente visto como uma conquista para o aluno do ensino médio, um momento no qual os desejos construídos ao longo dos anos ganham forma e a busca pelo conhecimento ganha intensidade. Com a implementação do propagandeado “Novo Ensino Médio”, uma proposta de reforma educacional de cunho neoliberal toma corpo nas escolas técnicas no estado de São Paulo (ETECs). Importa argumentar que:

A reforma da educação alastra neste momento pelo mundo, nas palavras de Levin (1998), como uma "epidemia política". Uma instável, irregular, mas aparentemente imparável torrente de ideias reformadoras intimamente relacionadas entre si, está a possibilitar e a reorientar sistemas de educação com percursos e histórias muito diferentes, em situações sociais e políticas diversas. (Ball, 2022, p.3)

Isto têm gerado transformações significativas na relação dual mencionada anteriormente, preparando os jovens para os desafios e as oportunidades do Ensino Superior com mudanças nos componentes curriculares.

A contrarreforma do Ensino Médio, estabelecida pela lei Nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, visa aprimorar a formação discente, tornando o currículo mais flexível e alinhado às demandas do mercado de trabalho. Nesta perspectiva a ideologia neoliberal posiciona como “novo” tudo que deve ser considerado bom. Nas palavras de Ball, as reformas “são postas em confronto e comparadas com as velhas tecnologias do profissionalismo e da burocracia” (Ball, 2022, p.4). Esse discurso sobre o “novo”, o “moderno” e a “mudança” se baseia no “mito político eficiente que celebra a “superioridade” da gestão do setor privado em “parceria” com o Estado, sobre e contra a modalidade conservadora, burocrática e apática de administração do setor público (Ball, 2004, p.1117).

Nesse contexto, as escolas técnicas desempenham um papel importante ao oferecer cursos integrando teoria e prática dentro de sala de aula, preparando os alunos para carreiras específicas e propondo um currículo que visa desenvolver as habilidades e competências de cada componente. A implementação dessa reforma dentro de uma escola técnica, teoricamente deveria possibilitar aos estudantes a oportunidade de explorar suas vocações e interesses desde

cedo, direcionando seus estudos de acordo com suas aspirações profissionais. Contudo, o que se vê é um cenário de descontentamento em que

... tecnologias políticas de reforma estão implantadas e estabelecidas novas identidades, novas formas de interação e novos valores. As tecnologias políticas envolvem a distribuição calculada de técnicas e artefactos para organizar forças e capacidades humanas em redes operacionais e funcionais de poder. Vários elementos dissemelhantes estão inter-relacionados nestas tecnologias, envolvendo formas arquiteturais, relações de hierarquia, procedimentos de motivação e mecanismos de reformação. (Ball, 2022, p.4)

No entanto, essa trajetória não é isenta de desafios, pois a jornada rumo ao Ensino Superior demanda esforço, dedicação e uma compreensão clara dos passos necessários para alcançar os objetivos desejados. Uma das maiores questões – por exemplo – é a concorrência acirrada em vestibulares e processos seletivos, sendo necessário conciliar o estudo com as demais responsabilidades e pressões da vida cotidiana; além disso, a transição do Ensino Médio para o Superior representa uma mudança significativa no ambiente de aprendizagem, exigindo adaptação rápida e desenvolvimento de novas habilidades acadêmicas e interpessoais.

Outra problemática existente é o fato de não serem todos os alunos que têm a intenção de realizar uma faculdade: alguns buscam a formação técnica para uma inserção mais rápida no mercado de trabalho. É nesse contexto desafiador que a escola técnica desempenha um papel crucial, fornecendo uma formação sólida e contextualizada: ela prepara os estudantes para enfrentar obstáculos, alçar voos mais altos e para adquirirem competências técnicas e desenvolver habilidades socioemocionais (como resiliência, trabalho em equipe e liderança), fundamentais para o sucesso no Ensino Superior e para o mercado de trabalho.

Em resumo, a relação entre sonho e realidade na experiência estudantil, especialmente no contexto do ingresso no Ensino Superior, após a implementação do “Novo Ensino Médio” em uma escola técnica no estado de São Paulo, é desafiadora para todos os alunos que se encontram nesta fase escolar, pois de um lado temos a formação técnica dos alunos, que buscam uma formação para o mercado de trabalho, enquanto outra parte busca se preparar sobre os conhecimentos necessários para um desenvolvimento social. Por fim, em outra frente, busca desenvolver os conhecimentos para os vestibulares.

A escola selecionada foi criada em 23 de novembro de 1990, tem aproximadamente 700 discentes, é composta pelos cursos de Ensino Médio integrado aos técnicos em Administração, Desenvolvimento de Sistema e Eletrônica, além de ofertar Ensino Técnico Modular nas

seguintes modalidades: Enfermagem (com duração de dois anos), Administração e Recursos humanos (um ano e meio). Trata-se de uma escola pública, de localização central, cujo diferencial é a formação técnica, o que proporciona uma maior demanda de alunos pela possibilidade de inserção ao mercado de trabalho.

A região do Vale do Paraíba, no interior paulista, abriga um importante conjunto de municípios, entre eles Cachoeira Paulista, Cruzeiro e Lorena, e está situada estrategicamente entre as metrópoles de São Paulo e Rio de Janeiro. A proximidade com os grandes centros urbanos influencia diretamente a dinâmica econômica, social e cultural dessas cidades.

Cachoeira Paulista, com cerca de 33 mil habitantes, destaca-se pelo turismo religioso, impulsionado pela presença de um grande centro religioso católico de peregrinação; sua economia também se baseia na indústria, comércio, serviços e agricultura, e no âmbito educacional, oferece ensino básico e uma unidade de Ensino Superior ligada a uma instituição religiosa. Já Cruzeiro, com aproximadamente 83 mil habitantes, possui uma economia mais voltada para a indústria, principalmente nos setores metalúrgico e siderúrgico, vide a importância histórica da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN); a cidade oferece ensino básico e técnico, complementando as opções de Ensino Superior encontradas em municípios vizinhos. Lorena, com cerca de 89 mil habitantes, completa esse tripé regional: sua economia é diversificada, abrangendo indústria (metalurgia, química e alimentícia), comércio, serviços e agropecuária; para além disso, destaca-se enquanto polo educacional, oferecendo Ensino Básico, Técnico e Superior, com a presença da Universidade de São Paulo, Universidade Salesiana e Centro Universitário Teresa D'Ávila.

Essas três cidades possuem forte interdependência, pois seus mercados de trabalho expandem-se para além das fronteiras municipais, com moradores buscando oportunidades nas diferentes áreas econômicas de cada uma dessas localidades. A oferta educacional complementa-se, permitindo o acesso a uma gama maior de cursos e níveis de ensino. O comércio e os serviços também se integram, atendendo as necessidades da população regional por meio de uma boa infraestrutura, transporte e serviços de saúde.

Inseridas no contexto mais amplo do Vale do Paraíba, essas cidades beneficiam-se da localização estratégica entre São Paulo e Rio de Janeiro. A região como um todo apresenta um forte desenvolvimento industrial, com pólos importantes tais como São José dos Campos, Taubaté e Resende (RJ), influenciando a economia dos municípios menores. Além do turismo

religioso de Cachoeira Paulista, o Vale do Paraíba oferece outras opções como o turismo histórico, ecoturismo e o de negócios.

Desta forma, a realidade educacional dialoga com as características da região, assim como as demandas estudantis e expectativas dos estudantes acerca de seu futuro, seja voltado para o Ensino Superior, seja objetivando a ocupação de vagas no mercado de trabalho. No que se refere ao Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio, trata-se de iniciativa recente no Estado de São Paulo, e tem como proposta formar alunos com base científica e componentes técnicos, preparando-os para o mercado de trabalho. Com tal proposta surge nosso principal problema de pesquisa: as narrativas dos alunos sobre a sua formação no ensino técnico integrado ao médio e a possibilidade de continuidade de seus estudos em nível superior ou o ingresso no mercado de trabalho.

Pretendemos, com isso, realizar entrevistas com estudantes e analisar as narrativas dos alunos do terceiro ano do ensino médio de uma escola Técnica na região do Vale do Paraíba, buscando refletir, a partir da implantação do NEM (Novo Ensino Médio), sobre como as realidades apresentam-se como limitadoras ou não de projetos de ingresso no Ensino Superior ou no mundo do trabalho.

Além disso, interessa-nos identificar as percepções dos alunos referentes a sua formação e a continuidade dela, mapeando suas expectativas, além de verificar suas principais dificuldades, a fim de propor estratégias com as quais os alunos possam ter maior facilidade para enfrentar as adversidades vividas e realizar seus sonhos de continuidade nos estudos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Para construção do mapeamento, o presente estudo tem por fundamento o estado da arte. Para isso, entende-se que:

Estados da arte podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada. (Romanowski, 2006, p. 39).

Conforme a autora cita, pensar o estado da arte em pesquisa é, sobretudo, refletir sobre o campo teórico e prático da investigação, averiguar o que já foi produzido acerca do objeto a ser estudado e descobrir como o pesquisador pode contribuir com sua sistematização.

2.1 Panorama dos Estudos sobre sonho, ensino médio, escola técnica, história oral

Ao apresentar um panorama dos estudos acerca dos temas elencados acima, têm-se como objetivo traçar apontamentos feitos por pesquisadores nos últimos 15 anos sobre a temática.

De acordo com o banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Portal Domínio Público – Biblioteca digital desenvolvida em *software* livre, foi possível encontrar cerca de 18828 trabalhos voltados ao indexador "Ensino Médio"; após uma seleção detalhada e rigorosa, separou-se três produções. Uma nova busca, agora com os termos "Novo Ensino Médio", resultou em 191 estudos e dentre esses, optou-se por dois textos mais alinhados à temática deste trabalho. No portal Banco de dissertação da Unitau, foi feita uma averiguação no banco de dissertações de mestrado, onde foram encontrados dois textos relacionados à reflexão sobre sonho e a realidade; um deles tinha por foco a temática estudantil e, por isso, foi selecionado para uma leitura aprofundada. No total, foram encontrados oito trabalhos com data de defesa de 2008 até junho de 2023. Desses, três são da área da Educação e um do Ensino de Ciências Matemática.

Pela pesquisa acima citada, foram analisados estudos realizados nos anos de 2008, 2009, 2019 e 2021, optando-se por aqueles considerados de maior relevância temática para a presente produção.

Nestes trabalhos foram ainda considerados estudos relacionados ao novo ensino médio em seus aspectos pedagógicos, como é o caso desta pesquisa, com o intuito de salientar que programas diversos de formação continuada, como por exemplo educação inclusiva e de inclusão digital são também estudos de formação continuada, que mesmo apresentando-se diferentes, auxiliam em comum o trabalho pedagógico do professor em sala de aula e apresentam diversas ferramentas que podem ser utilizadas dentro de sala de aula para auxiliar um melhor desenvolvimento dos alunos, buscando assim alcançar quais seriam seus sonhos estudantis e uma ampla visão do ensino médio integrado ao técnico.

2.2 Teses e dissertações sobre o tema

Na referida busca, foi possível ter acesso aos seguintes textos:

Tabela 1: Dissertações e Teses Seleccionadas Sobre Ensino Médio	
Tipologia	Quantidades
Dissertações	26
Teses	8

FONTE: autor (2024).

Rosa (2008), em seu estudo de mestrado, analisou o Ensino Médio das escolas técnicas da rede FAETEC, no Estado do Rio de Janeiro, a fim de compreender os efeitos das políticas públicas adotadas no Brasil a partir da década de 90, como a imposição do modelo de acumulação neoliberal, com a globalização hegemônica e a perspectiva de educação direcionada à formação do cidadão produtivo. A pesquisa pode ser caracterizada como teórico empírica de natureza qualitativa e constituída por meio da observação em campo, entrevista e questionário; para além disso, segue o método do materialismo histórico-dialético para analisar as mediações fundamentais na escola técnica e nas políticas públicas de modo a compreender

as condições a determinar o tipo de cidadania que tem direcionado a formação humana naquela instituição.

A revisão bibliográfica possibilitou a contextualização da educação desenvolvida na FAETEC no panorama da educação brasileira, caracterizando a dissociação entre as categorias trabalho, educação e cidadania ao longo do processo histórico e demonstrando que, nas sociedades marcadas pelas desigualdades sociais, o exercício de cidadania é sempre limitado às possibilidades do sistema. Neste início de milênio, marcado pela exclusão social, a educação precisa romper os limites do sistema hegemônico apontando para perspectiva de emancipação humana, possível apenas em uma sociedade na qual os sujeitos possam desenvolver todas as suas potencialidades, Conforme Aires (2008, p. 57)

Desta forma a nova lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional – LDBEN Lei.9.394/96, apesar de enfatizar que a finalidade da educação básica é desenvolver o educando assegurar-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. De fato, a nova lei insere-se no contexto das reformas do estado. Subordinadas aos interesses dos países capitalistas centrais, formatando a educação nos moldes da nova conjuntura mundial do estado mínimo, mantendo a dualidade já enraizada na educação básica que destina uma boa formação...

A educação é fundamental no desenvolvimento de indivíduos e sociedades, e no contexto das escolas técnicas ela desempenha um papel crucial na formação de alunos, oferecendo uma abordagem diferenciada que os prepara para enfrentar os desafios do mundo moderno ao combinar teoria e prática de forma integrada, bem como promovendo uma formação mais completa e alinhada com as demandas do mercado de trabalho atual. Uma das principais características das escolas técnicas é a ênfase na aplicação prática do conhecimento – ao contrário das tradicionais que priorizam o aprendizado teórico. Elas buscam proporcionar aos estudantes experiências práticas e vivências em ambientes similares àsquelas possíveis de estarem presentes no mundo profissional. Essa abordagem estimula o desenvolvimento de habilidades técnicas e comportamentais essenciais, tornando o jovem mais preparado para ingressar no mercado de trabalho e enfrentar suas tarefas cotidianas.

A formação em escola técnica também estimula o pensamento crítico e a capacidade de resolução de problemas, pois os alunos são desafiados constantemente a enfrentar situações reais e a encontrar soluções eficientes e inovadoras. Tal atributo comportamental é altamente valorizado pelas empresas, interessadas em buscar profissionais capazes de lidar com as

problemáticas do dia a dia e propor melhorias em processos e procedimentos. Além disso, essa vertente educacional também desempenha um papel relevante na redução das desigualdades sociais, permitindo o acesso de estudantes de diferentes origens e realidades econômicas a um ensino de qualidade. Ao oferecer cursos mais focados no mercado de trabalho e com menor duração do que a formação acadêmica tradicional, as instituições técnicas viabilizam um ingresso mais rápido de jovens no mercado profissional, possibilitando-os alcançar melhores oportunidades de emprego e de futuro. Não obstante, ao proporcionar uma educação mais prática e alinhada com as necessidades do mercado de trabalho, essas escolas capacitam os estudantes a desenvolverem maior confiança, competência e diversas outras habilidades técnicas, comportamentais e sociais, agindo como agentes de transformação e de promoção de uma sociedade mais capacitada e preparada para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

A seguir temos a tabela das teses e dissertações de 2009, com as respectivas análises de trabalhos sobre o Ensino Médio. A quantidade de produções acerca desse tema já mostra um significativo aumento, os números deste ano são maiores do que o anterior. Mas a primeira tabela mostra um número bem mais elevado.

Tabela 2: Dissertações e Teses Seleccionadas Sobre Projeto de Vida e Ensino Médio 1 do ano de 2009 Representações Sociais do Projeto de Vida entre Adolescentes no Ensino Médio	
Tipologia	Quantidades
Dissertações	3
Teses	2

FONTE: autor (2024).

Com relação às dissertações e teses do ano de 2009, relacionadas à formação continuada, pode-se salientar alguns aspectos descritos nos parágrafos a seguir.

Na pesquisa, Representações Sociais do Projeto de Vida entre Adolescentes no Ensino Médio da qual participaram quarenta alunos de ambos os sexos com idade entre 16 e 19 anos, tem por objetivo comparar as representações sociais dos adolescentes inseridos em diferentes contextos escolares (público e privado) acerca da construção do seu projeto de vida. Foram

utilizados questionários semiabertos para caracterização sociodemográfica, entrevista semiestruturada para captura das representações e os dados foram submetidos à análise de conteúdo com apoio do programa ALCESTE, sistema automático de análise de dados textuais. Assim sendo, a autora deixa claro que os adolescentes precisam ser compreendidos em sua totalidade. Maria (2009, p. 546) vale-se da seguinte definição como uma das bases de seu estudo: “A concepção da adolescência como uma configuração psico-sociohistórica considera que só é possível compreender qualquer fato a partir de sua inserção na totalidade em que esse fato foi produzido. Desta forma, a adolescência precisa ser compreendida nessa inserção”.

Os dados obtidos demonstraram certo consenso a respeito do projeto de vida, como desejos, metas, previsões e estratégias. Entretanto, os alunos da escola pública objetivaram suas representações na inclusão social e na melhoria de vida, enquanto os da escola privada centraram nas dificuldades relacionadas à escolha da profissão. Conclui-se haver a necessidade de políticas públicas a possibilitar, nesses diferentes ambientes escolares, condições semelhantes para a construção de projetos de vida, experiências pessoais e contextos sociais.

Nesse sentido, todo rol de vivências e representações molda a maneira como os indivíduos percebem a si mesmos e aos outros, influenciando atitudes, comportamentos, estereótipos, preconceitos e juízos de valor, aspectos esses a impactar as interações e as relações de poder na sociedade. Assim, o estudo desse campo específico ajudou a ampliar a compreensão sobre como as pessoas dão sentido ao mundo ao seu redor, contribuindo para uma reflexão mais profunda sobre as dinâmicas sociais e culturais a modular as variadas percepções de realidade.

Sabemos que os sonhos são construídos ao longo da vida, com base em suas experiências, isso não descarta o período de nossa adolescência. Conforme Serrão, (1999, p. 278), esse processo deve atender e justificar que o adolescente já tem um preparo para tais decisões dentro do contexto do seu projeto de vida, e que a escola está inserida em um contexto social que o ajuda nessa decisão e percepção.

A concepção de adolescência como construtor psicossocial-histórico pressupõe que qualquer fato só pode ser compreendido a partir de sua inserção no todo em que é produzido. Portanto, neste encarte, é preciso entender os jovens. Bock (1996) assume que não são 4.444 jovens, mas sim adolescentes. Assim, quando se fala em adolescência, fala-se das condições sociais que constituem um determinado período. A puberdade não é um período natural do desenvolvimento, mas um momento significado e interpretado pelo sujeito. Tais concepções

concebem o adolescente como um ser ativo, social e histórico que é produzido histórica e coletivamente por si e pela sociedade.

Abaixo, temos a tabela das teses e dissertações de 2019, com as respectivas análises de trabalhos sobre sonho e realidade no Ensino Médio. A quantidade de produções sobre o tema expõe uma diminuição relevante.

Tabela 3: Dissertações e Teses Seleccionadas Sobre Aluno de técnico integrado ao médio. 1 do ano de 2019	
Tipologia	Quantidades
Dissertações	1
Teses	1

FONTE: autor (2024).

O estudo “Sentido e Significado: O que pensam os alunos sobre a sua formação no curso técnico Integrado ao médio, de uma escola técnica do Vale de Paraíba” forneceu informações importantes sobre a constituição dos sentidos e significados dos alunos quanto a sua formação, o que poderá contribuir e nortear ações na instituição pesquisada.

Foi possível observar que, para os estudantes, encontrar sentido na aprendizagem pode envolver responder a questionamentos como: "Por que estou estudando isso?" ou "Como esse conhecimento pode me ajudar em minha vida pessoal ou profissional?". Quando percebem a relevância para suas vidas e objetivos daquilo que é aprendido em sala de aula, o engajamento tende a aumentar, segundo Fernandes (2019).

Os cursos técnicos de nível médio podem assumir diferentes formatos: integrado, que inclui formação profissional e ensino médio em um único curso; concomitante, com cursos distintos ao mesmo tempo; e subsequente, que corresponde à formação profissional após conclusão do ensino médio. (Fernandes, 2019, p.43)

Quando os estudantes conseguem atribuir sentido aos conteúdos que estão aprendendo e compreendem seu significado, eles se tornam mais motivados e capazes de aplicar esses conhecimentos de forma significativa em suas vidas. Nesse processo, o papel dos educadores é

fundamental para incentivar a reflexão, a conexão entre teoria e prática e a construção de saberes significativos.

2.3 Sonhos e Realidade

A adolescência é um momento no qual as expectativas são criadas e os sonhos começam a ser construídos na vida de um estudante e é neste momento que não necessariamente seja um momento de crise na vida desses estudantes. No percurso escolar de uma escola técnica, busca-se demonstrar aos alunos uma visão do que eles têm em si - suas qualidades e suas metas - e “[...] essa visão de futuro está ligada às suas vivências e experiências anteriores e às relações estabelecidas até então na sua história” (Serrão e Baleeiro, 1999, p. 278). Assim, considera-se que o adolescente está preparado para iniciar essa construção de sua perspectiva estudantil e entrar numa nova etapa da sua vida após ter conseguido forjar sua identidade, compartilhá-la com o grupo e comunicar desejos, caprichos, projetos, objetivos. O ambiente educacional, dessa forma, assume-se como um espaço de construção da subjetividade e, portanto, lugar importante para a constituição dos seus sonhos, principalmente no ensino médio de uma escola técnica, a educação compõe uma das etapas da vida, essa estrutura é ainda reforçada pelas pressões que os jovens enfrentam ao escolher (ou pelo menos alcançar) uma carreira ao longo da vida.

Como qualquer instituição social, a existência da escola não pode ser considerada autônoma e independente da realidade histórico-social, pois ela é parte integrante e indissociável de todos os demais fenômenos que compõem a totalidade social (Franco, 1991). Calligaris (2000, p. 15) descreve um adolescente a partir de três grandes características, partindo do pressuposto de alguém que:

1. teve tempo de assimilar os valores mais banais e mais bem compartilhados na comunidade [...];
2. cujo corpo chegou à maturação necessária para efetiva e eficazmente se consagrar às tarefas que lhe são apontadas por esses valores, competindo de igual para igual com todo mundo;
3. para quem, nesse exato momento, a comunidade impõe uma moratória.

A adolescência é um período de muitos acontecimentos dentro da formação do indivíduo, caracterizado por mudanças físicas, psicológicas e sociais; tais questões são vivenciadas, em sua grande maioria, dentro de uma escola, local a ter relevante papel nessa

transformação e transição identitária. Durante esse período, os jovens desenvolvem percepções, valores e crenças que moldam sua visão de mundo, bem como suas experiências e interações influenciam como eles veem a si mesmos, os outros e a sociedade na qual estão inseridos. Muitas vezes, a tentativa de constituição de sua identidade perpassa e é fortemente influenciada pela representação social do grupo ao qual pertencem: seja na família, na escola, com os amigos ou na mídia. Em outras palavras, a busca por identidade pode levar à identificação com estereótipos e subculturas particulares que fornecem um senso de comunidade e compreensão mútua, tal qual um mosaico em evolução formado a partir das inúmeras representações sociais internalizadas.

2.4 Estudantes de ensino médio de escola técnica

A adolescência, fase de transição entre a infância e a vida adulta, é um período marcado por intensas transformações na identidade, nas relações sociais e na interação com a sociedade. Nesse contexto, as representações sociais desempenham um papel crucial na forma como os adolescentes interpretam e dão sentido ao mundo ao seu redor. As representações sociais são sistemas de ideias, crenças, valores e imagens compartilhadas por um grupo social sobre um determinado objeto, pessoa ou fenômeno. Elas são construídas e negociadas coletivamente, influenciando a forma como os indivíduos percebem e se comportam em relação ao mundo. Na adolescência, as representações sociais são particularmente relevantes, pois os jovens estão em um processo de (re)construção de suas identidades e de (re)definição de seus papéis na sociedade. As representações sociais que eles internalizam sobre si mesmos, sobre os outros e sobre o mundo ao seu redor moldam suas expectativas, seus comportamentos e suas escolhas. Alguns exemplos de representações sociais na adolescência incluem aquelas relacionadas à identidade, relações sociais, corpo e imagem, escola e futuro, e mundo. As representações sociais podem influenciar os adolescentes de diversas formas, como na construção da identidade, nas relações sociais, nas escolhas, na saúde e no bem-estar. É importante ressaltar que as representações sociais não são fixas e imutáveis, mas sim dinâmicas e podem ser transformadas ao longo do tempo, influenciadas por fatores sociais, culturais, históricos e individuais. Compreender as representações sociais dos adolescentes é fundamental para pais, educadores e profissionais que trabalham com essa faixa etária, pois ao conhecer as formas como os jovens interpretam o mundo, é possível criar estratégias mais eficazes para promover

o desenvolvimento saudável e o bem-estar dos adolescentes. Nesse período, eles estão em busca de uma compreensão mais profunda de si mesmos e do mundo, e as representações sociais desempenham um papel fundamental nesse processo de vida.

Dessa forma, evidencia-se a necessidade de pesquisas que reflitam sobre as representações sociais dos adolescentes relativas à construção dos seus projetos de vida, como conhecimento que poderá contribuir para as suas práticas enquanto futuros cidadãos e profissionais. (Quitéria, 2009, p. 546)

Uma das representações sociais mais comuns entre os adolescentes está relacionada à sua identidade pessoal pois é onde buscam definir quem são e como se encaixam no contexto social em que vivem ao assumirem papéis sociais específicos como o de estudante, amigo, membro de uma determinada comunidade ou fã de um grupo, artista ou futuro profissional. Além disso, eles também constroem seu próprio posicionamento em relação a questões mais amplas, como a política, a sexualidade, a cultura e os valores sociais, aspectos esses também influenciados por fatores como a família, os amigos, a escola, a mídia e a sociedade em geral.

O adolescente é tipificado por suas vivências agregadoras às suas mudanças físicas e psicológicas, por se tratar de um período de troca da vida infantil para a vida adulta. Esta é uma fase de grande importância em que o adolescente irá assumir seus princípios, valores, vontades, crenças, como também encontrar o seu papel social. (Fernandes, 2019, p. 35)

Além disso, a figura do adolescente pode ser objeto de estereótipos e preconceitos por parte dos adultos, que muitas vezes os veem como rebeldes, irresponsáveis ou inconsequentes; no entanto, é fundamental reconhecer a diversidade e a complexidade das experiências dos mesmos, evitando generalizações simplistas. Em resumo, as representações sociais dos adolescentes são um reflexo de suas vivências e interações, influenciando diretamente suas percepções, atitudes e comportamentos. Compreender essas representações é fundamental para estabelecer um diálogo aberto e construir relações saudáveis com os adolescentes, valorizando suas vozes e reconhecendo suas importantes contribuições para a sociedade. Conforme dito pela autora Quitéria (2009, p. 546) o “adolescente, concebido como ser psico-sócio-histórico, expressa, através da linguagem, os componentes afetivos, históricos e sociais do seu pensamento sobre seu projeto de vida”.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a história oral, que envolve produção, interpretação e análise de relatos dos alunos sobre suas experiências e memórias em relação aos sonhos e suas expectativas futuras quanto à educação. Essa abordagem foi especialmente útil na medida em que se desejou obter perspectivas pessoais e informações detalhadas não disponíveis em documentos escritos ou outras fontes tradicionais de pesquisa histórica.

Tal procedimento surgiu no contexto dos pós Segunda Guerra Mundial, com o uso de gravadores de voz, ferramenta importante na sua implementação. Em um primeiro momento, a intenção relacionava-se a estudos qualitativos (Meihy e Holanda, 2006).

Com o passar dos anos, a história oral democratizou-se em todo mundo e passou a pesquisar os mais diversos temas sociais e identitários - as mulheres, os negros, os homossexuais e as lésbicas, bem como aqueles que são considerados marginalizados. Em contraste com a década anterior, na qual os investigadores que utilizavam a metodologia eram predominantemente cientistas sociais, nos anos 1990 os historiadores tornaram-se também seus adeptos (Amado e Ferreira, 2006), para além disso, é um método de investigação no qual o registro e a preservação de narrativas orais de indivíduos que testemunharam ou tiveram experiência direta em eventos específicos são preservados, por meio de entrevistas gravadas, transcritas e analisadas para fornecer uma compreensão mais abrangente e inclusiva da história.

Ela se revela como uma ferramenta muito importante na busca por uma compreensão profunda das subjetividades dos sujeitos analisados, pois transcende os limites das narrativas históricas convencionais e oferece um portal pelo qual as vozes individuais e as experiências pessoais emergem, de forma proeminente, no cenário da história. Myrian Sepúlveda dos Santos (1995, p. 72) ressalta com eloquência essa potência ao afirmar: “A história oral é uma técnica de pesquisa que se serve de depoimentos verbais obtidos por meio de entrevistas, no qual os fatos do passado são recordados e/ou analisados por indivíduos cuja experiência e cujo juízo são considerados relevantes para o historiador”.

Para essa abordagem, cada relato é um fragmento valioso do mosaico da história, carregando consigo não apenas eventos objetivos, mas também nuances emocionais e subjetivas a conferir profundidade à compreensão do passado.

A diversidade e a variedade de perspectivas é a força motriz a permear a história oral: cada testemunho traz consigo a marca das experiências individuais, enriquecendo o quadro

geral de um evento ou período histórico, e revelando não apenas os fatos, mas também os humores, os anseios e os dilemas dos indivíduos. Ao se concentrar nas experiências do dia a dia dentro de uma escola técnica, esse método transcende as grandiosas narrativas para expor e expressar as vivências desses jovens, explorando interações, relacionamentos e valores que, de outra forma, permaneceriam ocultos.

Serrano (2003, p. 128) defende a seguinte ideia: “A história oral é mais do que uma mera coleta de memórias; é um exercício de decifrar a essência do ser humano que se entrelaça com os acontecimentos”. Em outras palavras, ao trabalhar memórias afetivas e conectar eventos históricos a emoções profundas, essa metodologia permite aos eventos do passado serem mais do que fatos estáticos, tornando-se experiências vivas, plenas de significado e cor. Esse aspecto emocional possibilita uma compreensão mais empática da história, aproximando os ouvintes das vidas e sentimentos das pessoas que viveram tempos atrás. Não obstante, a história oral desafia ainda os paradigmas tradicionais, oferecendo uma visão única do passado que ultrapassa as páginas dos livros; ela retoma e valoriza vozes até então silenciadas, destacando grupos marginalizados e indivíduos comuns que raramente teriam lugar nas narrativas convencionais. Por meio dela, as experiências das minorias e grupos negligenciados são trazidas à luz, contribuindo para uma história mais completa e justa.

Uma vez que se constrói a partir das palavras dos próprios protagonistas – no caso desse estudo, do próprio aluno – a história oral humaniza antigos eventos, permitindo que o passado ressoe no presente. Além disso, ela atua tal qual uma lembrança viva de que a história não é apenas um conjunto de datas e fatos distantes, mas uma tapeçaria intrincada de vidas entrelaçadas. Com ela, as subjetividades individuais transcendem a barreira do tempo, ecoando ao longo das gerações e oferecendo um espelho no qual a humanidade pode se ver refletida, em toda a sua complexidade e diversidade.

3.1. Participantes

Os participantes são alunos do 3º ano do Ensino Médio integrado aos cursos de técnicos em Administração, Desenvolvimento de Sistema e Eletrônica, de uma escola técnica do Vale do Paraíba.

Foi apresentado, inicialmente, um formulário digital para ser preenchido por 120 estudantes, número expressivo visando entender e analisar profundamente o que cada um pensa

e se há uma generalização de sentimentos. Depois de respondido esse documento, serão feitas seis entrevistas com alunos selecionados a partir das características indicadas pelo formulário e buscando a diversidade em tais devolutivas a fim de trazer como objeto de estudo a singularidade de cada um, sem se esquecer – contudo – de possíveis perspectivas semelhantes e gerais, assim como suas expectativas para o sucesso no futuro. Acredita-se que um dos principais critérios é garantir que o processo seja voluntário, ou seja, os alunos devem ter a liberdade de escolher participar ou não da pesquisa. Além disso, é relevante estabelecer um ambiente de confiança e confidencialidade, de modo que os envolvidos estejam à vontade para compartilhar suas histórias e experiências sem que haja medo de retaliação ou julgamento por parte do entrevistador. É fundamental que cada aluno compreenda o propósito dos documentos respondidos e como suas histórias contribuirão para a compreensão mais ampla do contexto a ser desenvolvido.

Ao selecionar os estudantes para as entrevistas, serão considerados os critérios de raça, gênero e renda familiar, garantindo que diferentes vozes sejam representadas – inclusive jovens de variadas origens étnicas, culturais, socioeconômicas e níveis de envolvimento escolar - contribuindo para uma narrativa mais plural e inclusiva da pesquisa.

Além disso, antes das entrevistas, serão fornecidas aos alunos informações claras sobre o processo, o cronograma e as questões abordadas, de modo que se prepare mentalmente e reflitam sobre suas experiências. Durante o momento em si, o principal posicionamento é o da escuta atenta, permitindo que os participantes compartilhem suas histórias livremente, sem interrupções, e o entrevistador faça perguntas incentivando-os a aprofundar suas respostas. Para além de fatos pessoais, os jovens trarão suas expectativas e anseios em relação ao fim do Ensino Médio, o impacto em suas vidas da implementação do Novo Ensino Médio, as decisões relacionadas ao seu futuro (profissional e/ou acadêmico) e suas preocupações em relação à escolha de uma carreira ou curso universitário.

Em suma, os participantes passarão por duas etapas: um formulário com perguntas sociodemográficas, aplicado a todos, e uma entrevista para levantamento de dados sobre suas expectativas e suas escolhas para futuro, suas falas e perspectivas são valiosas para compreender as vivências e desafios dessa etapa crucial da vida estudantil – centrada em apenas dois estudantes de cada turma.

3.2. Instrumentos de Pesquisa

Foi apresentado, no primeiro momento, um formulário com perguntas claras e objetivas - identidade do entrevistado (classe, gênero, raça), contexto histórico e sociodemográfico, percepções e opiniões pessoais -, mantendo o anonimato e a confidencialidade das respostas. Para Sá (1998, p. 26), “a construção do objeto de pesquisa pode ser vista como um processo decisório”, pelo qual o pesquisador transforma conceitualmente um fenômeno e seleciona recursos teóricos e metodológicos para a solução do problema. Posteriormente, entrevistas com base nas principais questões aconteceram e estas foram analisadas cuidadosamente, identificando padrões, contradições e tendências nas narrativas dos alunos, trazendo assim uma visão mais ampla sobre o tema da pesquisa.

O formulário foi respondido pelos participantes em um laboratório de informática na unidade e sua composição envolveu perguntas pré-determinadas, nas quais se podia selecionar a resposta apropriada ou fornecer informações curtas.

A entrevista - etapa principal do trabalho em história oral – desenvolveu-se como uma conversa direta entre o pesquisador e o entrevistado, na qual foram feitas perguntas abertas para permitir ao aluno compartilhar suas experiências, memórias e perspectivas, originando uma interação mais profunda, detalhada, pessoal, emocional e flexível.

3.3. Procedimentos para Produção de Informações

Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté (CEP), cujo objetivo maior foi defender os interesses dos sujeitos partícipes em sua integridade e dignidade, contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa no contexto de padrões éticos. Após a aprovação, apresentou-se o formulário de consentimento livre e esclarecido (conforme Anexo I) aos estudantes, garantindo o sigilo de sua identidade e sua desistência – a qualquer momento, caso desejarem do presente estudo.

Conforme Ribeiro (2021, p. 9),

Assim, cabe responder como será feita a seleção do entrevistado. Cabe pensar na escolha dos perfis, ou seja, do grupo que será estudado. Educadores podem ser selecionados a partir dos critérios estabelecidos no projeto, redes de

relacionamento e de indicações, mas é importante ter claro o que buscamos, no caso de analisar práticas docentes, será necessário a seleção de professores que queiram falar sobre suas práticas, que possam produzir oralmente uma síntese de suas experiências.

Considerou-se todos os alunos dos 3º anos de ensino médio da unidade escolar que se manifestaram voluntariamente em participar da pesquisa; porém, alguns jovens não quiseram preencher o formulário. Esse limiar foi estabelecido a fim de olhar com atenção o contexto local e as experiências únicas dos discentes da escola objeto de estudo.

A História Oral é uma ferramenta valiosa para análise de percepções de professores e alunos do ensino médio, de modo a acessar relatos autênticos e únicos. O processo de produção dessas devolutivas envolve várias etapas cruciais, cada qual desempenhando um papel fundamental na preservação e compreensão da história por detrás dos acontecimentos: a pré-entrevista é o primeiro passo na condução bem-sucedida dessa metodologia, pois é aqui que ocorre a preparação do entrevistador, pesquisando sobre o tema e a pessoa a ser entrevistada. Isso não apenas ajuda a desenvolver uma linha de questionamento eficaz, mas também demonstra respeito pelo participante ao mostrar que seu conhecimento e experiência são valorizados, em qualquer interação com adolescentes, especialmente em contextos de pesquisa ou entrevistas, estabelecer uma conexão pessoal genuína e criar um ambiente confortável são elementos cruciais para o sucesso. A conexão pessoal se traduz em criar um ambiente de confiança e empatia, no qual o adolescente se sinta à vontade para compartilhar suas experiências sem julgamentos. Isso envolve a escuta ativa, a empatia genuína, o respeito pela individualidade e a linguagem adequada à sua faixa etária. Já o ambiente confortável abrange tanto o espaço físico, que deve ser acolhedor e livre de distrações, quanto o espaço emocional, que deve ser leve e convidativo. Iniciar a conversa com um quebra-gelo, mostrar interesse genuíno pelas experiências do adolescente, incentivar a fala e ser flexível com o ritmo da conversa são atitudes que contribuem para criar um clima de familiaridade e segurança. Ao estabelecer uma conexão pessoal autêntica e criar um ambiente confortável, você incentivará o adolescente a compartilhar suas memórias de maneira aberta e honesta, o que é fundamental para compreender suas experiências, representações sociais e construir um relacionamento significativo. Nas palavras de Ribeiro (2021, p. 6),

Realização de uma pré-entrevista, momento no qual o pesquisador apresenta, em linhas gerais, o projeto para cada um dos colaboradores. Feito muitas vezes

por telefone, é quando elucidamos os procedimentos, a necessidade de utilização de equipamentos eletrônicos para o registro da entrevista e agendamos local, data e horário para a gravação.

A entrevista propriamente dita é o coração do processo de história oral; nesta etapa, deve-se adotar uma abordagem empática, ouvindo atentamente as narrativas dos entrevistados e fazendo perguntas abertas, voltadas a estimular detalhes e reflexões. É crucial permitir que os alunos contem suas histórias no seu próprio ritmo, sem interrupções constantes, bem como a sensibilidade e o respeito devem se fazer essenciais especialmente quando se discute tópicos sobre suas perspectivas futuras. Além disso, ela necessita ser registrada de maneira apropriada, por meio de gravações de áudio ou vídeo, para garantir a preservação precisa das palavras e das expressões do entrevistado; não obstante, “[...] pesquisadores de HO podem assumir seu papel de mediadores e colaboradores na produção da narrativa textual e completar informações que foram dadas” (Ribeiro, 2021, p. 6). Em outros termos, a gravação eterniza as narrativas registradas durante a entrevista e, por isso, o uso de equipamentos de alta qualidade é importante para garantir mais nitidez e melhores e mais compreensíveis resultados. Além disso, a obtenção do consentimento informado do entrevistado para gravar e, possivelmente, usar essas gravações para fins educacionais é uma prática ética.

Sabe-se que a transcrição de histórias orais – processo minucioso e no qual a escuta atenta é imprescindível - de alunos do ensino médio desempenha um papel importante na preservação e compartilhamento das narrativas pessoais e experiências únicas dessa geração. Essa etapa, muitas vezes subestimada, é essencial para transformar as gravações de áudio ou vídeo em documentos escritos acessíveis e duradouros. Embora essa parte possa ser trabalhosa, o resultado é um recurso valioso que permite aos alunos acessar e analisar as histórias de seus colegas de uma maneira mais aprofundada e reflexiva.

Durante a transcrição, é fundamental manter a precisão e a fidelidade às palavras do entrevistado. Isso envolve a transcrição exata do que foi dito, incluindo pausas, hesitações e expressões individuais, pois cada detalhe é importante e capaz de revelar emoções, nuances culturais e características pessoais que enriquecem a compreensão da história. Além da precisão, a organização - segmentar as transcrições em parágrafos ou tópicos, por exemplo - ajuda a tornar o texto mais legível e facilita a referência a partes específicas da entrevista, assegurando que os nomes sejam escritos corretamente e identificando claramente os sujeitos de fala.

3.4. Procedimentos para Análise de informações

3.4.1 Questionário

De um total de 120 alunos matriculados no 3º ano do ensino médio de uma escola técnica, obteve-se 58 questionários respondidos, no primeiro momento foi apresentando os alunos, sobre quem gostaria de participar da pesquisa, em um primeiro levantamento foram apenas 30 alunos que responderam ao questionário, após uma segunda fala do pesquisador foram mais 28 alunos que responderam ao questionário.

3.4.2 Entrevista

A entrevista, na história oral, é uma abordagem a combinar a flexibilidade das conversas abertas com a estruturação de perguntas pré-estabelecidas feitas aos partícipes. Nesse método, o entrevistador utiliza um roteiro de perguntas como guia para melhor aproveitamento, abrangendo os principais tópicos a serem abordados, pois ao contrário das entrevistas estruturadas, há espaço para adaptação e exploração mais profunda dos temas com base nas respostas e falas dos entrevistados, permitindo uma interação mais natural e resultando em respostas mais ricas e detalhadas.

A análise das entrevistas visa ao levantamento de dados sobre sonho e realidade na experiência estudantil: Em uma pesquisa sobre o impacto do Novo Ensino Médio no ingresso ao ensino superior, realizada em uma escola técnica do estado de São Paulo, a entrevista semiestruturada se mostra como um instrumento de pesquisa valioso e essencial para a compreensão dos processos psicológicos envolvidos. A entrevista, por sua natureza dialógica e aberta, permite ao pesquisador aprofundar a investigação sobre os sentimentos e significados que os sujeitos atribuem a um determinado fenômeno. No contexto desta pesquisa, a entrevista será utilizada para explorar os sentimentos dos alunos em relação ao “Novo Ensino Médio”, como a ansiedade em relação ao futuro, a incerteza sobre a escolha do curso superior e a frustração com as dificuldades de adaptação.

Através da interação face a face com os alunos, será possível identificar nuances e detalhes que não seriam capturados por outros métodos de pesquisa, como questionários ou observação. A entrevista possibilita ao pesquisador fazer perguntas abertas, permitindo que os

alunos expressem suas opiniões e sentimentos de forma livre e espontânea. Além disso, a entrevista possibilitará a análise dos significados que os alunos atribuem a essa nova estrutura educacional, como a percepção sobre a qualidade do ensino, a relevância do conteúdo para o futuro profissional e a influência do “Novo Ensino Médio” na decisão de ingressar no ensino superior.

A presente pesquisa busca responder à seguinte pergunta: como o “Novo Ensino Médio” tem impactado os processos psicológicos dos alunos de uma escola técnica no estado de São Paulo em relação ao ingresso no ensino superior? Através da análise das entrevistas, espera-se compreender como os sentimentos e significados dos alunos podem influenciar suas escolhas e decisões em relação ao futuro profissional.

Os resultados desta pesquisa poderão contribuir para a comunidade escolar, auxiliando na identificação de dificuldades e desafios enfrentados pelos alunos, e possibilitando a criação de estratégias e intervenções que promovam o desenvolvimento integral dos estudantes. Além disso, a pesquisa poderá fornecer subsídios para a formulação de políticas públicas que visem a melhoria do ensino médio e a ampliação do acesso ao ensino superior."

Por meio de entrevistas, procuramos entender o significado que cada fala, buscando entender na visão dos alunos, sobre a mudanças do novo ensino médio dentro das escolas técnicas. Para além disso, evitando conclusões inexistentes – ou seja, o entrevistado deve ser consultado caso surjam dúvidas. Na análise qualitativa das falas dos entrevistados, organizadas em quadros de antecedentes e indicadores e núcleos de história oral, o pesquisador deve, primeiramente, considerar o contexto social, cultural e histórico em que as falas foram produzidas. Os quadros de antecedentes e indicadores fornecem informações sobre a trajetória de vida dos sujeitos, enquanto os núcleos de história oral revelam suas experiências e percepções sobre o fenômeno investigado. A análise conjunta desses elementos permite ao pesquisador compreender o significado que os sujeitos atribuem às suas próprias falas, evitando interpretações equivocadas e aprofundando a compreensão do fenômeno em questão.

Entrevistado	Nome desejado	Data	Tempo de Duração	Tipo de curso	Raça
Gustavo	Aluno 1	24/06/2024	39 Minutos	EM Eletrônica	Branco
Maria	Aluno 2	05/06/2024	32 Minutos	EM Administração	Negra
Enzo	Aluno 3	03/06/2024	36 Minutos	EM Administração	Negro
Tarcísio	Aluno 4	13/06/2024	31 Minutos	EM Eletrônica	Branco
Marcelo	Aluno 5	24/06/2024	32 minutos	EM Informática	Branco

Zilda	Aluno 6	18/06/2024	36 minutos	EM Informática	Parda
--------------	----------------	------------	------------	----------------	-------

FONTE: autor (2025).

Os nomes dos participantes desta pesquisa, apresentados na tabela, são fictícios. Foram escolhidos para representar os jovens envolvidos na pesquisa e alterados a fim de preservar o anonimato, a confidencialidade e garantir a proteção de suas identidades, conforme normativas do CEP-UNITAU.

Na etapa inicial da pesquisa, foram convidados seis participantes, sendo dois representantes de cada sala, para colaborar na investigação. Em seguida, organizamos os tópicos e conteúdos mais relevantes para os participantes, que nesta fase da pesquisa serão chamados de colaboradores. Os resultados obtidos nesta etapa da pesquisa, a partir da análise dos dados coletados, serão discutidos em um fórum com os participantes, buscando aprofundar a compreensão sobre o tema investigado e identificar possíveis pontos de convergência e divergência entre as diferentes perspectivas.

4.0 Nossos colaboradores e suas narrativas

Grande parte dos colaboradores desta pesquisa mostrou interesse em estar continuando os estudos em curso superior de diversas áreas, apenas um deles demonstrou interesse em licenciaturas, educação física, um demonstrou interesse em seguir carreira militar, outra em área ligada engenharia, outro em área de medicina veterinária, dois na área do direito, no cotidiano do ambiente escolar todos demonstraram ter pouco conhecimento sobre o novo ensino médio, sabem apenas que foram retiradas alguns competentes e que isso faz falta para os vestibulares. Atendendo às orientações do Comitê de Ética da Universidade, atribuímos nomes fictícios a nossos entrevistados. São eles: Marcelo, Gustavo, Enzo, Maria, Zilda, André, autodeclarados brancos foram 3 e autodeclarados negros pardos foram 3 com idade entre 16 e 19 anos. Todos os declarantes cursam o 3º ano de ensino médio integrado ao técnico em uma escola, situada no estado de São Paulo, na região do Vale do Paraíba, chamada assim de “fundo do Vale Histórico”, todos sabem que sou professor da unidade. As narrativas ofereceram um material diferenciado para análise. Aliás, Maria, Enzo e Zilda que também se declarou negros, nos ofereceram uma produção significativa com relatos oferecidos. Há relatos de racismo no ensino fundamental que demonstram a existência nos anos iniciais. As narrativas compõem o texto desta dissertação. Esta escolha justifica-se primeiro, por entendermos que parte significativa deste trabalho se desdobrou no registro da transcrição e produção desta documentação para o desenvolvimento desta pesquisa.

Mas para, além disso, compartilhamos sonhos e a realidades desses alunos, a história oral entende como importante a veiculação das narrativas produzidas e sistematizadas em documentos. A seguir as narrativas transcritas, cujos nomes foram trocados, de acordo com orientação do Conselho de Ética, mas que resultaram em um documento analisado juntos aos demais para se entender a complexidade da vida desses alunos e como a educação pode ser transformadora na vida. As entrevistas estão na ordem em que se realizaram ao longo do segundo semestre do ano de 2024. Em média cada entrevista durou de 25 a 35 minutos, sendo feita pela plataforma Teams, devido a disponibilidade de horário dos participantes.

4.0.1 Gustavo

Meu nome é Gustavo, sou de Cachoeira Paulista, tenho 18 anos e, atualmente, estou estudando na Etec, no meu último ano, terceiro ano de eletrônica. Em minha casa, junto comigo, somos três: eu, minha mãe e meu pai. Minha mãe é advogada e meu pai é terapeuta, que vai se formar advogado.

A primeira escola que eu frequentei foi quando ainda morava na cidade de Queluz-SP, não lembro direito qual escola, mas foi lá. Depois disso, eu comecei a estudar em Guaratinguetá, a única lembrança que eu tenho é que tinha uma pirâmide, mas não lembro muito, porque era muito pequeno, à beira da Rodovia Dutra. Estudei ali até o meu quarto ano, a escola era num formato de... não sei explicar, um formato de martelo, o refeitório bem grande, tinha uma porta grande que abria para a quadra, tinha duas quadras: uma que ficava numa parte mais elevada e outra que ficava numa parte menos elevada, tenho essa memória de lá, gostava muito da pirâmide.

Tenho lembrança da professora de matemática, porque sempre fui fissurado, até hoje eu gosto muito, apesar de não demonstrar, mas eu sempre gostei muito, lembro que ela foi a professora que me ensinou a contar até 100, tenho essa memória, foi na sala mesmo, um dia que estava chovendo e, tipo, todos os alunos faltaram, praticamente foi eu e mais dois meninos, e aí, na aula dela não passou matéria, acabou ensinando a como fazer do 1 ao 100. Eu sabia do 9 até 10, depois dali, não sabia. Ela ensinou uma estratégia de contar 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e só trocar esses números na frente. Depois, quando eu iria para 20, era só inverter ao contrário, ficou gravado na minha mente e, no caderno, eu lembro que fiz 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7... eu fiz até o número 100, lembro que continuei, consegui passar dos 100 porque eu entendi a estratégia dela. Não sabia contar, só sabia colocar no papel, não sabia que era 101, 102... Minha mãe a segue no Facebook.

Depois disso, acabei me mudando para a cidade de Canas e lá acabei estudando meu 5º ano. Lembro que foi com a minha mãe que comecei a morar em Canas com meu pai, só fui até metade do ano, minha lembrança de lá foi que eu entrei na fanfarra, que naquela escola tinha, na cidade eles faziam coisas para a comunidade. Na época, existia fanfarra que pegava alunos,

era feita por alunos, acabei tocando na fanfarra por bastante tempo. Nossa, como eu gostava! Comecei tocando trompa, e não trompete, não lembro o nome, não era um pequenininho, não chego a lembrar o nome daquilo, era aquelas cornetinhas, aprendi a tocar, mas eu aprendi também saxofone, nossa, sabia tocar todos os instrumentos: corneta, cornetão (que era o grave), também trombone, saxofone, trompete.

Depois mudamos para o bairro Embaú, em Cachoeira Paulista, tínhamos um apartamento em Guará, vendemos o apartamento e compramos uma casa lá no Embaú. Depois comecei a estudar numa escola particular em Cachoeira Paulista, chamada Criar e Crescer. Para mim, foi uma coisa muito difícil, pelo fato de não ser escola pública, não querendo criticar a escola pública, mas ela acaba sendo de nível maior de ensinamento e comportamento também dos alunos. Porque na escola particular, eu senti diferença no jeito, no modo de falar, também no modo da educação, eram muito educados, tinha doutrina diferente. Aqui você mexe no celular, lá não podia, tinham normas. Foi bem difícil para mim a questão também do ensino, que não conseguia acompanhar. Porque uma coisa que eu estava vendo no 5º ano, por exemplo, quando eu estudei no Comendador, as coisas que eu aprendi no Comendador eu já sabia tudo, por causa exatamente do Criar e Crescer. No 9º ano, vi coisas de quando eu estava no 5º, no 6º, sabe?

Essa mudança foi muito difícil, porque foi um momento da minha vida que eu tive que me adaptar para entrar no ritmo, porque senão eu iria ficar para trás. Depois disso, por causa da questão de dinheiro e renda ser muito alta, os preços lá, eu acabei me mudando, no sétimo ano, para a escola Comendador. Me formei lá no 9º ano. A única coisa que eu lembro de lá era do espaço mesmo, gostava muito do espaço, gostava da biblioteca, a quadra de lá também era legal, as moças da cantina também eram muito legais, faziam cada comida boa, gostava muito de uma professora de matemática também.

Depois disso, acabou vindo a oportunidade de estudar na Etec, por causa da questão que tinha curso, para já sair de lá com curso técnico. Entrei pela análise de currículo, por causa que a gente estava no meio da pandemia. Aí eu acabei vindo. Foi escolhido o curso de eletrônica e, por algum motivo que eu não sei, teve essa parte mais do seu boletim, que foi do 9º ao 8º ano, assim. Aí foi por nota. Mas a experiência na Etec foi algo, assim, bem diferente. Porque, para

aquela fase, sair de criança para virar jovem, foi algo bem diferente para mim. O jeito das outras turmas, tipo, segundo e terceiro ano, o jeito comportado... eles eram mais diferentes.

Eram mais adultos, assim, podemos dizer. Na relação do ensinamento da escola, foi um ensinamento, até que, para mim, relativo. Não achei nem difícil nem fácil. Porque, como eu falei para você no começo da entrevista, eu aprendi tudo isso no meu quinto, sexto e sétimo ano. As únicas coisas que aqui na escola, que em questão de matéria que eu não sabia, era química e física, mas eu acabei até me dando super bem com química e física. Lembro do meu primeiro dia. Foi uma paz, porque ninguém se conhecia na sala. Era um silêncio, não tinha certos alunos que estavam aprontando demais, então, tipo, foi uma experiência agradável. Apresentação dos alunos que a gente fez assim que se conheceu. E eu gostei bastante do ambiente também. Eu escrevi que é bem equilibrado. Só que, por causa de vários outros professores trabalharem em uma escola e em outra escola, acaba tendo muita alteração no horário.

Isso fica bem difícil de acompanhar. Por exemplo, a parte técnica da escola do meu curso de eletrônica, a gente acaba desenvolvendo projetos e tem gente que não tem outro dia para desenvolver, do nada, muda o horário. Por exemplo, um dia que a gente estava contando como segunda-feira para terminar o projeto para entregar terça-feira, você não consegue, porque acaba tendo essa mudança no horário.

Irei prestar o vestibular, mas não me sinto tão preparado em questão de inglês e na parte mais de redação também. Acho que falta mais matéria. A quantidade de aulas está ok. O único problema que eu acho é que alguns não conseguem chegar nos seus reais objetivos para elaborar uma boa redação.

Sobre o curso que desejo fazer na faculdade, a família inteira — meu avô, meus tios — são advogados. Eu quero aquela da cidade de Cruzeiro, se não me engano, FACIC. Sai mais barato porque é mais perto de casa, questão de gasolina. Porque lá, para você pagar mensalmente, se eu não me engano, é R\$500,00 a R\$600,00, mais barato do que uma escola particular. Pretendo também trabalhar. Ainda não tenho uma área específica, mas, se eu fosse querer escolher, eu acho que trabalharia no escritório de advocacia. Ano passado eu cheguei a trabalhar no escritório, o que influenciou os meus sonhos de ser advogado. A meu ver, não foi

questão de influência de pai. Foi olhar e ver um caminho. Independentemente de qualquer faculdade, qualquer atividade, hoje, atualmente, eu acho que é uma coisa bem difícil de acontecer. E eu enxerguei esse caminho do direito, do escritório. Já está pronto, já tem a clientela, já tem a “boca a boca”. Eu prefiro escolher esse caminho. Tipo, eu peguei a prova da minha mãe, eu fui fazer. Tipo, eu fiz, sei lá, 7 questões, acertei 5. Não sei nem como, mas é porque o direito é mais o fato de ser algo da sociedade. Então, é algo mais para você compreender, analisar.

Mas, em questão de trabalho, eu já conheço um pouco, porque ano passado eu trabalhei com meu tio ali em Cruzeiro, e eu fazia cálculos, petição e documentação. Um pouco da experiência eu já tenho. Vejo aqui na minha própria casa que meu pai é muito dedicado em questão de estudar. Tem a outra questão, que é a prova da OAB. Se você não passar, você não consegue a carteirinha. E essa prova da OAB, minha mãe sofreu. É uma prova muito difícil. Acho que ela fez a prova 5 vezes, 4 vezes. São 2 etapas. Primeira vez que ela fez, passou na primeira fase e não passou na segunda fase. Foi para a repescagem, não passou na segunda também. Aí, na segunda vez, foi e faltou, sei lá, 0,25 pontos, e ela não passou. Na terceira ela passou. Na terceira vez, ela passou. É um dos desafios. Por exemplo, meus tios acabaram passando de primeira, mas eles falaram que, na época que eles fizeram, não tinha uma matéria.

Eu não sei o nome da matéria, mas é a matéria mais difícil lá da questão do direito. E, na época deles, não tinha essa matéria na prova, então eles acabaram passando de primeira. Tem escritório em Canas, do meu vô e da minha vó, que já vão se aposentar. Já estão ficando velhinhos, a cabeça já vai perdendo um pouco.

Nessa área, você pode trabalhar no jurídico, pode trabalhar em questão até no civil, penal. Meu pai quer fazer penal, mas, tipo, a minha área em si, eu não sei em qual eu posso entrar. Eu posso advogar, entrar como delegado da polícia, posso também trabalhar no escritório, fazendo, sei lá, o penal também. É uma área muito grande. Quando eu tiver faculdade, eu acho que não é algo para eu enxergar agora.

Eu já me vejo formado com OAB, já me vejo advogando dentro de alguma área específica, que eu vou decidir nesses anos de faculdade. Já estando morando sozinho, talvez com a minha esposa ou até mesmo com filhos. E vejo assim daqui uns 15 anos.

4.0.2 Maria

Meu nome é Maria, eu tenho 17 anos, é meu aniversário é dia 27 de novembro, eu sou preta, tenho cabelo cacheado, e eu nasci em Cachoeira Paulista, mas hoje moro em Silveiras, eu sempre gostei muito de estudar, desde pequena. Aprendi a ler e escrever bem cedo, aí eu fui para o pré com 5 anos de idade mais ou menos, eu já era bem assim, ativa nas coisas da escola e principalmente na questão do canto. É uma coisa que eu sigo até hoje que vem já desde a infância, desde o prézinho, depois no primeiro ano, uma coisa que marcou bastante foi que eu apresentei uma atividade musical.

Durante 3 anos, do primeiro ao terceiro ano do fundamental, aprendemos cantando a música das borboletas do Vinícius de Moraes, se eu não me engano. Foi um marco para mim, porque foi meio aí que começou meu afeto pelo canto, foi uma coisa bem legal, porque eu me senti muito acolhida pela professora, que escolheu a mim para cantar para os familiares. Lembro também que minha mãe chegou a fazer uma festa de aniversário para mim lá na escola, então foi bem legal. Eu pude chamar todos os meus amigos, meus pais também estavam lá, os professores, então foi uma coisa muito alegre para mim.

Uma outra coisa que me marcou, que eu não achava que era tão assim foi quando eu estava no primeiro ano e a minha professora disse para minha mãe que não seria ruim se eu passasse um ano à frente, em vez de passar para o segundo passar para o terceiro ano, porque, segundo ela, eu era mais avançada nessa questão escolar, então isso era uma coisa que eu não esperava. Eu preferi não ir para o terceiro porque não queria me separar dos meus amigos, aí preferi ficar com eles. Minha mãe sempre falava que eu era muito bobinha com as amigadas, deixava o pessoal fazer o que quisesse e aí muitas vezes eu me decepçionava. Teve uma vez que eu tinha meu grupinho de amigas, e aí a professora pediu para eu ajudar numa questão de matemática, lembro que era uma outra pessoa fora do meu grupinho, e aí eu tive que ajudar. Assim que acabou a aula eu não tive tempo de ajudar as meninas que eram do meu grupinho e elas começaram a me xingar e tudo mais, pararam de falar comigo e eu fui chorando da escolinha até aqui em casa.

Outra lembrança que vem é sobre meu cabelo. Por eu ser negra, por conta do meu cabelo, principalmente, porque até uns tempos atrás cabelo cacheado, crespo, não era tão

comum, então, assim, minha mãe não sabia cuidar dele, eu também não sabia, então eu vivia com o cabelo preso. Uma vez que eu soltei, tive que lidar com zuações, risadinha, essas coisas e chegou no fim do dia, na hora eu não percebi, mas quando cheguei em casa alguém tinha colado chiclete no meu cabelo, aí eu tive que cortar. Ninguém nunca falou na minha cara em questão da minha cor, mas eu tinha a impressão de que falavam pelas costas, mas nunca chegou no meu ouvido, sabe, era mais questão do meu cabelo crespo.

Hoje, aqui em casa, na verdade, atualmente, sou eu, minha mãe, meu pai, eu tenho 2 irmãos, um filho do meu pai e minha mãe, ele tem 22 anos e atualmente está morando em Capitólio, Minas Gerais, e outro irmão que é só por parte de pai, tem 29 anos, mora em Lavras, Minas Gerais. Atualmente, somos só eu e meus pais aqui em casa.

Falando da minha rotina, é um pouco corrido, porque meu pai trabalha o dia inteiro, das 9h às 19h, minha mãe trabalha no postinho de saúde daqui das 7h até às 17h, e eu estudo na Etec, que é das 7h às 15h. Eu chego em casa aqui em Cachoeira, até aqui é meia horinha, chego aqui às 15h30. Geralmente eu tenho que dar uma ajeitada na casa, arrumar umas coisinhas, tipo lavar louça, essas coisas, depois eu me arrumo, vou para a academia, faço meu treino e volto. Quando tem coisa para estudar da Etec, eu faço as coisas, se não tiver, eu faço um estudo para o Enem. Depois desse ano, se deus quiser, eu passar no Enem, tirar uma nota boa e satisfatória para poder ingressar na faculdade de Engenharia de Materiais, pretendo fazer na UNESP ou na UFLA, lá em Lavras, já que minha família é de lá fica bem mais fácil para mim, mas também pretendo através do curso que eu tenho de Administração da Etec já conseguiu um serviço meio período para ir ajudando nas contas. Quando conseguir ter uma rotina mais independente, o dinheiro vai me ajudar a me manter e, dependendo da situação e da faculdade que eu for, pagar alguma coisa que tiver.

Às vezes eu penso que meu sonho é só ter um serviço bom, conseguir digamos assim devolver de certa forma tudo que meus pais fizeram por mim até hoje. Sempre vão continuar fazendo, com a graça de Deus, mas também seria viajar para o mundo, e um sonho meu é ir para a Europa, para o Canadá e para os Estados Unidos. Nossa, mais sonho, sonho mesmo desde pequena, é que todo mundo tem um caminho, na verdade, porque eu queria, sempre gostei da área de exatas, não é matemática e a questão de design, essas coisas? Então, eu pensava muito em engenharia civil, na verdade, aí chegou um ponto que eu fui olhando, muitos conselhos,

assim, análises e geralmente muitas pessoas falavam: “Olha, é bom engenharia civil... mas corre o risco de você acabar não trabalhando com isso no futuro, você fazer faculdade, mas não trabalhar com isso”, e aí, através de uma visita que a gente fez, inclusive com o senhor, na USP de Lorena, lá não tem Engenharia civil, mas tem engenharia de materiais e eu procurei saber mais sobre a engenharia de materiais, fiquei lá assistindo o pessoal apresentar sobre como é o curso, o que engloba, quantos anos que é e tudo mais. E eu me interessei, fiz muitas pesquisas, analisei muito e aí eu decidi ficar pela engenharia de materiais. É além do que eu já tive de disciplinas na Etec.

É como agora, não é por causa do novo ensino médio, algumas disciplinas que são pedidas no Enem saíram e foram substituídas, eu procurei por um curso de vestibular online que está me ajudando bastante. Estou me sentindo bem, confiante de que eu vou tirar uma nota bem satisfatória para conseguir ingressar na faculdade que eu tenho sonho de seguir.

Sobre no novo ensino médio olha a mim, eu não acho que prejudicou, até porque, graças a Deus, eu tive a oportunidade de correr por um curso online para ter acesso a reforçar e relembrar o que eu já estudei das outras disciplinas, mas no caso lá na Etec foi substituída por áreas da administração, então para mim, não perdi nada. Eu particularmente não acho que sai perdendo, mas fico muito preocupada com meus colegas daqui da escola estadual de Silveiras e outros alunos de escolas estaduais que, por exemplo, teve disciplinas substituídas por algumas que às vezes não agregam muita coisa. Olha como chegou, não tenho muito conhecimento, e confesso que acabei sabendo assim, bem de última hora que ia mudar, vai mudar as disciplinas, muitas vão sair e aí procurei saber em outras escolas também, por amigos da antiga escola que eu estudava daqui que ia ter esse novo ensino médio.

Na ETEC o fato das disciplinas voltadas para administração do meu curso, assim toda a metodologia que é usada na escola técnica nos prepara para o mercado de trabalho de uma forma muito boa, seja em apresentação de seminários, na apresentação de TCC, no processo de criação de planejamento do TCC, já é toda uma preparação para o mercado de trabalho.

Eu me lembro primeiro na ETEC, foi uma felicidade imensa, porque, digamos assim um mundo novo, escola nova, eu sempre fui muito assim, apressada em relação às coisas de escola, eu sempre gosto de fazer muita coisa e aí eu falo “nossa, agora eu vou estudar administração

também além do ensino médio, vou ter uma rotina legal, vou conhecer pessoas novas”, as expectativas foram muito, muito boas quando eu entrei. Na verdade, não mudaria nada no meu curso, diria aprimorar, melhorar, teria mais voltada pelo ENEM, e para área de exatas, como contabilidade. Eu nunca que tive trabalho ou dificuldade, graças a Deus, só achei que podia ser melhor, porque eu acho que no mercado de trabalho agrega mais coisas, um exemplo, o Excel, a gente não usou até agora, tanto que eu fiz um curso gratuito, eu fiz por precaução minha mesmo, para ter mais conhecimento, eu fiz curso online de Excel na fundação Bradesco, pois na escola mesmo a gente não pega muito Excel, essa questão é da contabilidade, que a gente tem noção que precisava saber a teoria primeiro, pegar prática para depois ir direto para o Excel. Só que parece que eu tenho a impressão de que fica muito tempo só no caderno já era bom estar no Excel.

Acredito que a primeira questão em relação ao ingressar em uma faculdade, eu entendo que muitas vezes tem dificuldades dependendo do lugar, um certo obstáculo em relação a mulheres negras eu acredito que existe, e vamos supor assim os caminhos que deveriam ajudar não só mulheres, mas os negros em geral, que é, por exemplo, a questão das cotas. É uma coisa que ajuda bastante, eu não sei se eu vou ter muitas dificuldades, eu espero que não, mas se eu tiver, eu acredito que estou preparada e até então eu não acho que minha cor, a cor da minha pele tem atrapalhado na questão de escolaridade.

Eu agradeço, foi uma honra participar, dessa sua pesquisa para o seu mestrado é muito gratificante para mim poder ajudar e falar sobre mim, sobre a minha rotina, sobre a carreira que eu quero seguir.

4. 0. 3 Tarcísio

Meu nome é Tarcísio. Atualmente tenho 17 anos e estudo na escola Etec Marcos Uchôas Penchel, que é na cidade de Cachoeira Paulista. Estudo na área de eletrônica, cursando o terceiro ano do ensino médio, e atualmente estou na carreira do fisiculturismo e estudando para a carreira militar.

Moro em outra cidade, localizada a 30 minutos de Cachoeira Paulista, chamada Silveiras, no centro desta cidade, em minha casa, contando comigo são 4 pessoas, sendo que apenas 2 trabalham.

Meus primeiros estudos foram na escola Edmund, que era uma escola do município e foi do primeiro ao quinto ano, entrei com 7 anos na escola. Durante esse tempo, não era um aluno muito empenhado, era um aluno que queria brincar mais do que tudo, mas foi melhorando tudo com o tempo, fiquei durante 5 anos nessa escola.

Durante o tempo que fiquei nessa escola, ganhei algumas competições de criatividade, como montar brinquedos de material reciclável, de culinária, essas coisas, fiz algumas viagens também com a minha turma durante esses 5 anos.

Na escola Hildebrando Soderó, que foi do 6º ao 9º ano, minhas lembranças são as pessoas que eu conheci, as viagens e outros conhecimentos que pude ter durante o ensino fundamental. Do Hildebrando, não tenho nenhuma específica, só quando eu entrei e quando eu saí mesmo, não teve momentos ruins, teve momentos bons, mas nada que me marcasse tanto. Tinha brigas, mas não que fosse me envolver; notas ruins, notas boas, elogios de professores... essas coisas. Pegamos uma parte da pandemia também, estudei um ano e meio praticamente, por causa da pandemia. Foi nesse período que tive um problema de saúde mental, tinha aula todo dia, só que eu não conseguia fazer, não conseguia prestar atenção, uma professora na época que mora aqui perto de casa, me trazia as atividades para fazer, foi assim que consegui.

Conheci a Etec pela minha irmã, que sabia tudo, ela me botava pilha para poder ir estudar, assim as coisas iam melhorando, aí resolvi fazer todo o processo. Entrei na Etec, não tinha prova, foi um processo seletivo, pegando as notas e frequência, comportamento e essas coisas, era análise de histórico, e hoje estou no terceiro ano.

Então vou continuar os estudos, são muito importantes, ainda mais na carreira que eu quero seguir, que é a carreira militar. Tudo porque eu quero entrar na escola preparatória de Cadetes do Exército, que são 5 anos de estudo. Nesse período, até eu me formar e mesmo depois, ainda tenho mais sonhos, quero evoluir de patente dentro do exército. Tenho que entrar para obter mais experiência, mais conhecimento e melhorar minha vida lá dentro.

Um dos meus sonhos que eu queria realizar também seria seguir a vida do fisiculturismo, que é o bodybuilding, mas a vida pode depender de mim. Isso pode me levar muito à frente, como também pode destruir ou levar a uma carreira muito grande de conhecimento mundial!

Eu desejo sim fazer, e, se eu conseguir passar na prova da EsPCEEx, não teve uma pessoa que me inspirou, mas sim foi o estilo de vida, as coisas que eles fazem, como eles vivem. Então, acho que isso me inspirou muito a tentar a carreira militar. Depois, dentro do exército, vou fazer engenharia elétrica para poder me estabilizar, mais dentro da área de estudo que estou no momento do meu curso ou dentro da minha área de estudo do ensino médio normal.

Os professores tentam mostrar para a gente exercícios e nos ajudar em resoluções de exercícios que vão cair no Enem, para ajudar a gente a concluir o ensino médio para ter nota boa, para a gente poder passar e conseguir uma faculdade boa, só que é meio avulso, podemos dizer. Não são todos.

Eu me sinto meio preparado, mesmo assim continuo estudando, mesmo fora da escola, 2 horas em casa mesmo, vídeo aula em PDF, edital, essas coisas. Na minha opinião, eu acho que teria que ter uma aula pelo menos umas 2 vezes por semana falando sobre matérias do Enem. Uma preparação para o Enem, a cada dia entrando em uma matéria. Pelo menos para ajudar o aluno a ter uma base, pelo menos um começo de base para poder entrar. Seria uma sugestão minha, acho que isso dependeria de aulas extras, fora do período de aula normal, que os alunos poderiam escolher. Ter vários tipos de aula diferentes, falando como os clubes. Digamos que terá time de inglês, de matemática, de português, ajudando-o a se aprofundar naquela área.

A área de eletrônica é uma área de mercado que abrange muitas possibilidades. Pode tanto fazer o sistema elétrico inteiro de uma casa quanto o sistema de um brinquedo. Então, tem

uma grande possibilidade de a gente trabalhar em fábricas, empresas próprias, em vários tipos de lugares.

Eu tenho pouco conhecimento sobre o novo ensino médio. Foi na própria escola Hidelbrando mesmo, mas eu não estava prestando atenção nessas coisas. Quando passei na Etec, pensei que seria completamente diferente de uma escola normal, que as pessoas agiriam completamente diferentes, achava que seriam pessoas mais focadas em estudar aquela área, “tudo tal”. Mas hoje eu vejo que não, tem pessoas que tendem a estudar apenas sua área e tem pessoas que tendem a estudar as outras áreas também.

O que eu estava esperando do curso técnico, eu encontrei, na verdade, que seria eu fazer projetos dentro da minha área. Pelo menos eu faria projetos, circuitos, saberia como fazer manutenção de equipamentos, essas coisas, mas isso vai depender de cada pessoa também, porque tem pessoa que vai aprender mais na prática e tem pessoa que vai aprender mais estudando, lendo um livro, eu pelo menos, aprendi mais na prática.

Como meu professor falou, você pode entrar com uma patente dentro de uma empresa mais alta, em áreas onde você vai ter maior benefício financeiro e conhecimento também, já vai entrar com habilidade extra, diferente do que um "peão" normal entraria em uma empresa.

Agradeço meus pais por me apoiarem, mesmo eles tendo aquele medo de pai e mãe, eles me apoiam, querendo que eu conclua meus estudos, tanto que me ajudaram a estudar em outro país, num intercâmbio, tudo foi apoio deles. Foi nesse ano, envolvendo os melhores alunos das Etecs, que esse projeto foi feito pelo pessoal da ONI, que é a empresa que cuidou de toda parte burocrática do intercâmbio.

Fui com um grupo de 20 pessoas, alunos da Etec. Teve também o pessoal das Fatecs, e alguns professores foram guias nossos. Alguns alunos foram para Irlanda e para os Estados Unidos, eu fui para a Inglaterra, fiquei na cidade de Leeds, na Inglaterra, cerca de um mês, 3 dias em Londres, e o resto eu passei em Leeds, acho que foi mais um motivo para eu focar nos meus estudos, para seguir para lugares mais altos.

Acho que, na minha opinião, temos uma vantagem, já que a gente pesquisa muito, vemos como a prática funciona, e as habilidades avaliativas de cada professor são diferentes, tem

professor que dá aula prática, que vai ver como a gente age em equipe, como a gente age sozinho, como que a gente é, se presta atenção, isso é um diferencial.

Sempre tem que ter um obstáculo, família eu tenho apoio, estou numa escola pública, se eu me esforçar, eu consigo passar. Se eu não abraçar as coisas que a vida dá, não vou conquistar nada, então, mesmo tentando, eu vou dar meu máximo. Se eu conquistar tudo, me vejo viajando para vários países, tanto pela carreira militar quanto pela carreira do fisiculturismo. Na área militar, eu vou competir pelo exército brasileiro oficialmente, acho que vou tentar de tudo para conseguir.

Pessoas que não foram boas para minha vida, com brincadeiras, amigos que não me levaram a conquistar nada... Ter amizade é bom, mas sempre tem que ser uma amizade verdadeira, que é muito difícil hoje em dia. Na minha opinião, eu acho que não deveria mudar nada, porque são as coisas que estão acontecendo ao meu redor que me dão mais motivo para eu conquistar.

4.0.4. Zilda

Meu nome é Zilda, tenho 17 anos, nasci no dia 4 de março de 2007 em Cruzeiro/SP e atualmente moro em Silveiras. Eu me definiria como negra, eu nunca senti preconceito ou eu não percebi nada, pelo menos ainda não, acho que pelo fato de morar numa cidade pequena, todo mundo conhece todo mundo, mas eu acho que quando sair da cidade provavelmente sim, mas acho que estou preparada. Bom, eu acho que a gente tem que estar, de alguma forma, a gente sabe quando a gente passa.

Minha família veio de Minas, em casa sou eu e mais 3 pessoas, minha mãe, meu pai e minha irmã, que tem 7 anos de idade são de 4 a 5 salários, juntando meu pai e minha mãe. Estudo o 3º Ano em Cachoeira Paulista, que é uns 20 km de Silveiras, basicamente de ônibus leva uns 30 minutos, sendo transporte feito pela prefeitura

Minha primeira escola foi Dom Edmund, aqui em Silveiras, foi do primeiro ao sexto. No 6º ano, uma das coisas que eu me lembro é que eu era uma aluna bem destacada, inclusive, eu fui chamada para participar de um programa de jovens, é um negócio que eles faziam, tipo, que eles chamam os melhores alunos de determinadas classes, não me recordo muito bem como que se chamava esse programa, os que mais se destacaram eles levavam para um lugar e acontecem várias coisas, como jogos, brincadeiras, muitas coisas diferentes, mas eram só para os destaques, era um dia só.

Nesta escola, tinha uma professora, se eu não me engano, o nome dela era Rosimari, alguma coisa assim, eu não me lembro faz muito tempo que eu não a vejo, deu aula para mim por muito tempo, foi no quinto, no terceiro e depois no segundo, mas depois nunca mais, se eu não me engano, era português.

Na escola Hidelbrando Martins Sodero, fiquei do 7º ao 9º ano, não consigo ter muitas lembranças porque quando eu estava lá na oitava série mais ou menos, tivemos todo cuidado da pandemia, não tive muito tempo para me juntar.

No sétimo ano mesmo, eu estudava à tarde, podia acordar bem mais tarde, na hora de ir embora, como eu moro um pouco longe daquela escola, vinha eu e muitos amigos no caminho, a gente vinha se divertindo, neste período nossas aulas eram pelo Centro de Mídias, eles

deixavam algumas atividades lá e a gente fazia, mas não foi um período muito bom, porque assim eu particularmente não consegui aprender muito. No presencial, era muito melhor. Para entrar na ETEC eu não fiz prova, por conta da pandemia, foi mais pelo processo seletivo e a gente passou. Quem ficava falando para a minha mãe entrar na Etec era minha tia, quando estava na época de fazer as inscrições, aí decidi eu e mais 2 amigas pelo curso de ADM a fazer as inscrições. Quando entrei foi bem diferente do que eu tinha em mente, porque na minha cabeça os alunos eram bem diferentes, eu imaginava aqueles nerd, mas não foi bem assim, mas a minha cabeça era assim, fui bem recebida, assim não tem muito que reclamar dos funcionários e ensino e nem da escola, eu achei que eu fui muito bem recebida.

No meu ver, alguns professores que são da área do meu curso tem informação, só que não conseguem explicar a matéria de uma forma que a gente aprenda, alguns professores acho que não sabem, como se não desse bem com a própria matéria e não sou só eu que penso isso, já conversei com outros alunos da minha sala e eles também pensam a mesma coisa, já as matérias comuns, mas em outras matérias não daria certo. De certa forma, acho que se a gente for comparar o nosso ensino com ensino de outras e ETECs a nossa está em um nível mais baixo, pelo menos no meu curso, porque tem muitos professores que passam as coisas já sai da sala ou nem explica, só “pode fazer, que vai valer nota”, então eu acho que não tem uma resposta muito certa.

Em outras matérias eu achei que eles são muito bons, são muito explicativos, eles ajudam, inclusive, a nos preparar para quando a gente for fazer um vestibular e o Enem, como português a professora ensina muito bem, acho que estaria superpreparada para redação e tal.

Eu acho no sentido de quais matérias deveriam ser melhoradas por conta do novo ensino médio, acho que literatura, redação, matemática, geografia, deveriam ter mais, como história que a gente não tem. Estamos no terceiro ano do ensino médio, não tem história, não tem química, acho que essas matérias são algumas das principais para o Enem deveriam ter mais aulas.

Olha, eu me vejo formada... Dez anos é muita coisa, já vou estar com 27 anos, eu ainda não consegui ter em mente, ter feito faculdade, gosto muito de direito, quem sabe, formada, exercendo meu futuro emprego, uma família tendo uma vida estável recebendo, um salário que

daria para viver bem, não quero receber um salário-mínimo, meu sonho mesmo é viajar, conhecer o mundo.

4. 0. 5 Marcelo

Meu nome é Marcelo. Nasci na cidade de Cachoeira Paulista, atualmente tenho 16 anos e estou no terceiro ano do Ensino Médio em Desenvolvimento de Sistemas. Tenho 1,80m de altura, minha pele é branca.

Em minha casa, moramos em quatro pessoas: meu padrasto, minha avó, minha mãe e minha irmã. Na minha família, trabalham duas pessoas: meu padrasto e minha mãe. Minha avó é pensionista e minha mãe é enfermeira.

Eu sempre gostei muito de matemática, sempre fui mais da área de exatas. Então eu lembro, “tipo assim”, de conseguir resolver vários tipos de cálculos. Me sinto grato por isso, sabe? Por conseguir entender e resolver. Acho que foi minha professora quem me incentivou bastante nessa área da matemática. Ela me fez gostar da matéria. Sempre cursei escola pública.

Atualmente, estou acordando às 5h30. Preparo meu café, vou para a escola, volto, chego em casa e me sento para estudar até mais ou menos umas 18h30. A partir disso, fico até umas 19h, que é o horário que saio para a academia. Aos fins de semana, trabalho como cuidador de idoso.

Pretendo prestar, “tipo assim”, a formação de sargento. Estou estudando on-line em casa, através de um curso, sempre tentando progredir de cargo como consequência dos estudos. Acho que, provavelmente, a área militar funciona através do próprio ensino.

Bom, sinceramente, na escola, eu acho que as matérias estão muito vagas. Acabam focando só nas principais, e até mesmo matérias fundamentais do curso não estão mais sendo ofertadas por conta do Novo Ensino Médio. Por exemplo, uma aula de História era mais eficaz do que é agora. Foi uma grande mudança, porque a maioria dos vestibulares pede justamente essas matérias que foram excluídas, e isso complica ainda mais a situação de um aluno.

Eu estudava no Padre Juca, e minha meta era ingressar no curso. Na época, era na parte da informática. Só que, após eu ter entrado na Etec, percebi que não era bem como eu pensava que funcionava. Tenho conhecimento de algumas matérias como Filosofia e Sociologia — matérias mais puxadas para a parte teórica, né? Acho que a minha formação, em si, deveria ter

essas novas matérias também, mas sem excluir as outras. Deveriam ter aumentado a carga, não retirado conteúdos.

O tempo de escola... bom, principalmente na parte da Educação Financeira, é algo que a gente não tem. E é uma técnica fundamental, assim como Matemática, que não é muito focada. Atualmente, temos muitos casos de falta de matérias fundamentais. Bom, dependendo... acho que isso varia muito de como você aprende, porque pode ser que essas avaliações ou formas diferentes sejam mais expressivas, sabe? Acho que depende muito de cada um e da forma de pensar. Até porque existem pessoas que têm mais dificuldade com o aprendizado, enquanto outras têm mais facilidade.

Bom, na minha opinião, seria importante trazer de volta essas matérias “padrão”, como História e a própria Educação Financeira. Geralmente, a gente sai do Ensino Médio sem saber lidar com dinheiro e acaba ficando perdido em relação a isso.

4. 5. 6 Enzo

Meu nome é Enzo, tenho 18 anos, sou de Cachoeira Paulista, minha primeira escola foi em uma comunidade católica na minha cidade, o instituto. Assim, acho que foi muito bom as pessoas que eu conheci lá, mas não era sempre, teve muitas questões negativas, por conta do ensino lá, de alguns professores, coordenadores, mas a maioria das pessoas que eu conheci lá, eu me dei bem.

É porque lá a coordenação tem muito dessas coisas de uns alunos “preferidinhos”, principalmente se eles são da comunidade, um exemplo: se você fizesse alguma coisa e não era da comunidade, você era punido, mas se você era, você não era punido como as pessoas que não eram da comunidade, isso era ruim é que assim, eu e mais praticamente todo mundo que não fazia parte de lá era tratado assim.

Atualmente, na minha família, moram aqui em casa eu, minha mãe e meu padrasto, até os meus 12 anos morava com os meus avós. Morava eu, meu avô, minha avó e meu tio, por parte de pai. Por opção minha, eu decidi vir morar com ela, aqui só meu padrasto trabalha.

A maioria da minha rotina durante a semana é para escola, é só ir para a escola, depois eu fico em casa, estudo francês, basicamente, é essa a minha rotina, pretendo continuar meus estudos quando sair do ensino médio, estou dividido em 2 áreas, continuar na área da administração mesmo ou fazer medicina veterinária.

Com essa contrarreforma do ensino médio tiraram um monte de matéria que é essencial, como por exemplo, a biologia, ter mais química, coisas assim, acho que no sentido de voltar a ser o que era antes com as matérias, voltando para os seus devidos lugares, pelo menos na Etec, sem retirar nenhuma matéria que é essencial para você prestar vestibular.

Meu curso médio com técnico em administração, mesmo com alguns professores entregando o mínimo em geral, é muito bom, prepara para o que eu quero é bastante para o mercado de trabalho. Olha, acho que seria muito mais interessante ter algumas aulas sobre educação financeira, porque mesmo fazendo administração, não se tem muito conhecimento sobre educação financeira.

É, eu volto a repetir que a falta das matérias essenciais para o vestibulares fosse para escolher, acho que deveria ter mais exercícios práticos do que teoria, falando por mim, vejo aprendo mais com exercício, que só copiando matéria, fazendo prova. Com essa contrarreforma do ensino médio, o que eu falei da retirada das matérias que são essenciais que caem no Enem, vestibulares, essas coisas, é você sem ter uma renda alta, como as pessoas que têm renda para contratar, por exemplo, professores particulares e coisas do tipo, você acaba prejudicado, você não consegue sem uma renda, e se não possuir uma renda mais alta do que a média. Meu padrasto trabalha em fábrica, não é todo mundo que tem dinheiro sempre.

Eu sou a mesma pessoa em todos os lugares, seja na escola, seja em casa, sempre sou a mesma pessoa. Tenho uma personalidade um pouco forte, um pouco agressiva, um pouco... Em geral me considero uma pessoa tranquila, bem-educada, para quem merece, claro! Me vejo como um homem negro e gay.

Todo mundo em casa me apoia, em especial minha mãe, mesmo não sendo formada. Meu padrasto tem outros 3 filhos, mas que não moram conosco. Em casa somos apenas minha mãe, ele e eu. Só nós que moramos juntos em Cachoeira Paulista.

Além da escola, eu faço alguns cursinhos básicos e rápidos, pela internet. Simulados. Todo mundo espera sucesso na carreira que escolhe. Eu vou continuar estudando, até conseguir. Daqui a 10 anos, eu espero já estar financeiramente estável. E com a minha mãe com uma casa, não precisa ser pronta, pode ser alugada por enquanto, até eu conseguir. E comprar mesmo a minha. E, financeiramente, está estável com a área que eu escolhi. Visualmente, eu vou mudar. Não muito.

Aqui também tem pouca oportunidade de emprego. Dentro da escola, nunca sofri bullying. Eu sempre fui o que eu sou. Pela sociedade, até pela família, por parte de pai, mas assim eu sempre fui uma pessoa que não leva desaforo para casa. Então eu sempre falo, sempre! Desculpa... sempre bato boca, então. Eu discuto, bato boca, eu não sou de deixar ninguém me colocar para baixo. Assim, eu não deixo ninguém me rebaixar. Para mim, não existe ninguém acima. Ninguém! Então, se alguém tentar me rebaixar, vai ser pior, porque eu vou discutir, eu vou bater boca.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A relação entre os sonhos estudantis dos alunos e a implementação da contrarreforma do ensino médio de uma escola técnica pode abranger uma variedade de aspectos, como desempenho acadêmico, áreas de estudo, independências financeiras, fatores sociais, habilidades a serem desenvolvidas e conquistas a serem alcançadas ativamente em seu processo de aprendizado. Uma grande decisão é a definição da carreira desejada e tal problemática perpassa e envolve a identificação da área de trabalho específica na qual o aluno tem interesse e aspirações profissionais; uma vez feita tal escolha, o jovem pode direcionar seus esforços acadêmicos para adquirir conhecimentos e habilidades relevantes para aquele segmento laboral, além de buscar oportunidades de estágio, mentoria ou experiências práticas que possam enriquecer seu aprendizado dentro de uma escola técnica.

Assim sendo, quais são as narrativas dos alunos do ensino médio técnico? Quais realidades apresentam-se como limitadoras ou não de projetos de formação e atuação no mundo do trabalho de uma escola na cidade de Cachoeira Paulista?

A presente pesquisa abordou as expectativas de formação profissional ou mercado de trabalho de alunos do 3º ano do ensino médio, contrapondo “sonho” e “realidade”, procurou-se refletir sobre as dificuldades desses jovens conquistarem o acesso ao ensino superior e o direito a uma educação crítica e humanamente complexa.

As respostas dos alunos participantes desse estudo revelaram dados importantes, pois compreender sobre os sonhos e expectativas desses alunos, se torna o estudo importante para âmbito dessa pesquisa sonhos, das características identitárias, significados e influências nas vidas desses alunos. Nesse contexto específico, os sonhos podem ser vistos como reflexos de desejos e até mesmo dos desafios futuros a serem enfrentados. Podem ser compreendidos, também, como é o caso da presente pesquisa, tal qual a perspectiva de inserção como cidadão pleno em uma sociedade democrática, a garantir o direito ao Ensino Superior. Ou seja, tal temática vincula-se à possibilidade de inclusão plena no processo educativo.

Além disso, esse estudo interessa-se pela importância dos sonhos na formação de identidades e na busca dos objetivos dos alunos. Muitos relataram ter sonhos que refletiam em suas ambições e aspirações, revelando seus desejos e paixões e a partir disso os sonhos se tornaram uma fonte de inspiração e motivação para muitos. Nossa pesquisa sobre os sonhos e a realidade na experiência estudantil dos alunos do último ano do ensino médio de uma escola

técnica, permite uma visão abrangente e esclarecedora sobre a natureza dos sonhos e seu impacto em nossas vidas. Essa exploração despertou uma maior conscientização sobre as motivações internas, medos e aspirações dos alunos, e ao compartilhar tais descobertas, espera-se inspirar outros a explorar o vasto mundo dos sonhos dos estudantes e a aproveitar seu potencial transformador. Com isso, compreende-se na visão dos alunos, qual é visão de sonho em uma dimensão de conquista educativa e quais foram influências desses alunos na sua construção do saber durante sua vida.

Para o neoliberalismo, educação de qualidade destinada a formar cidadãos é aquela voltada à produção de indivíduos polivalentes e flexíveis, preparados para desempenhar várias funções, sendo adaptáveis ao mercado em constantes transformações, com competências para disputar os escassos empregos ou tornarem-se empreendedores com iniciativas arrojadas, necessárias ao progresso individual. (Rosa, 2008, p. 12)

Para realizar a análise dos dados referentes às narrativas dos participantes da pesquisa, foi feito no primeiro momento um questionário composto por perguntas sobre seus sonhos, contrarreforma do ensino médio, condição socioeconômica, cor, raça e gênero. Todos os alunos foram convidados a responder a esse documento de forma anônima, pela plataforma *Google forms*; embora essa ferramenta seja dinâmica e acessível aos alunos, por um período não se obteve um número satisfatório de devolutivas. Foi feito, então, um novo pedido de colaboração e para além dos trinta formulários respondidos anteriormente, conseguiu-se mais vinte e oito, totalizando cinquenta e oito.

5.1 Percepções e expectativas dos alunos referentes a sua formação e a continuidade dela.

Estão expressos nos objetivos específicos desta pesquisa as intenções de identificar quais as percepções dos alunos referentes a sua formação e a continuidade dela, além de mapear as expectativas dos estudantes do terceiro ano do Ensino Médio Técnico acerca da continuidade, ou não, de seus estudos em nível superior, ou de ingresso no mundo do trabalho.

Para além dos objetivos já citados, essa pesquisa buscou, ainda, compreender as condições socioeconômicas e o perfil racial dos alunos de uma escola técnica na Região do vale Paraíba do Estado de São Paulo, com foco nas dinâmicas de vulnerabilidade social que afetam,

em particular, estudantes negros e de baixa renda. Por meio de uma abordagem metodológica de história oral, a pesquisa buscou aprofundar as experiências desses jovens, coletando dados detalhados sobre suas realidades.

Os resultados obtidos revelaram um cenário complexo, no qual a maioria dos estudantes demonstra um forte desejo de ingressar no Ensino Superior. No entanto, a pesquisa também evidenciou que muitos se veem obrigados a conciliar os estudos com atividades laborais para auxiliar no sustento de suas famílias. Essa realidade, comum entre jovens de baixa renda, especialmente negros, revela as desigualdades socioeconômicas a permear o ambiente escolar e, frequentemente, limitar as oportunidades educacionais e a possibilidade de realização de sonhos futuros.

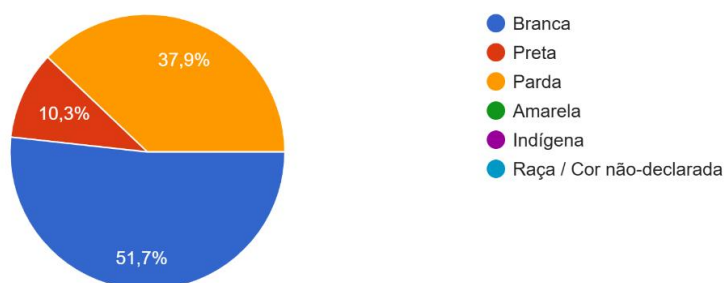
Desta forma, esta parte da análise das informações construídas a partir do questionário e das entrevistas podemos responder a esses tópicos.

Para tanto segue uma descrição do perfil racial e de classe dos alunos da escola estudada.

5.1.1 – Raça

Gráfico 1 - Cor da pele

Como você classifica a sua cor de pele?
58 respostas



Fonte: autor (2024)

A autoclassificação da cor da pele apresentou os seguintes dados: 51,7% dos alunos identificaram-se como brancos, 37,9% como pardos e 10,3% como negros; com isso, é possível ponderar sobre a diversidade e a distribuição racial no cenário escolar e predominância, ainda, de indivíduos que se denominam brancos e pardos. A pesquisa revela que as categorias "pretos" e "pardos" representam a maioria da população brasileira, o que reflete a realidade do país.

Uma grande parcela da população do Sudeste se enquadra nessas categorias, conforme dados do IBGE de 2022. Os dados do IBGE de 2022 mostram que a região Sudeste ainda tem predominância da população branca, o que se altera ao analisar as regiões Norte e Nordeste do Brasil. A pesquisa indica que a maioria da população brasileira se identifica como parda ou preta, o que demonstra a diversidade étnica do país. É importante considerar a autodeclaração como raça/cor, realizada pelas pessoas entrevistadas na pesquisa, conforme a classificação do IBGE. A análise da distribuição da população por raça/cor no Brasil revela desigualdades regionais e a importância de políticas públicas para promover a igualdade racial.

Os resultados da pesquisa podem ser utilizados para a criação de ações afirmativas e políticas públicas que visem reduzir as desigualdades raciais no Brasil. A pesquisa completa pode conter informações mais detalhadas sobre a metodologia utilizada e outros dados relevantes sobre a distribuição da população por raça/cor no Brasil. Os dados do IBGE são uma fonte importante para a compreensão da diversidade étnica e racial do país, e podem ser acessados para pesquisas e análises mais aprofundadas. A avaliação dessa informação pode ser ponto inicial para uma reflexão mais abrangente sobre a maneira como a diversidade racial é tratada e apresentada, tanto no contexto educacional quanto na sociedade em geral, conforme relato de uma aluna negra, que vive em uma pequena cidade do estado de São Paulo.

Meu cabelo crespo não era tão comum na escola, assim, minha mãe não sabia cuidar. Eu também não sabia, então eu vivia o cabelo preso e uma vez que eu soltei, é tanto, foi então que eu tive que lidar com zuações, risadinha, essas coisas e chegou no fim do dia, eu não percebi, foi quando eu cheguei em casa e alguém tinha colado chiclete no meu cabelo, aí eu tive que cortar. (Entrevista aluna Maria).

Ao cruzar as informações do levantamento feito pelos questionários, os dados da pesquisa do IBGE 2022 e a fala da aluna podemos compreender o quanto raça é ainda que está em disputa nos espaços escolares. Quando apenas 10,3% dos alunos se identificam como pretos, podemos concordar que “cabelo crespo” passa a não ser tão comum na escola. Soltar esses

cabelos e mostrar identidades femininas negras passa a ser ato de resistência. Mas como no caso narrado, por vezes estes atos também são alvos de violências como “zuações, risadinha” e “chiclete colado no cabelo”. Ou seja, o simples fato de um cabelo se apresentar de modo não normativo, coloca esta estudante em evidência e seu corpo sob a possibilidade de risco.

Gomes (2003) indica em texto que trabalha a identidade negra que as mulheres enfrentam pressões relacionadas ao seu cabelo. Tais pressões geram expectativas que se desdobram na valorização do cabelo crespo, como uma expressão da negritude, na adoção de tranças ou mesmo no alisamento. A vigilância sobre a aparência das mulheres negras está ligada à tensões raciais presentes na sociedade brasileira. De maneira que é possível identificar que população negra segue marcada pela luta contra um sistema que, historicamente, marginaliza e subalterniza, perpetuando desigualdades e reforçando estigmas.

O preconceito se faz presente e entendemos ser relevante pensar nesta questão interseccionada com outras - classe e gênero, por exemplo - para que possamos compreender os efeitos de uma política padronizadora de estéticas.

Vale ressaltar alguns aspectos observados a partir da gravação das entrevistas: alguns alunos respondiam de maneira curta e subjetiva, ou seja, as respostas dos alunos sobre seus sonhos, ao serem padronizadas, revelam um padrão capitalista de sucesso, focado em conseguir um bom emprego e ter um bom salário.

A presença de alunos negros e pardos - Maria, Zilda, Tarcísio - entre aqueles em situações de maior vulnerabilidade econômica não apenas confirma as desigualdades históricas e estruturais da sociedade brasileira, mas também destaca a urgência de intervenções educacionais específicas que possam mitigar os efeitos adversos dessas condições.

Como destaca Silva (2019, p. 78),

[...] a estruturação social brasileira ainda carrega marcas profundas de um passado colonial que subordinou negros a condições de extrema pobreza. Essa realidade se reflete diretamente nas condições de vida e, consequentemente, nas oportunidades educacionais disponíveis para a população negra.

Esse ciclo de pobreza, reforçado por uma história de exclusão racial, torna-se evidente em nossas escolas técnicas no Estado de São Paulo, onde as desigualdades socioeconômicas impactam negativamente o desempenho acadêmico desses alunos negros e ou de baixa renda, ou mesmo dos que não tem acesso a uma educação passível de atender suas expectativas.

Esse ciclo é reforçado por reformas de caráter neoliberal na educação, pois priorizam a lógica de mercado e a eficiência econômica, o que frequentemente resulta em cortes de investimentos no ensino público, precarização das condições de trabalho dos professores, e adoção de currículos mais focados em habilidades técnicas imediatistas em detrimento de uma formação integral e humana (Gentili, 1996 e Mészáros, 2008). Esse cenário, tende a prejudicar ainda mais os alunos negros e de baixa renda, que já enfrentam diversas barreiras socioeconômicas, reforçando o ciclo de pobreza e impedindo a ascensão social prometida pela educação (Bourdieu e Champagne, 1998). Para além disso, podemos ponderar sobre a própria possibilidade de com currículos voltados para questões tecnicistas tais alunos não pode acabar por, mesmo permanecendo na escola acessar uma educação que pouco abra portas no futuro.

Nesse contexto, Soares (2020, p. 134) afirma que:

[...] as políticas públicas, quando não consideram as especificidades raciais e socioeconômicas, tendem a reforçar desigualdades ao invés de corrigi-las. A ausência de ações afirmativas no campo da educação técnica resulta na perpetuação de um cenário de exclusão.

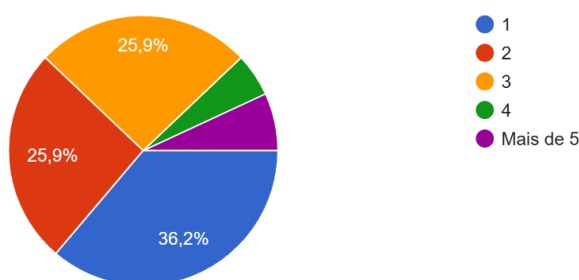
A citação acima indica uma crítica que se relaciona ao impacto de reformas neoliberais na educação, especialmente quando estas ignoram as particularidades das realidades vividas por alunos. A crítica pode se reforçar pelo fato de que a lógica de mercado busca padronizações que não consideram desigualdades preexistentes, e as políticas públicas, como a da contrarreforma do Ensino Médio acabam perpetuando ou até intensificando um sistema de exclusão que neste tópico esteve sendo analisado sobre a vertente da raça e no próximo será visto sobre o viés da classe. Pode-se dizer, portanto, que ausência de ações afirmativas na educação técnica, nesse contexto, agrava o problema, impedindo que grupos historicamente

marginalizados tenham acesso às oportunidades e reforçando um ciclo vicioso de desigualdade e exclusão.

5.1.2 – Classe

Gráfico 2 - Renda

8. Qual é a soma da renda, em salários-mínimos (R\$ 1.302,00), das pessoas de sua residência?
58 respostas



Fonte: autor (2024)

A soma da renda familiar entre os 58 alunos participantes mostrou que a maioria - 87,9% - atinge de 1 a 3 salários-mínimos. Esse número divide-se ainda em: 36,2% vivem com 1 salário-mínimo, 25,9% com 2 e outros 25,9% com 3 salários-mínimos. Apenas um pequeno grupo de participantes indica uma renda mais alta, com 5,2% recebendo mais de 4 salários-mínimos e 6,9% recebendo mais de 5 salários-mínimos.

Esta distribuição evidencia um perfil socioeconômico comum a muitos estudantes das escolas técnicas no estado de São Paulo, particularmente em regiões periféricas ou do interior, em busca de melhores oportunidades de formação. Como pesquisador e docente dessa instituição, é crucial ponderar sobre os obstáculos e as consequências que essas instituições apresentam, assim este cenário pode contribuir para o progresso educacional e a continuidade desses estudantes na escola.

Contudo, é preciso notar que o predomínio de famílias de baixa renda acarreta uma série de desafios que ultrapassam o âmbito escolar, tais quais o acesso a recursos fundamentais como transporte, alimentação, material didático e até mesmo internet, elementos esses a impactar diretamente o rendimento escolar; além disso, muitos desses jovens precisam equilibrar o

estudo com o trabalho, seja para aumentar a renda familiar ou suprir suas próprias necessidades, o que pode diminuir seu tempo livre dedicado aos estudos.

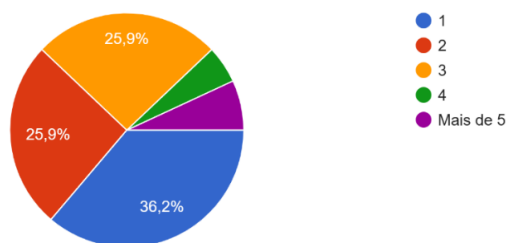
Tais entraves destacam a relevância do papel das escolas técnicas públicas na educação desses estudantes, pois são nessas instituições que não só desenvolvem a formação profissional, mas também atuam como um mecanismo de ascensão social. Um dos pontos abordados pela grande maioria dos entrevistados foi esse ambiente oferecer uma educação de alto padrão e ligar os estudantes ao mercado de trabalho, bem como sua capacidade de mudar a vida desses jovens, gerando chances de carreira e, conseqüentemente, melhores condições de vida para suas famílias.

Os tipos de reformas que estou enfatizando instauram, em particular, pelas possibilidades de “escolha” e diferenciação social que oferecem, novas formas de relações de classes e novas modalidades de luta de classes. Mais especificamente, nessas lutas, as estratégias de reprodução social da classe média para manter ou melhorar sua posição social e o conteúdo e o volume de seus capitais “constituem um sistema” (Bourdieu & Boltanski, 2000, p. 896) – um conjunto de relações estruturais entre as estruturas de classe e de educação. Como disseram Bourdieu & Boltanski (2000, p. 917): “O mercado educacional tornou-se um dos mais importantes *loci* da luta de classes”. (Ball, 2004, 1120)

Uma análise dos dados coletados revela que 62% das famílias dos estudantes analisados possuem renda de até dois salários-mínimos. Um estudo mais aprofundado revela que 88% das famílias desses alunos de escolas técnicas vivem com até três salários-mínimos. Essa situação, comparada a famílias de classe média alta, evidencia uma desigualdade significativa no acesso a recursos educacionais e oportunidades. A baixa renda familiar, aliada ao racismo estrutural, limita o acesso ao ensino de qualidade, restringe as oportunidades de trabalho e perpetua o ciclo de exclusão, conforme denota o gráfico abaixo.

Gráfico 3: Renda familiar

8. Qual é a soma da renda, em salários-mínimos (R\$ 1.302,00), das pessoas de sua residência?
58 respostas



Fonte: autor (2024)

De acordo com Oliveira (2018, p. 102),

[...] a educação técnica no Brasil, quando desvinculada de um contexto de inclusão social, pode reforçar as desigualdades estruturais. Sem a implementação de políticas de equidade, esses espaços educacionais se tornam arenas de reprodução das injustiças sociais, ao invés de instrumentos de transformação.

Segundo a referência acima, destaca que a educação técnica, por si só, não garante a transformação social e a superação das desigualdades. Quando implementada sem ênfase na inclusão social e na equidade, a educação técnica corre o risco de se tornar um mecanismo de reprodução das desigualdades estruturais existentes na sociedade. Esta é a importância de políticas que promovam a igualdade de oportunidades. Contudo, o que se pode ver, são oportunidades diferentes que acabam por beneficiando desproporcionalmente grupos já privilegiados, enquanto marginaliza ainda mais aqueles que historicamente enfrentam barreiras de acesso à educação e ao mercado de trabalho. É o que podemos ver nas falas de alunos como Gustavo e Enzo:

Pretendo também trabalhar. Ainda não tenho, assim, uma área específica, mas, se eu fosse querer escolher, eu acho que trabalharia no escritório de advocacia. Ano passado eu cheguei a trabalhar no escritório, o que influenciou os meus sonhos de ser advogado. A meu ver, não foi questão de influência de pai. Foi olhar e ver um caminho. Independentemente de qualquer faculdade, qualquer atividade, hoje, atualmente, eu acho que é uma coisa bem difícil de acontecer. E eu enxerguei esse caminho do direito, do escritório. Já está pronto, já tem

a clientela, já tem a “boca a boca”. Eu prefiro escolher esse caminho. (Entrevista aluno Gustavo)

Mesmo alunos com apoio familiar e certo nível de renda doméstica entendem a necessidade do trabalho para suas vidas. Contudo a família de Gustavo tem um escritório onde ele pode se sentir acolhido por um caminho profissional futuro. Outros jovens buscam se colocar em algumas dimensões do mundo do trabalho, sem tanto sucesso.

Atualmente, na minha família, moram aqui em casa eu, minha mãe e meu padrasto, até os meus 12 anos morava com os meus avós. Morava eu, meu avô, minha avó e meu tio, por parte de pai. Por opção minha, eu decidi vir morar com ela, aqui só meu padrasto trabalha. (Entrevista aluno Enzo)

Na fala de Gustavo, destaca-se a possibilidade da escolha da advocacia como caminho profissional, impulsionada pela experiência que já teve de trabalho em um escritório, e sua história familiar. O escritório em que já trabalhou era da sua família. A decisão está vinculada a influências familiares, revelando a identificação do aluno com a prática jurídica e a estabilidade oferecida por um escritório já estruturado, com o qual já teve contato familiar e profissional. A visão pragmática de Gustavo, reconhece as dificuldades do mercado de trabalho e demonstra uma postura estratégica na busca por um futuro profissional próximo de caminhos já trilhados por sua família.

Ao analisar os dados coletados, foi possível identificar que 62,10 % das famílias os pais mantêm a casa financeiramente, corroborando a hipótese inicial das condições socioeconômicas e a raça desempenharem um papel crucial nas trajetórias escolares desses jovens. A partir desses resultados, torna-se evidente a necessidade de políticas públicas e ações educacionais voltadas à equidade e ao acesso igualitário à educação, considerando as especificidades dos estudantes em situação de vulnerabilidade.

Agradeço meus pais por me apoiarem, mesmo eles tendo aquele medo de pai e mãe, eles me apoiam, querendo que eu conclua meus estudos, tanto que me ajudaram a estudar em outro país, num intercâmbio, tudo foi apoio deles. Foi nesse ano, envolvendo os melhores alunos das Etecs, que esse projeto foi feito pelo pessoal da ONI, que é a empresa que cuidou de toda parte burocrática do intercâmbio. (Entrevista aluno Tarcísio)

Os critérios estabelecidos para a classificação das famílias como vulneráveis foram definidos conforme dados do IBGE os fatores revelaram uma correlação preocupante entre vulnerabilidade socioeconômica e pertencimento racial.

Sob a perspectiva pedagógica, é fundamental as instituições de ensino identificarem essa realidade socioeconômica ao elaborar suas estratégias de ensino e aprendizado: disponibilizar programas de apoio - bolsas de estudo, auxílios para transporte e alimentação - e estabelecer parcerias com empresas para estágios e colocação profissional podem ter um impacto significativo na retenção e êxito dos estudantes. Ademais, métodos de ensino a considerar as necessidades e a carga horária de trabalho desses alunos, proporcionando maior flexibilidade e apoio, são fundamentais para garantir que eles alcancem a qualificação sem interromper seus estudos. Assim, a escola técnica deve ser percebida não somente como um estabelecimento de educação profissional, mas também como um agente social de transformação para toda sociedade, apta a impactar positivamente a vida dos estudantes, fomentando inclusão social e proporcionando novas perspectivas de futuro.

A consolidação dessas instituições na aplicação de políticas públicas voltadas para a possibilidade de conquistas futuras profissionais, em especial do ingresso no ensino superior são essenciais para o progresso da educação profissional e para a formação de uma sociedade democrática. E neste sentido que se fazem críticas às reformas de cunho neoliberal instauradas no Ensino Médio.

5.2 Expectativas dos alunos e dificuldades vividas no Ensino Médio Técnico

Esta dissertação problematiza desde o seu título a questão dos sonhos dos alunos do ensino médio e da realidade em que estão inseridos e desenvolvem sua formação. Para tanto, um dos objetivos específicos foi desenhado para verificar quais as principais dificuldades vividas pelos jovens do Ensino Médio Técnico, em especial frente à reorganização curricular proposta pelo “Novo Ensino Médio – NEM”. Sendo assim, nesta seção refletimos sobre essas expectativas - sonhos - e sobre as dificuldades - realidade - vividas por eles no cotidiano escolar.

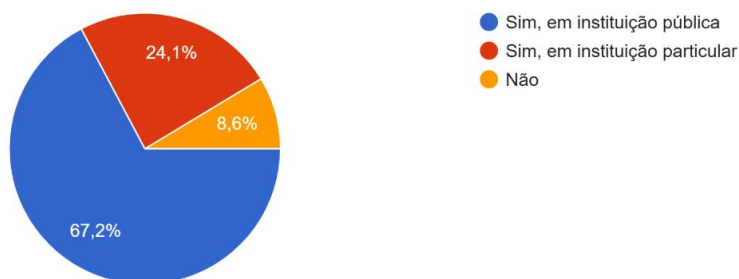
5.2.1 Sonhos e expectativas

A discussão dos resultados abrange vários aspectos importantes relacionados aos sonhos e realidades dos participantes da pesquisa realizada, destacando como essas desigualdades permeiam o ambiente escolar e frequentemente permanecem invisíveis nos debates educacionais mais amplos.

Observou-se que os alunos enfrentam desafios significativos ao tentar conciliar seus sonhos com a realidade imposta pelas condições sociais e econômicas; além disso, a implementação do Novo Ensino Médio e as mudanças nas expectativas de formação profissional são pontos críticos a influenciar diretamente as ambições dos estudantes. As entrevistas de história oral mostraram que, embora muitos alunos tenham aspirações claras, como o desejo de seguir uma carreira específica, esses sonhos frequentemente colidem com barreiras estruturais, como a falta de recursos financeiros e apoio educacional adequado.

Gráfico 3 - Continuidade nos estudos

Você tem a intenção de prestar vestibular
58 respostas



Fonte: autor (2024)

O gráfico expõe que 67,2% dos estudantes planejam fazer vestibular para uma instituição pública, enquanto 24,1% desejam ingressar em uma instituição privada e 8,6% não planejam fazer vestibular, ou seja, não pretendem continuar os estudos. Esses números sugerem que a maioria dos jovens opta por escolas públicas, o que pode estar ligado à procura por uma educação sem custos ou à percepção de excelência dessas instituições. Contudo, 1/4 dos alunos mostra interesse em instituições privadas, possível de indicar uma condição financeira mais

favorável, o anseio por estudar áreas mais específicas ou até mesmo pela questão geográfica de sua região. Apenas um pequeno percentual dos estudantes não tem a intenção de fazer vestibular, aspecto ligado a outros objetivos, como entrar diretamente no mercado de trabalho em busca de melhores condições em sua família. Tais achados podem oferecer percepções valiosas para entender as aspirações educacionais dos participantes, particularmente em relação à continuidade de seus estudos, tais como falas dos alunos sobre essa continuidade nos estudos.

Isso depende porque estou dividido em 2 áreas, em continuar a área da administração mesmo ou fazer veterinária. (Entrevista aluno Enzo)

Depois desse ano, me formar no terceiro é, se Deus quiser, eu passar no Enem, tirar uma nota boa é satisfatória para eu poder ingressar na faculdade de engenharia de materiais. (Entrevista aluna Maria).

O aluno 3 com suas dúvidas em relação a qual curso a seguir, ilustra a complexidade desse momento. A dificuldade entre o sonho de ser veterinário e a necessidade de permanecer na área de Administração (ADM) revela um dilema comum entre jovens: a busca pela realização pessoal versus a pressão por estabilidade profissional, os jovens sofrem pressão de familiares e amigos para escolherem carreiras consideradas mais "seguras" e "rentáveis". Essa pressão pode levar a decisões que priorizam a estabilidade em detrimento da realização pessoal, é fundamental que os jovens se conheçam profundamente, que identifiquem seus valores, interesses e habilidades. É importante que os jovens planejem suas carreiras, que pesquisem sobre as diferentes áreas de atuação, que conheçam as exigências do mercado de trabalho e que busquem orientação profissional.

Irei prestar o vestibular, mas não me sinto tão preparado em questão de inglês e na parte mais de redação também. Acho que falta mais matéria. A quantidade de aulas está ok. O único problema que eu acho é que alguns não conseguem chegar nos seus reais objetivos para elaborar uma boa redação. (Entrevista aluno Gustavo)

É como agora, não é por causa do novo ensino médio, algumas disciplinas que são pedidas no Enem saíram e foram substituídas, eu procurei por um curso de vestibular online que está me ajudando bastante. Estou me sentindo bem, confiante de que eu vou tirar uma nota bem satisfatória para conseguir ingressar na faculdade que eu tenho sonho de seguir. (Entrevista aluna Maria)

Eu acho no sentido de quais matérias deveriam ser melhoradas por conta do novo ensino médio, acho que literatura, redação,

matemática, geografia, deveriam ter mais, como história que a gente não tem. Estamos no terceiro ano do ensino médio, não tem história, não tem química, acho que essas matérias são algumas das principais para o Enem deveriam ter mais aulas. (Entrevista aluna Zilda)

Tenho conhecimento de algumas matérias como Filosofia e Sociologia — matérias mais puxadas para a parte teórica, né? Acho que a minha formação, em si, deveria ter essas novas matérias também, mas sem excluir as outras. Deveriam ter aumentado a carga, não retirado conteúdo. (Entrevista aluno Marcelo)

Com essa contrarreforma do ensino médio tiraram um monte de matéria que é essencial, como por exemplo, a biologia, ter mais química, coisas assim, acho que no sentido de voltar a ser o que era antes com as matérias, voltando para os seus devidos lugares, pelo menos na Etec, sem retirar nenhuma matéria que é essencial para você prestar vestibular. (Entrevista aluno Enzo)

Há uma necessidade urgente de intervenções educacionais que considerem as especificidades dos alunos vulneráveis, reconhecendo a interseção entre raça e classe social conforme demonstrado na pesquisa como fatores críticos que moldam a experiência educacional dos estudantes. Para além disso, o presente estudo oferece uma visão abrangente acerca de como os sonhos dos alunos relacionam-se com suas realidades, sugerindo que uma abordagem mais sensível e inclusiva poderia ajudar a transformar o ambiente escolar em um espaço de equidade e desenvolvimento para todos.

Outra lembrança que vem é sobre meu cabelo. Por eu ser negra, por conta do meu cabelo, principalmente, porque até uns tempos atrás cabelo cacheado, crespo, não era tão comum, então, assim, minha mãe não sabia cuidar dele, eu também não sabia, então eu vivia com o cabelo preso. Uma vez que eu soltei, tive que lidar com zuações, risadinha, essas coisas e chegou no fim do dia, na hora eu não percebi, mas quando cheguei em casa alguém tinha colado chiclete no meu cabelo, aí eu tive que cortar. Ninguém nunca falou na minha cara em questão da minha cor, mas eu tinha a impressão de que falavam pelas costas, mas nunca chegou no meu ouvido, sabe, era mais questão do meu cabelo crespo. (Entrevista aluna Maria)

Eu me definiria como negra, eu nunca senti preconceito ou eu não percebi nada, pelo menos ainda não, acho que pelo fato de morar numa cidade pequena, todo mundo conhece todo mundo, mas eu acho que quando sair da cidade provavelmente sim, mas acho que estou preparada. Bom, eu acho que a gente tem que estar, de alguma forma, a gente sabe quando a gente passa. (Entrevista aluna Zilda)

Eu sou a mesma pessoa em todos os lugares, seja na escola, seja em casa, sempre sou a mesma pessoa. Tenho uma personalidade um pouco forte, um pouco agressiva, um pouco... Em geral me considero uma pessoa tranquila, bem-educada, para quem merece, claro! Me vejo como um homem negro e gay. (Entrevista aluno Enzo)

Ainda, é interessante notar que as respostas dos alunos entrevistados revelam uma complexa interação entre sonho, expectativa e realidade, bem como o modo como esse trio combina-se em seu cotidiano. Ao serem questionados sobre suas aspirações futuras, muitos expressaram o desejo de ingressar no ensino superior, vislumbrando carreiras em áreas diversas como medicina, engenharia, tecnologia da informação e negócios; tais escolhas refletem não apenas uma ambição pessoal, mas também uma percepção da ligação entre sucesso profissional e continuidade dos estudos. No entanto, para alguns, os sonhos tornam-se fardos diante das barreiras econômicas e sociais, raciais e de gênero.

5.2.2 “Novo Ensino Médio”

O “Novo Ensino Médio” (NEM), instituído pela Lei nº 13.415/2017 e com sua estrutura recentemente redefinida pela Lei nº 14.945/2024, representa uma das mais significativas e controversas reformas educacionais do Brasil contemporâneo. Sua implementação desencadeou um intenso debate público, polarizando diferentes setores da sociedade e revelando argumentos pró e contra que se baseiam em visões distintas sobre o propósito da educação, o papel da escola e as necessidades dos jovens brasileiros.

Alguns defensores do “Novo Ensino Médio”, incluindo o Ministério da Educação (MEC) e algumas entidades do setor educacional, frequentemente pautam suas argumentações em torno da necessidade de modernização e flexibilização do currículo escolar. Destaca-se que palavras como “modernização” e “fiezibilização” são parte das reformas do estado e representam o que Cerny, desde a década de 1990 apresenta como uma mudança do norteamnto das políticas públicas e governamentais que passam a incorporar a lógica da “promoção de empresas, a inovação e a lucratividade tanto no setor privado como no público – uma mudança com significativas ramificações para a democracia liberal. (Cerny, 1990, p. 204).

Por outra perspectiva:

A performatividade desempenha um papel crucial nesse conjunto de políticas. Ela funciona de diversas maneiras para “atar as coisas” e reelaborá-las. Ela facilita o papel de monitoramento do Estado, “que

governa a distância” – “governando sem governo”. Ela permite que o Estado se insira profundamente nas culturas, práticas e subjetividades das instituições do setor público e de seus trabalhadores, sem parecer fazê-lo. Ela (performatividade) muda o que ele “indica”, muda significados, produz novos perfis e garante o “alinhamento”. Ela objetiva e mercantiliza o trabalho do setor público, e o trabalho com conhecimento (knowledge-work) das instituições educativas transforma-se em “resultados”, “níveis de desempenho”, “formas de qualidade”. Os discursos da responsabilidade (accountability), da melhoria, da qualidade e da eficiência que circundam e acompanham essas objetivações tornam as práticas existentes frágeis e indefensáveis – a mudança torna-se inevitável e irresistível, mais particularmente quando os incentivos estão vinculados às medidas de desempenho. (Ball, 2004, p. 1116).

Ball (2004, p. 1108) defende que “os ensinos básico, profissional e superior são diferentes formas de se desenvolver esse capital”. Assim:

Cada vez mais, as políticas sociais e educacionais estão sendo articuladas e legitimadas explícita, direta e, muitas vezes, exclusivamente em função do seu papel em aumentar a competitividade econômica por meio do desenvolvimento das habilidades, capacidades e disposições exigidas pelas novas formas econômicas da alta modernidade. Paralelamente, esses agentes da economia continuam agindo para influenciar o Estado a que este se responsabilize por e suporte os custos de seu interesse por uma mão-de-obra devidamente preparada, ainda que a repartição desses custos varie entre os países. (Ball, 2004, p. 1108)

As principais justificativas que foram apresentadas giram em torno do combate à evasão escolar e de uma maior atratividade para os alunos, argumentando que um currículo mais flexível, com a oferta de itinerários formativos alinhados aos interesses e projetos de vida dos estudantes, poderia aumentar o engajamento e, conseqüentemente, reduzir a alta taxa de abandono do Ensino Médio no Brasil. A ideia é que os alunos se identifiquem mais com o que aprendem, melhorando a aprendizagem e a relevância do ensino ao tornar o aprendizado mais significativo e aplicado. Além disso, o NEM prevê o componente "Projeto de Vida" para auxiliar os estudantes a refletirem sobre suas escolhas futuras, promovendo autonomia e autoconhecimento, e a inclusão de itinerários que oferecem formação técnica e profissionalizante é vista como um meio de preparar os jovens para as demandas do mercado de trabalho. O projeto de vida não foi apresentado aos alunos das escolas técnicas do estado de São Paulo, ficando engessados, alunos não têm opção de escolha do seu itinerário escolar.

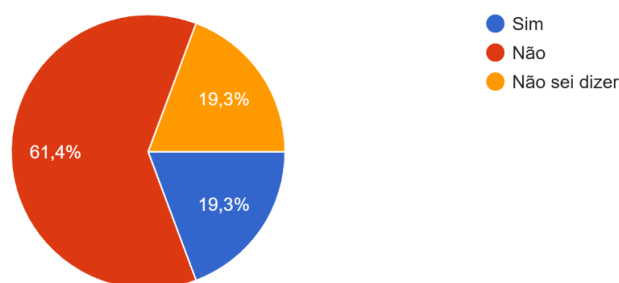
Por outro lado, uma vasta gama de atores sociais, como sindicatos de professores, movimentos estudantis, pesquisadores da educação e parte da comunidade acadêmica, levantam críticas substanciais ao NEM, embasando suas argumentações em preocupações com a equidade, a

qualidade da formação e a realidade das escolas públicas. Um dos pontos mais contundentes é que a flexibilização, na prática, tem gerado aprofundamento das desigualdades educacionais, assim como vemos em vários relatos dos nossos entrevistados, mencionados sobre a retirada de matérias essenciais para os vestibulares. Em escolas com infraestrutura precária e poucos recursos, a oferta de itinerários formativos é limitada e, muitas vezes, de baixa qualidade, enquanto escolas privadas tendem a oferecer opções mais robustas, criando um "Novo Ensino Médio" distinto para diferentes realidades socioeconômicas. A redução da carga horária da Formação Geral Básica (FGB) e a fragmentação de disciplinas tradicionais geram o temor de que os estudantes tenham uma formação menos abrangente e aprofundada em áreas essenciais do conhecimento, o que pode comprometer o desenvolvimento do pensamento crítico e a capacidade de ingresso no ensino superior.

Gráfico 4: Impacto da Reforma Neoliberal

Você acha que a reforma do ensino médio ajuda você a se preparar melhor para os vestibulares?

57 respostas



Fonte: autor (2024)

Grande parte dos alunos - 61,4% - considera que a contrarreforma do ensino médio não auxilia na preparação para os exames vestibulares; essa visão negativa sugere a incerteza de muitos deles sobre a efetividade das alterações feitas na grade curricular realizadas e a não percepção de vantagens concretas resultantes dessa mudança. Contudo, 19,3% dos entrevistados declaram que a reforma auxilia na preparação e percebem aprimoramento nas metodologias e nos conteúdos disponibilizados. Adicionalmente, 19,3% não emitiram uma

opinião, talvez por ausência de informações precisas sobre a reforma ou experiências que impedem uma avaliação conclusiva acerca do tema.

As falas apresentadas pelos estudantes desvendam uma variedade de realidades vividas por eles, que podem limitar ou auxiliar em seus planos de entrada na universidade ou mesmo no mercado de trabalho. Particularmente, com a introdução do dito “Novo Ensino Médio (NEM)”, um dos maiores obstáculos enfrentados é a retirada de disciplinas que os impede de ter bom desempenho em vestibulares e no ENEM, de maneira a impedi-los de acessarem o ensino superior e terem a possibilidade de realizarem sonhos em relação a sua profissionalização. Contudo, na realidade da escola estudada, isso não existe. A estrutura curricular é fechada e imposta ao aluno.

É uma coisa que eu sigo até hoje que vem já desde a infância, desde o prézinho, depois no primeiro ano, uma coisa que marcou bastante foi que eu apresentei uma atividade musical.

Durante 3 anos, do primeiro ao terceiro ano do fundamental, aprendemos cantando a música das borboletas do Vinícius de Moraes, se eu não me engano. Foi um marco para mim, porque foi meio aí que começou meu afeto pelo canto, foi uma coisa bem legal, porque eu me senti muito acolhida pela professora, que escolheu a mim para cantar para os familiares. (Entrevista aluna Maria)

Na época, existia fanfarra que pegava alunos, era feita por alunos, acabei tocando na fanfarra por bastante tempo. Nossa, como eu gostava! Comecei tocando trompa, e não trompete, não lembro o nome, não era um pequenininho, não chego a lembrar o nome daquilo, era aquelas cornetinhas, aprendi a tocar, mas eu aprendi também saxofone, nossa, sabia tocar todos os instrumentos: corneta, cornetão (que era o grave), também trombone, saxofone, trompete. (Entrevista aluno Gustavo)

Durante o tempo que fiquei nessa escola, ganhei algumas competições de criatividade, como montar brinquedos de material reciclável, de culinária, essas coisas, fiz algumas viagens também com a minha turma durante esses 5 anos. (Entrevista aluno Tarcísio)

O que vemos, portanto, é uma redução das possibilidades de desenvolvimento humano desses alunos que agora enfrentam um currículo ainda mais engessado. Isso porque:

O currículo é ele mesmo, uma prática discursiva. Isso significa que ele é uma prática de poder, mas também uma prática de significação, de atribuição de sentidos. Ele constrói a realidade, nos governa, constrange nosso

comportamento, projeta nossa identidade, tudo isso produzindo sentidos. Trata-se, portanto, de um discurso produzido na interseção entre diferentes discursos sociais e culturais que, ao mesmo tempo, reitera sentidos postos por tais discursos e os recria. Claro que, como essa recriação está envolta em relação de poder, na interseção em que ela se torna possível, nem tudo pode ser dito (Lopes e Macedo, 2011, p.41).

E dessa maneira cada “disciplina escolar, constituída em meio aos jogos de interesses que agem tanto no interior das escolas, quanto em outras instâncias da sociedade” (Santos, Ribeiro e).

Os resultados do estudo indicam que os alunos enfrentam uma série de obstáculos a impactar diretamente seu desempenho acadêmico e sua capacidade de participar de atividades extracurriculares, fundamentais para o desenvolvimento integral e a construção de um currículo. Essas barreiras se manifestam de diversas formas, desde a falta de recursos materiais e acesso limitado a tecnologias, até a ausência de apoio emocional e psicológico adequado, contribuindo para a ampliação das desigualdades educacionais.

A maioria da minha rotina durante a semana é para escola, é só ir para a escola, depois eu fico em casa, estudo francês, basicamente, é essa a minha rotina, pretendo continuar meus estudos quando sair do ensino médio, estou dividido em 2 áreas, continuar na área da administração mesmo ou fazer medicina veterinária. (Entrevista aluno Enzo)

Eu chego em casa aqui em Cachoeira, até aqui é meia horinha, chego aqui às 15h30. Geralmente eu tenho que dar uma ajeitada na casa, arrumar umas coisinhas, tipo lavar louça, essas coisas, depois eu me arrumo, vou para a academia, faço meu treino e volto. Quando tem coisa para estudar da Etec, eu faço as coisas, se não tiver, eu faço um estudo para o Enem. (Entrevista aluna Maria)

A afirmação dos alunos nos conduz a pensar sobre um processo de privatização da escolarização que entra em um curso e é reforçado pela reforma do ensino médio. Isso pois, como ela assinala, para que possa ter êxito na aprovação de exames como o Enem ou vestibulares, ela precisou buscar um curso pago, particular. Afirmção indica que a aluna não se sente preparada para realizar estas provas, pelos conteúdos trabalhados na educação técnica. A frase da aluna mostra crítica em relação a contrarreforma do ensino médio, ao mesmo tempo que mostra que sua realidade particular permitiu a busca de alternativas que possam suprir as lacunas de sua formação para que possam alcançar seu sonho de fazer um curso universitário.

Nesse assunto, a gente conversa mais entre os próprios alunos, mesmo que isso é uma coisa que prejudicou os alunos demais. Pelo menos no meu

ponto de vista, porque não tem mais aulas de química, não tem mais aula de física, não tem mais aula de biologia. Foram substituídas por outras matérias que não vão ajudar os alunos, por exemplo, a fazer a prestar um vestibular ou até mesmo um Enem. (Entrevista aluna Zilda).

O aluno 3 indique sua fala o quanto entende que a contrarreforma foi “prejudicial” para a formação dos alunos. Sua afirmação também mostra que este é assunto conversando entre os alunos, e que portanto, os estudantes do ensino médio têm uma opinião contrária, pois sentem os efeitos da contrarreforma do ensino médio.

O aluno reforça a retirada de conteúdos disciplinares específicos - como química e biologia - e a substituição destes por disciplinas “que não vão ajudar os alunos, a prestar um vestibular ou a fazer um Enem”. Isso nos conduz a pensar na arbitrária substituição de disciplinas com conteúdos historicamente valorizados por nossa sociedade, por disciplinas que não viveram um processo de discussão sobre seus conteúdos ou mesmo sobre suas relevâncias sociais, culturais, econômicas e políticas.

Um aspecto recorrente nas respostas sobre a percepção do “Novo Ensino Médio” é a preocupações com a mudança das disciplinas, com a sobrecarga de atividades e a dificuldade em conciliar os estudos com outras responsabilidades, como trabalho e compromissos familiares.

No meu ver, alguns professores que são da área do meu curso tem informação, só que não conseguem explicar a matéria de uma forma que a gente aprenda, alguns professores acho que não sabem, como se não desse bem com a própria matéria e não sou só eu que penso isso, já conversei com outros alunos da minha sala e eles também pensam a mesma coisa, já as matérias comuns, mas em outras matérias não daria certo. Em outras matérias eu achei que eles são muito bons, são muito explicativos, eles ajudam, inclusive, a nos preparar para quando a gente for fazer um vestibular e o Enem, como português a professora ensina muito bem, acho que estaria superpreparada para redação e tal. (Entrevista aluna Zilda).

Seria uma sugestão minha, acho que isso dependeria de aulas extras, fora do período de aula normal, que os alunos poderiam escolher. Ter vários tipos de aula diferentes, falando como os clubes. Digamos que terá time de inglês, de matemática, de português, ajudando-o a se aprofundar naquela área. (Entrevista aluno Tarcísio)

Não obstante, muitos jovens relataram que, mesmo com o desejo de continuar os estudos, a falta de recursos financeiros é um obstáculo significativo. O custo do transporte,

alimentação e materiais escolares representa uma carga adicional, especialmente para aqueles de famílias de baixa renda. Esse cenário é agravado pela ausência de programas de apoio suficientes para atender a demanda desses estudantes, que muitas vezes precisam trabalhar para ajudar em casa, comprometendo ainda mais o tempo e a energia que poderiam ser dedicados aos estudos.

Falando da minha rotina, é um pouco corrido, porque meu pai trabalha o dia inteiro, das 9h às 19h, minha mãe trabalha no postinho de saúde daqui das 7h até às 17h, e eu estudo na Etec, que é das 7h às 15h. Eu chego em casa aqui em Cachoeira, até aqui é meia horinha, chego aqui às 15h30. Geralmente eu tenho que dar uma ajeitada na casa, arrumar umas coisinhas, tipo lavar louça, essas coisas, depois eu me arrumo, vou para a academia, faço meu treino e volto.
(Entrevista aluna Maria)

Para os alunos que manifestaram interesse em continuar a formação acadêmica, a viabilidade financeira se torna uma preocupação constante. As entrevistas mostraram que, para muitos, a esperança de ingressar na universidade depende de conseguir bolsas de estudo ou acesso a programas de financiamento estudantil. Por outro lado, as narrativas de Marcelo, Tarcísio e Zilda, devido às suas condições socioeconômicas, expressaram uma preferência por entrar diretamente no mercado de trabalho após a conclusão do curso técnico, buscando estabilidade financeira imediata em vez de prolongar o tempo de estudo.

As respostas também destacam o impacto do apoio familiar e escolar na motivação dos estudantes: aqueles a contar com o suporte e o incentivo de pais e professores expressaram mais confiança e otimismo em relação ao futuro; já aqueles a não contar com essa rede de apoio demonstraram maior incerteza e ansiedade sobre suas perspectivas. Esse contraste evidencia a importância do ambiente familiar e escolar no desenvolvimento da autoconfiança e na percepção de viabilidade dos sonhos dos estudantes.

5.2.3 - Ensino Técnico

O Ensino Técnico trabalha com a formação profissional e no desenvolvimento socioeconômico, longe de ser apenas uma alternativa, ele é uma via educacional estratégica que busca apresentar aos seus alunos as carreiras que podem seguir ou não, ou qualificação para o mercado de trabalho, funcionando como uma ponte entre a teoria e a prática, as escolas técnicas têm uma

abordagem diferente do foco teórico do Ensino Superior, os cursos técnicos privilegiam o "aprender fazendo".

Acho que, na minha opinião, temos uma vantagem, já que a gente pesquisa muito, vemos como a prática funciona, e as habilidades avaliativas de cada professor são diferentes, tem professor que dá aula prática, que vai ver como a gente age em equipe, como a gente age sozinho, como que a gente é, se presta atenção, isso é um diferencial. (Entrevista aluno Tarcísio)

Em sua grade curricular horas em laboratórios, oficinas e ambientes simulados, buscando replicar o dia a dia profissional, essa formação se dá na formação do ensino médio técnico em 3 anos, as disciplinas são cursadas ao longo desses anos, o assim sendo após sua formação este aluno esteja apto a desempenhar suas funções. Essa prontidão para o mercado de trabalho é um dos motivos pelos quais os alunos buscam o ensino técnico já integrado ao médio, permitindo uma inserção mais rápida e muitas vezes aliviando a pressão financeira sobre jovens e suas famílias ao oferecer um caminho mais curto para a independência econômica.

Essa perspectiva reforça a importância de se considerar as variáveis sociais na formulação de políticas educacionais voltadas para as escolas técnicas. A pesquisa sugere, portanto, que a adoção de políticas educacionais mais inclusivas e equitativas é imprescindível para a construção de um sistema de ensino capaz de proporcionar oportunidades iguais para todos os alunos, independentemente de sua origem racial ou condição socioeconômica. Isso deve incluir ações afirmativas que possam corrigir as disparidades existentes, bem como a criação de programas de apoio acadêmico e social considerando as necessidades específicas desses estudantes.

Além disso, é crucial que as escolas técnicas se tornem ambientes mais acolhedores e conscientes das questões raciais e socioeconômicas, promovendo o pertencimento de todos e a valorização da diversidade.

Em suma, este estudo não apenas revela as desigualdades profundas nas escolas técnicas, mas também aponta caminhos para a superação dessas barreiras. É fundamental abordar essas questões com seriedade e comprometimento, a fim de garantir que a educação técnica possa buscar conhecimento mais específico sobre alguns conteúdos aplicado a escola do curso técnico desejado, capacitando todos os jovens, independentemente de sua origem, a

alcançar seu pleno potencial e contribuir de forma significativa para o desenvolvimento social e econômico do país.

A estrutura das escolas técnicas não está alinhada com as alterações sugeridas pelo “NEM”, restringindo o acesso a materiais didáticos apropriados e apoio educacional; em cidades menores, essa situação é ainda mais evidente, pois as instituições de ensino frequentemente lidam com a falta de materiais pedagógicos, laboratórios e tecnologias passíveis de potencializar o aprendizado. Tal escassez de recursos pode prejudicar a qualidade de ensino, levando a uma educação que não prepara os estudantes para os desafios do mundo atual, mesmo considerando apenas a inserção no mercado profissional. Em um contexto no qual o mercado de trabalho demanda cada vez mais competências técnicas e adaptabilidade, é crucial que os estudantes possuam um conhecimento sólido e contemporâneo dos conteúdos estudados.

Para aqueles que desejam entrar diretamente no mercado de trabalho, e que não veem o vestibular como uma barreira para a realização de um sonho, talvez sintam menos os impactos da mudança do ensino médio. De forma a não terem um conhecimento mais profundo ou até entenderem que seu preparo poderia ser adequado para passar nos vestibulares. Ou seja, tais estudantes não fazem críticas ao “NEM”.

Acho que, na minha opinião, temos uma vantagem, já que a gente pesquisa muito, vemos como a prática funciona, e as habilidades avaliativas de cada professor são diferentes, tem professor que dá aula prática, que vai ver como a gente age em equipe, como a gente age sozinho, como que a gente é, se presta atenção, isso é um diferencial.(Entrevista aluno Tarcísio)

A narrativa do aluno destaca a conexão entre as matérias técnicas e as necessidades do mercado, defendendo que ela simplifica a passagem para o ambiente de carreira profissional, preparando-os melhor para lidar com os obstáculos e demandas do universo do trabalho. Contudo, muitos alunos também percebem que a sobrecarga de obrigações, como a necessidade de trabalhar para auxiliar a renda da família, torna difícil o ingresso ao ensino superior.

Outro aspecto relevante é a visão dos estudantes acerca da formação geral proporcionada pelo NEM: existe uma percepção cada vez maior de que a ênfase em certas áreas técnicas deixa um vazio em relação aos conhecimentos mais abrangentes necessários para os exames vestibulares, como alguns alunos registraram sobre sua preparação.

A ausência de uma base de matérias que são exigidas enquanto conteúdos para vestibulares pode afetar negativamente os estudantes que desejam prosseguir seus estudos. Essa situação destaca a importância de um currículo historicamente constituído para incentivar, simultaneamente, a formação técnica e assegurar um ensino geral que possa ser chave para abrir portas da continuidade de formação desses estudantes.

A base de formação dos professores deve garantir que consigam implementar as novas orientações pedagógicas de maneira eficiente;

A qualificação para ser professor de materiais técnicos tem seu requisito na formação superior na área específica, conforme as exigências de cada instituição. Isso significa que, embora o profissional domine profundamente o conteúdo técnico, sua trajetória acadêmica talvez não tenha incluído um preparo didático adequado para o ambiente de sala de aula. Essa lacuna pode gerar desafios significativos, como a dificuldade em transmitir o conhecimento de forma clara e envolvente, resultando em aulas que, embora possam ser ricas em conteúdo técnicos, podem ser monótonas ou de difícil compreensão dos alunos. A gestão da sala de aula de como lidar com diferentes perfis de alunos, motivar a turma e criar um ambiente de aprendizado produtivo exige habilidades pedagógicas que nem sempre são desenvolvidas em cursos técnicos.

Diante disso, é fundamental que a formação desses profissionais seja complementada com conhecimentos e habilidades didáticas de sala de aula, seja por meio de cursos de pós-graduação, capacitações e treinamentos, cursos esses todos oferecidos gratuitamente pelas escolas técnicas do estado de São Paulo.

No meu ver, alguns professores que são da área do meu curso tem informação, só que não conseguem explicar a matéria de uma forma que a gente aprenda, alguns professores acho que não sabem, como se não desse bem com a própria matéria e não sou só eu que penso isso, já conversei com outros alunos da minha sala e eles também pensam a mesma coisa, já as matérias comuns, mas em outras matérias não daria certo(Entrevista aluna Zilda)

Caso não estejam prontos ou dispostos a aderir a esse modelo, a experiência educacional pode se tornar irregular, com algumas classes se beneficiando das inovações, enquanto outras continuam em um formato convencional a não satisfazer as demandas atuais. Os relatos dos estudantes não só espelham os obstáculos encontrados, mas também destacam a importância de um acompanhamento mais próximo e de um diálogo franco entre a instituição de ensino (e seus membros), alunos e suas respectivas famílias. O envolvimento discente nas decisões sobre o currículo e a administração escolar pode ser uma forma

de garantir que suas opiniões sejam consideradas e suas necessidades satisfeitas. Não obstante, ao levar em conta as perspectivas e vivências dos estudantes, as escolas podem elaborar táticas que aumentem a relevância e o significado da educação.

Em resumo, os relatos dos participantes expõem uma realidade complexa e de múltiplas facetas relacionada ao chamado de forma propagandística “Novo Ensino Médio”. Apesar de alguns alunos não indicarem pontos negativos da reforma, a maior parte dos alunos percebem que enfrentam desafios. É essencial o ajuste das políticas educacionais de modo que o “NEM” possa efetivamente apoiar os objetivos dos alunos de conquistar futuras vagas no ensino superior. Apenas dessa forma os estudantes terão acesso a uma educação de alto padrão e que os forme para os desafios futuros, seja no ambiente profissional ou na educação superior.

Outro ponto relevante nas narrativas foi o reconhecimento de que, apesar da formação técnica proporcionar uma vantagem inicial, o mercado é competitivo e saturado em certas áreas. Isso leva a uma visão realista, na qual a continuidade dos estudos e a busca por diferenciação tornam-se estratégias necessárias para garantir melhores oportunidades profissionais. Há, portanto, um entendimento de que apenas a formação técnica pode não ser suficiente para alcançar posições mais elevadas ou salários melhores, pensamento a motivar alguns a considerar o ensino superior.

Ao longo de toda a pesquisa delinea-se uma realidade estudantil multifacetada, na qual os sonhos são constantemente moldados pelas condições socioeconômicas e pela qualidade do apoio recebido. A diversidade de perspectivas revela que, para muitos, o percurso educacional não é apenas uma questão de ambição pessoal, mas também uma luta contra as limitações impostas pelo contexto social e econômico. Esse cenário destaca a necessidade de políticas educacionais que busquem dar mais suporte para realmente atender às necessidades dos estudantes, promovendo um ambiente onde todos possam vislumbrar um futuro promissor, independentemente de sua origem ou condição financeira.

Neste sentido, fica evidente pela análise das falas dos alunos consultados por esta pesquisa, que a política de contrarreforma do ensino médio não se apresenta como uma política inclusiva. Pelo contrário, a nova e nociva configuração assumida pelo ensino médio se a linha ao estreitamento e redução de possibilidades de jovens periféricos alcançarem um ensino superior público, gratuito ou de qualidade.

Ao analisar a percepção dos alunos sobre a importância de continuar os estudos, suas aspirações profissionais e a relação entre o ensino técnico e o mercado de trabalho, observa-se que muitos estudantes expressam o desejo de ingressar no ensino superior. Essa aspiração reflete a crença de que o sucesso profissional está intrinsecamente ligado à continuidade dos estudos, evidenciando a busca por ascensão social. O ensino técnico, por sua vez, pode influenciar a percepção dos alunos sobre a importância da educação superior. Ao oferecer uma formação profissionalizante, o ensino técnico pode despertar nos alunos o interesse em aprimorar seus conhecimentos e habilidades, buscando uma formação mais completa no ensino superior. No entanto, a ambição de continuar os estudos e ascender socialmente é frequentemente confrontada por barreiras socioeconômicas significativas. A falta de recursos financeiros são alguns dos obstáculos que os estudantes de escolas técnicas enfrentam em sua trajetória educacional. Diante desse cenário, é fundamental que o governo e as instituições de ensino implementem políticas públicas e ações afirmativas que possibilitem aos estudantes de escolas técnicas superarem as barreiras socioeconômicas e alcançar seus objetivos.

5.3 - Universidade dentro da escola

Como o presente trabalho é dissertação apresentada em um programa de mestrado profissional foi importante propor como um de nossos objetivos específicos um projeto de estratégias formativas com as quais os alunos possam ter maior facilidade para enfrentar as adversidades vividas e realizar seus sonhos de continuidade nos estudos.

Visitas de alunos a universidades, como parte complementar a sua formação, foi uma estratégia utilizada para ampliar horizontes e apresentar um leque de oportunidades. Essas experiências foram muito além de uma simples excursão; elas ofereceram um contato direto com o ambiente acadêmico, permitindo que os estudantes visualizassem de perto as diversas áreas do conhecimento, as infraestruturas de pesquisa e as possibilidades de desenvolvimento profissional. Ao interagir com professores e alunos universitários, eles puderam esclarecer dúvidas sobre cursos, essas visitas foram cruciais para que os alunos comecem a planejar seus próximos passos de forma mais concreta e informada.

Nossa, mais sonho, sonho mesmo desde pequena, é que todo mundo tem um caminho, na verdade, porque eu queria, sempre gostei da área de exatas, não é matemática e a questão de design, essas coisas? Então, eu pensava muito em engenharia civil, na verdade, aí chegou um ponto que eu fui olhando, muitos conselhos, assim, análises e geralmente muitas pessoas falavam: “Olha, é bom engenharia civil... mas corre o risco de você acabar não trabalhando com isso no futuro, você fazer faculdade, mas não trabalhar com isso”, e aí, através da de uma visita que a gente fez, inclusive com o senhor, na USP de Lorena, lá não tem Engenharia civil, mas tem engenharia de materiais e eu procurei saber mais sobre a engenharia de materiais, fiquei lá assistindo o pessoal apresentar sobre como é o curso, o que engloba, quantos anos que é e tudo mais. E eu me interessei, fiz muitas pesquisas, analisei muito e aí eu decidi ficar pela engenharia de materiais. É além do que eu já tive de disciplinas na Etec.(Entrevista aluna Maria)

É importante que a escola técnica ofereça aos alunos informações precisas sobre as oportunidades de carreira e as exigências do mercado de trabalho. A escola técnica pode promover palestras, visitas técnicas e workshops com profissionais de diversas áreas, a fim de despertar o interesse dos alunos para o ensino superior. A escola técnica pode estabelecer parcerias com universidades e empresas, a fim de facilitar o acesso dos alunos ao ensino superior e ao mercado de trabalho.

Os dados destacam que os alunos de baixa renda, especialmente aqueles que se identificam como negros ou pardos, enfrentam obstáculos maiores para alcançar esses objetivos devido a questões como falta de recursos financeiros e apoio educacional inadequado.

Os dados dos gráficos apontam para a urgência de políticas educacionais mais inclusivas e equitativas, que possam mitigar as disparidades existentes e fornecer aos alunos as ferramentas necessárias para superar as barreiras estruturais que limitam suas oportunidades. É fundamental as escolas técnicas oferecerem um ambiente acolhedor e adaptado às necessidades de todos os estudantes, promovendo a inclusão e a valorização da diversidade, para que possam cumprir seu papel de agentes transformadores na vida desses jovens.

É imperativo repensar as estratégias educacionais de modo a incluir programas que considerem as particularidades dos estudantes em situação de vulnerabilidade. Ao aprofundar a análise, percebe-se que esses estudantes estão inseridos em um ciclo de exclusão iniciado muito antes de sua entrada no ambiente escolar e perpetuado por práticas pedagógicas e políticas institucionais que, muitas vezes, desconsideram suas realidades. A interseção entre

raça e classe social cria uma dupla vulnerabilidade a exigir um olhar atento e intervenções proativas por parte das políticas públicas.

CONCLUSÃO

Em conclusão, esta dissertação reflete sobre as complexas trajetórias dos alunos do Ensino Médio Técnico em uma escola técnica, na região do Vale do Paraíba paulista, expondo as percepções, expectativas e desafios que permeiam a transição para o Ensino Superior ou o mercado de trabalho em meio à implementação da reforma de cunho neoliberal propagandeada como "Novo" Ensino Médio.

Ao evidenciar o desejo predominante pela continuidade dos estudos, mas também as barreiras socioeconômicas, a falta de apoio e as dúvidas sobre a adequação da formação técnica, a pesquisa sublinha a necessidade urgente de um olhar mais atento e crítico para as realidades desses jovens. A reorganização curricular revela problemas, gerando incertezas e ansiedades. Nas palavras de Ball, é parte das questões promovidas pelas reformas educacionais neoliberais “o princípio da incerteza e inevitabilidade, para a insegurança ontológica: — "Estamos a fazer o suficiente? Estamos a fazer o que é certo? Como conseguiremos estar à altura?". Por outro lado, nem sempre é muito claro o que se espera de nós” (Ball, 2002, p.10).

Diante desse cenário, a implementação de estratégias formativas que fortaleçam a orientação profissional, ampliem o acesso a recursos, desenvolvam habilidades socioemocionais, estabeleçam parcerias com o Ensino Superior e promovam a equidade emerge como um imperativo para garantir a todos os alunos a chance de construir um futuro promissor e para consolidar uma educação técnica que, de fato, impulse o desenvolvimento individual e coletivo.

Sendo assim, podemos dizer que alcançamos os objetivos desta pesquisa. Por meio da análise das narrativas, foi possível identificar que os alunos valorizam a formação técnica para o ingresso no mercado de trabalho. Porém demonstram insegurança quanto à sua preparação e o sonho de entrada no Ensino Superior. A percepção sobre a continuidade dos estudos é ambivalente, permeada pelo desejo de ascensão acadêmica, mas também pela consciência das dificuldades para alcançar esse objetivo.

A pesquisa também revelou que a maioria dos estudantes almeja dar continuidade aos estudos em nível superior, embora reconheça a importância da formação técnica para o mercado de trabalho. No entanto, as expectativas são permeadas por incertezas quanto à realização desse sonho, devido a fatores socioeconômicos, falta de apoio familiar e dúvidas sobre a adequação da formação técnica.

A análise das narrativas permitiu identificar diversas dificuldades enfrentadas pelos alunos, como as condições socioeconômicas desfavoráveis, a falta de apoio familiar, a sobrecarga de responsabilidades e a percepção de que o currículo técnico pode não ser suficientemente alinhado com as exigências dos vestibulares e do Enem. Além disso, a reorganização curricular proposta pelo Novo Ensino Médio gerou incertezas quanto à sua efetividade em atender às demandas dos diferentes projetos de vida.

Diante das dificuldades identificadas, foram propostas estratégias formativas visando fortalecer a orientação profissional, ampliar o acesso a recursos educacionais, desenvolver habilidades socioemocionais, estabelecer parcerias com instituições de Ensino Superior e promover a equidade, com o objetivo de capacitar os alunos a enfrentar as adversidades e realizar seus sonhos de continuidade nos estudos.

A presente pesquisa, ao analisar as narrativas de alunos do Ensino Médio Técnico, teve como objetivo principal compreender as percepções, as expectativas e os desafios enfrentados por esses jovens frente à transição para o Ensino Superior ou o mercado de trabalho, no contexto da implementação do “Novo Ensino Médio”. Os resultados obtidos evidenciaram trajetórias educacionais complexas, marcadas por fatores que limitam ou impulsionam seus projetos de futuro.

A maioria dos alunos demonstrou o desejo de dar continuidade aos estudos em nível superior, porém, a realização desse objetivo mostrou-se desafiadora devido a diversas barreiras. Quanto às expectativas para o futuro, os dados revelaram que a continuidade dos estudos é o principal desejo dos alunos. No entanto, fatores como as condições socioeconômicas e a sobrecarga de responsabilidades dificultam a realização desse sonho. Além disso, a percepção de que o currículo técnico pode não ser suficientemente alinhado com as exigências dos vestibulares e do Enem gera ansiedade e insegurança.

A reorganização curricular do “Novo Ensino Médio”, embora tenha sido imposta, ao discurso de oferecer uma formação mais flexível e personalizada, ainda apresenta desafios em termos de implementação e articulação com as demandas dos estudantes, pois visto por meios de varios relatos que essa reforma dificultou o acesso dos alunos aos cursos superiores, pois a demanda de conhecimentos cobrados nos vestibulares foram retiradas na reformulação.

Este estudo nos convida a lançar um olhar mais atento e crítico sobre a realidade dos alunos do Ensino Médio técnico, especialmente agora, em meio à implementação do Novo Ensino Médio. Entender sobre os desafios e as expectativas desses jovens não é apenas uma questão acadêmica; é um imperativo para que possamos construir uma educação mais justa e eficaz. Afinal, ao ignorar as nuances de suas vivências, corremos o risco de criar políticas e práticas educacionais que não dialogam com suas necessidades reais, comprometendo e, consequentemente, o futuro de suas carreiras e vidas desses alunos. Essa dupla demanda pode ser desafiadora, mas também sobrecarrega os estudantes. É fundamental questionarmos se o currículo atual e as metodologias de ensino estão realmente preparando esses alunos para os desafios do mercado de trabalho e para a continuidade dos estudos, seja em cursos superiores ou técnicos de nível subsequente. Será que a formação oferecida está alinhada com as demandas e as expectativas desses alunos. Além disso, muitos desses estudantes vêm de contextos socioeconômicos diversos, o que pode influenciar diretamente seu acesso a recursos, apoio familiar e oportunidades extracurriculares. A escola, nesse cenário, assume um papel crucial não apenas na transmissão de conteúdo, mas também como espaço de acolhimento e desenvolvimento integral. Precisamos investigar se o ambiente escolar está sendo capaz de oferecer o suporte necessário para que esses alunos superem as barreiras impostas por suas realidades e consigam. A chegada do Novo Ensino Médio, com suas propostas de itinerários formativos e maior flexibilidade curricular, traz consigo a promessa de uma educação mais personalizada e alinhada aos interesses dos estudantes. No entanto, sua implementação no ensino técnico não compreendeu como essa nova estrutura está sendo aplicada nas escolas técnicas e quais os efeitos práticos na vida dos alunos e quais as reais necessidades, será que os alunos foram ouvidos nesta nova reformulação, a compreensão aprofundada dos desafios e expectativas dos alunos do Ensino Médio técnico é o ponto de partida para a construção de um futuro para eles. Este estudo, portanto, não é um ponto final, mas sim um convite à ação. É preciso promover debates contínuos, realizar novas pesquisas e, acima de tudo, ouvir a voz dos

próprios alunos, que são os verdadeiros protagonistas desse processo. Somente assim poderemos desenvolver e implementar ações mais eficazes, garantindo que a educação seja, de fato, um vetor de equidade e qualidade, abrindo portas para que todos os alunos construam um futuro sólido e cheio de oportunidades.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J. (org.) **Sentidos e significados do professor na perspectiva sócio-histórica**: relatos de pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, **Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação**. R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013.

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de Significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: ciência e profissão**, ano 26, n.2, Conselho Federal de Psicologia, v. 1, n. 1, 2006.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.

BALL, Stephen J. Reformar escolas/reformar professores e os terrores da performatividade Revista Portuguesa de Educação, vol. 15, núm. 2, 2002, pp. 3-23.

BALL, S. J. Performatividade, privatização e o pós-Estado do bem-estar. Educação & Sociedade, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1.105-1.126, set./dez. 2004

BALL, S. J. Performatividades e fabricações na economia educacional: rumo a uma sociedade performativa. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 37-55, 2010.

BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cad. CEDES**, v. 24, n. 62, p. 26-43, abr. 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v24n62/20090.pdf>> Acesso em: 20 abr 2023.

BOCK, A. M. B., & Liebesny, B. (2003). Quem eu quero ser quando crescer: um estudo sobre o projeto de vida de jovens em São Paulo. In S. Ozella (Org.), *Adolescência construída: a visão da psicologia sócio-histórica* (pp.203- 222). São Paulo: Cortez

BOURDIEU, P; CHAMPAGNE, P. Os excluídos do interior. In: Nogueira, M. A.; Catani, A. (Orgs.). *Pierre Bourdieu: escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 217-227.

BRASIL. Decreto nº 2208, de 17 de abril de 1997. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os artigos 39 a 42 da Lei nº 9.394, d 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Publicado no DOU em 17/04/1997.

_____. Lei 11.741, de 16 de julho de 2008. Altera dispositivos da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 2008. Disponível em: Acesso em: 15 out de 2017.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 39/2004. Aplicação do Decreto nº 5.154/04 na Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Brasília: MEC/CNE, 2004.

_____. Resolução nº 2, de 26 de junho de 1997. Dispõe sobre os programas especiais de formação pedagógica de docentes para as disciplinas do currículo do ensino fundamental, do ensino médio e da educação profissional em nível médio. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp002_97.pdf>. Acesso em 01 out de 2017.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

LEÃO, G. Entre sonhos e projetos de jovens, a escola... in: J. DAYRELL; M. I. C., MOREIRA; M., STENGEL (Orgs.), **Juventudes contemporâneas**: Um mosaico de possibilidades - IV Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira (pp. 99-115). 2011. Belo Horizonte, MG: Editora PUC Mina, 1998.

LOPES, A.C.; MACEDO, E. Teorias de currículo. São Paulo: Cortez, 2011.p. 184-215.

GATTI, B. A.; BARRETTO, E. S. de S. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: Unesco, 2009.

GENTILI, P. A. A. Neoliberalismo e educação: manual do usuário. In: SILVA, T. T. da.; GENTILI, P. A. A. (org.). Escola S. A.: quem ganha e quem perda no mercado educacional do neoliberalismo. Brasília: CNTE, 1996. p. 9-49.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e pesquisa**, v. 29, p. 167-182, 2003.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores** 2. ed. Porto: Porto, 2000. p.31-61.

NÓVOA, António. **Formação de professores e profissão docente**. In: NÓVOA, António **Os professores e sua formação**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1992.p.139-158

MARCELINO, M. Q. S; CATAO, M. F. F. M; LIMA, C. M. P. **Representações sociais do projeto de vida entre adolescentes do ensino médio**. Universidade Federal da Paraíba. 2009.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007

- MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- RIBEIRO, Suzana L. S. Narrativas e entrevistas em pesquisas qualitativas: história oral como possibilidade teórico-metodológica. **Revista Ciências Humanas**, [S. l.], v. 14, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/724>. Acesso em: 6 jul. 2021.
- RIBEIRO, Suzana L. S.; DE OLIVEIRA, Patrícia R. Narrativas em rede: argumentos coletivos e histórias de vida na educação. **RIDPHE_R** Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo, v. 4, p. 412-430, 2018. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/9702>
- RIBEIRO, Suzana L. S.; CARVALHO, Maria Lucia Mendes. História Oral na Educação: memórias e identidades. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2013, v.1. p.100.
- ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. **As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte”**. **Diálogos Educacionais**, v. 6, n. 6, p. 37–50, 2006.
- ROSA, A.D. **Educação profissional de nível médio: Formação para a Cidadania ou emancipação humana?** Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Rio de Janeiro: 2008.
- SANTOS, M. A. L.; RIBEIRO, S. L. S.; ONORIO, W. O. Ensino de História na Base Nacional Comum Curricular (BNCC): sentidos de diversidade nos anos iniciais. **POLÍTICA E GESTÃO EDUCACIONAL (ONLINE)**, v. 24, p. 961-978, 2020. <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/14326>
- SERRANO, A.M.; Correia, L.M. Inclusão e intervenção precoce: para um começo educacional promissor. In L.M. Correia (Orgs). **Inclusão e Necessidades Educativas Especiais** (Porto: Porto Editora, 2003, pp. 53- 59.
- SERRÃO, M.; BALEEIRO, M.C. *Aprendendo a ser e a conviver*. São Paulo: FTD, 1999.
- SILVA, V. F. **Sentido e significado**: o que pensam os alunos sobre a sua formação no curso técnico integrado ao médio, de uma escola técnica do vale do Paraíba. Universidade de Taubaté. Taubaté, 2019.
- SHULMAN, L. S. **Conocimiento y enseñanza: fundamentos de la nueva reforma**. *Profesorado* Revista de Currículum y formación del profesorado, 9, 2, p. 1-30, 2005. Disponível em: <<http://www.ugr.es/~recfpro/Rev92.html>>. Acesso em: 17/06/2023
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

ANEXO I - QUESTIONÁRIO

1. Qual ano do ensino médio você está cursando?
 - Cursando a 1ª série do ensino médio
 - Cursando a 2ª série do ensino médio
 - Cursando a 3ª série do ensino médio
 - Ensino médio incompleto e não cursando
2. Na sua vida escolar, você estudou:
 - Integralmente em escola pública estadual.
 - Integralmente em escola pública municipal.
 - integralmente em escola particular.
 - Maior parte em escola pública estadual.
 - Maior parte em escola pública municipal.
 - Maior parte em escola particular.
3. Você já realiza ou realizou algum curso de Qualificação Básica (cursos rápidos)?
 - Sim, em uma escola pública (exemplo: Novotec expresso ou outros programas governamentais).
 - Sim, em uma escola particular.
 - Nunca fiz.
 - Não sei responder
4. O curso de Ensino Médio que você fez ou está fazendo pertence a que modalidade?
 - Regular.
 - Técnico integrado.
 - Educação para Jovens e Adultos - EJA (Supletivo).
 - Não cursei o Ensino Médio.
5. Você cursa/cursou o ensino técnico simultaneamente ao ensino médio?
 - Sim, na mesma Etec onde faço o ensino médio.
 - Sim, em outra Etec.
 - Sim, em outra escola pública.
 - Sim, em uma escola particular.
 - Não curso/curvei o ensino técnico.
 - Não, já concluí ensino médio e curso/curvei apenas o ensino técnico.
6. Quantas pessoas moram na sua residência, incluindo você?
 - 1.
 - 2.
 - 3.

- 4.
 - Mais de 5.
7. Quantas pessoas da sua residência exercem atividade remunerada?
- 1.
 - 2.
 - 3.
 - 4.
8. Qual é a soma da renda, em salários-mínimos (R\$ 1.302,00), das pessoas de sua residência?
- 1.
 - 2.
 - 3.
 - 4.
9. Qual a sua participação na vida econômica da família?
- Não trabalho e meus gastos são financiados por minha família ou outras pessoas.
 - Trabalho para custear meus estudos.
 - Trabalho para custear os meus estudos e recebo ajuda da família.
 - Trabalho para minha própria manutenção e para auxiliar no orçamento familiar ou de outras pessoas.
 - Trabalho e sou responsável pelo sustento de minha família.
10. Qual é o nível de instrução de seu pai?
- Analfabeto.
 - Lê e escreve, mas nunca esteve na escola.
 - Iniciou o Ensino Fundamental, mas abandonou entre a 1ª e a 4ª série.
 - Iniciou o Ensino Fundamental, mas abandonou entre a 5ª e a 8ª série.
 - Ensino Fundamental completo.
 - Ensino Médio (antigo 2º grau) incompleto.
 - Ensino Médio (antigo 2º grau) completo.
 - Superior incompleto.
 - Superior completo.
11. Qual é o nível de instrução de sua mãe?
- Analfabeta.
 - Lê e escreve, mas nunca esteve na escola.
 - Iniciou o Ensino Fundamental, mas abandonou entre a 1ª e a 4ª série.
 - Iniciou o Ensino Fundamental, mas abandonou entre a 5ª e a 8ª série.
 - Ensino Fundamental completo.
 - Ensino Médio (antigo 2º grau) incompleto.
 - Ensino Médio (antigo 2º grau) completo.

- Superior incompleto.
- Superior completo.

12. Como você classifica a sua cor de pele?

- Branca.
- Preta.
- Parda.
- Amarela.
- Indígena.
- Raça / Cor não-declarada.

13. Por que você escolheu fazer um curso na Etec?

- Para melhorar meu desempenho profissional.
- Para facilitar uma ascensão profissional.
- Por oferecer uma formação mais específica.
- Preciso de um título profissional de nível técnico.
- Para aumentar meus conhecimentos na área.
- Por ser um curso gratuito.
- É reconhecido como um curso de qualidade.
- Tenho interesse na área.

14. Você acessa a Internet em sua casa?

- Sim.
- Não.

15. Você tem conhecimento da reforma do ensino médio?

- Pouco.
- Somente pelos telejornais.
- Pelos professores.
- Não tenho conhecimento.

16. Você pretende fazer Enem?

- Sim.
- Não.
- Somente no próximo ano.

17. Você tem a intenção de prestar vestibular?

- Sim, em instituição pública.
- Sim, em instituição particular.
- Não.

18. Que tipo de equipamento você possui para complemento de estudos?

- Desktop.
- Notebook.
- Celular Smartphone.
- Tablet.
- Nenhuma das anteriores.

19. Você acha que a reforma do ensino médio ajuda você a se preparar melhor para os vestibulares?

- Sim.
- Não.
- Não sei dizer.

ANEXO II - ROTEIRO ENTREVISTAS

Infância

- Qual seu nome e local de nascimento?
- Que lembrança você tem do seu ensino fundamental, o que mais te marcou nesse período?
- Poderia contar um pouco sobre sua família, quantas pessoas moram na sua casa, quantas pessoas trabalham, conte um pouco da sua rotina.

Formação

- Você pretende continuar seus estudos, acha importante continuar a estudar?
 - Qual seu sonho?
 - Você deseja seguir alguma profissão?
 - Pretende fazer algum curso universitário?
 - Em sua formação, você acha que está sendo preparado(a) para realização dos vestibulares ou para Enem?
 - Há algo que você acha que deva mudar, sim ou não,
 - Sim, qual?
 - Não, por quê?
 - O curso técnico você acha que vai te ajudar no mercado de trabalho?
 - Além do mercado de trabalho, que outras formações você acha que seriam importantes?

Novo Ensino Médio

- Você tem conhecimento sobre o novo ensino médio implantado nas escolas técnicas?

- Qual foi a maior mudança em sua vida estudantil com a implementação do novo ensino médio.
- Quais foram suas expectativas para curso o ensino médio integrado.
- Você tem conhecimento de disciplinas novas que foram implantadas em seu curso e de disciplinas que foram retiradas.
- Como você acha que deveriam ser suas disciplinas, com relação às teorias e às práticas?
- Quais disciplinas deveriam ter mais aulas, em sua opinião, para um melhor preparo (mercado de trabalho, vestibular, formação humana)?
- Em sua opinião, os métodos avaliativos promovidos pelo ensino médio corroboram para verificar sua aprendizagem?



MESTRADO
PROFISSIONAL
EM EDUCAÇÃO



Passo a passo Entrevistas com alunos de Ensino Médio

Alisson Xavier Ferreira

Suzana Lopes Salgado Ribeiro



Todo conhecimento começa com o sonho. O sonho nada mais é que a aventura pelo mar desconhecido, em busca da terra sonhada. Sonhar é coisa que não se ensina, brota das profundezas do corpo, como a alegria brota das profundezas da terra. Como mestre só posso então lhe dizer uma coisa. Contem-me os seus sonhos para que sonhemos juntos.

Rubem Alves



MESTRADO
PROFISSIONAL
EM EDUCAÇÃO



Introdução

Entrevistar adolescentes pode ser um desafio.

Este guia, pretende compartilhar procedimentos que garantiram a realização de uma pesquisa sobre “ Sonho ou Realidade? Ensino Superior e Mercado de Trabalho: Perspectiva Estudantil Frente a Implementação do Novo Ensino Médio em uma Escola Técnica em SP, com alunos do ensino médio.

Mas como produzir uma educação de qualidade sem ouvir o que eles tem a dizer? Desta forma, defendemos aqui a importância de criar



MESTRADO
PROFISSIONAL
EM EDUCAÇÃO



Primeiro Passo

Criar aproximações

Usar o que você aprendeu sobre os interesses do aluno para conectar com o conteúdo da sua pesquisa . Por exemplo, se ele gosta de música, pergunte como a matemática está presente na composição de uma canção que ele gosta



Segundo Passo

Conhecer os interesses

Procurar conhecer quais são os hobbies e paixões dos alunos. Pergunte sobre filmes, séries, esportes, jogos, animes, ou qualquer outra coisa que ele goste de fazer fora da escola. Isso ajuda a construir uma conexão.



Terceiro Passo

Ter um papo reto com alunos

Crie um ambiente de bate-papo, não de interrogatório. Comece com perguntas leves para quebrar o gelo e mostrar que você está lá para ouvir e não para julgar.



MESTRADO
PROFISSIONAL
EM EDUCAÇÃO



Quarto passo

Pesquisa Preliminar

Antes de tudo, prepare-se, revise o histórico escolar do aluno, trabalhos recentes ou qualquer observação que você tenha sobre ele, isso o ajudará a direcionar a conversa e a mostrar que você se importa com a trajetória dele.



Quinto Passo

Marcar as entrevistas

Agende um local e horário que sejam tranquilos e confortáveis para o aluno. Deixe claro que a entrevista é opcional e confidencial para que ele se sinta seguro para se abrir.



Sexto Passo

Registrar a narrativas

Peça para o aluno contar histórias sobre as experiências dele em sua aula. As narrativas são mais ricas em detalhes do que respostas curtas. Pergunte sobre a aula que ele mais gostou, o momento mais desafiador, ou algo que ele aprendeu e se lembra com carinho.



Sétimo Passo

Transcrições

Se o aluno permitir, grave a entrevista e a transcreva, posteriormente.

A transcrição completa pode ser útil para uma análise mais profunda das palavras e emoções do aluno.



MESTRADO
PROFISSIONAL
EM EDUCAÇÃO



Oitavo Passo

Conferências

Devolva o material produzido – transcrito – para que o aluno possa ler e verificar se está tudo correto.

Este é passo importante para que ele se veja como produtor de conhecimento, protagonista de sua história e valorize sua história.



Conclusão

O registro das narrativas dos alunos trouxe informações importantes no desenvolvimento do meu trabalho de pesquisa, mais para além deste propósito, demonstrou quanto nos professores somos importantes na vida e nas escolhas profissionais dos nossos alunos, saber desse papel trouxe grandes reflexões sobre meu papel como educador, e o quanto nossos alunos são importantes em nossa construção.



Referências

- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Guia Prático de História Oral** para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011
- RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. História Oral e ensino: registro de entrevistas para análise de práticas docentes. **Revista Hominum**. N. 24, Jan. 2023. Disponível em: https://www.revistahominum.com/wp-content/uploads/2023/01/ed24_vol09.pdf
- RIBEIRO, S. L. S. Narrativas e entrevistas em pesquisas qualitativas: história oral como possibilidade teórico-metodológica. **Revista Ciências Humanas**, [S. l.], v. 14, n. 1, 2021. DOI: 10.32813/2179-1120.2021.v14.n1.a724. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/724>
- RIBEIRO, S. L. S.; DE OLIVEIRA, P. R. Narrativas em rede: argumentos coletivos e histórias de vida na educação. **RIDPHE R** Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo, v. 4, p. 412-430, 2018. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/9702>
- RIBEIRO, S. L. S. Visões e perspectivas: documento em história oral. **ORALIDADES** (USP), n.2-Jul-Dez/2007, p.35 - 44, 2007.
- SANTOS, P. A.; BRISOLA, E. M. A.; **RIBEIRO, S. L. S.** ENTREVISTAS E SUAS RELAÇÕES DE PODER: Uma reflexão sobre a coleta de dados em uma instituição de saúde. **Temas em saúde**, v. 20, p. 61, 2020. Disponível em: <http://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2020/04/20204.pdf>



MESTRADO
PROFISSIONAL
EM EDUCAÇÃO



Passo a passo Entrevistas com alunos de Ensino Médio

Alisson Xavier Ferreira

Suzana Lopes Salgado Ribeiro



Todo conhecimento começa com o sonho. O sonho nada mais é que a aventura pelo mar desconhecido, em busca da terra sonhada. Sonhar é coisa que não se ensina, brota das profundezas do corpo, como a alegria brota das profundezas da terra. Como mestre só posso então lhe dizer uma coisa. Contem-me os seus sonhos para que sonhemos juntos.

Rubem Alves



MESTRADO
PROFISSIONAL
EM EDUCAÇÃO



Introdução

Entrevistar adolescentes pode ser um desafio.

Este guia, pretende compartilhar procedimentos que garantiram a realização de uma pesquisa sobre “ Sonho ou Realidade? Ensino Superior e Mercado de Trabalho: Perspectiva Estudantil Frente a Implementação do Novo Ensino Médio em uma Escola Técnica em SP, com alunos do ensino médio.

Mas como produzir uma educação de qualidade sem ouvir o que eles tem a dizer? Desta forma, defendemos aqui a importância de criar



Primeiro Passo

Criar aproximações

Usar o que você aprendeu sobre os interesses do aluno para conectar com o conteúdo da sua pesquisa . Por exemplo, se ele gosta de música, pergunte como a matemática está presente na composição de uma canção que ele gosta



Segundo Passo

Conhecer os interesses

Procurar conhecer quais são os hobbies e paixões dos alunos. Pergunte sobre filmes, séries, esportes, jogos, animes, ou qualquer outra coisa que ele goste de fazer fora da escola. Isso ajuda a construir uma conexão.



Terceiro Passo

Ter um papo reto com alunos

Crie um ambiente de bate-papo, não de interrogatório. Comece com perguntas leves para quebrar o gelo e mostrar que você está lá para ouvir e não para julgar.



MESTRADO
PROFISSIONAL
EM EDUCAÇÃO



Quarto passo

Pesquisa Preliminar

Antes de tudo, prepare-se, revise o histórico escolar do aluno, trabalhos recentes ou qualquer observação que você tenha sobre ele, isso o ajudará a direcionar a conversa e a mostrar que você se importa com a trajetória dele.



Quinto Passo

Marcar as entrevistas

Agende um local e horário que sejam tranquilos e confortáveis para o aluno. Deixe claro que a entrevista é opcional e confidencial para que ele se sinta seguro para se abrir.



Sexto Passo

Registrar a narrativas

Peça para o aluno contar histórias sobre as experiências dele em sua aula. As narrativas são mais ricas em detalhes do que respostas curtas. Pergunte sobre a aula que ele mais gostou, o momento mais desafiador, ou algo que ele aprendeu e se lembra com carinho.



Sétimo Passo

Transcrições

Se o aluno permitir, grave a entrevista e a transcreva, posteriormente.

A transcrição completa pode ser útil para uma análise mais profunda das palavras e emoções do aluno.



MESTRADO
PROFISSIONAL
EM EDUCAÇÃO



Oitavo Passo

Conferências

Devolva o material produzido – transcrito – para que o aluno possa ler e verificar se está tudo correto.

Este é passo importante para que ele se veja como produtor de conhecimento, protagonista de sua história e valorize sua história.



Conclusão

O registro das narrativas dos alunos trouxe informações importantes no desenvolvimento do meu trabalho de pesquisa, mais para além deste propósito, demonstrou quanto nos professores somos importantes na vida e nas escolhas profissionais dos nossos alunos, saber desse papel trouxe grandes reflexões sobre meu papel como educador, e o quanto nossos alunos são importantes em nossa construção.



Referências

- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Guia Prático de História Oral** para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011
- RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. História Oral e ensino: registro de entrevistas para análise de práticas docentes. **Revista Hominum**. N. 24, Jan. 2023. Disponível em: https://www.revistahominum.com/wp-content/uploads/2023/01/ed24_vol09.pdf
- RIBEIRO, S. L. S. Narrativas e entrevistas em pesquisas qualitativas: história oral como possibilidade teórico-metodológica. **Revista Ciências Humanas**, [S. l.], v. 14, n. 1, 2021. DOI: 10.32813/2179-1120.2021.v14.n1.a724. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/724>
- RIBEIRO, S. L. S.; DE OLIVEIRA, P. R. Narrativas em rede: argumentos coletivos e histórias de vida na educação. **RIDPHE R** Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo, v. 4, p. 412-430, 2018. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/9702>
- RIBEIRO, S. L. S. Visões e perspectivas: documento em história oral. ORALIDADES (USP), n.2-Jul-Dez/2007, p.35 - 44, 2007.
- SANTOS, P. A.; BRISOLA, E. M. A.; **RIBEIRO, S. L. S.** ENTREVISTAS E SUAS RELAÇÕES DE PODER: Uma reflexão sobre a coleta de dados em uma instituição de saúde. **Temas em saúde**, v. 20, p. 61, 2020. Disponível em: